

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 618

Terça-feira 29 de Abril de 1986

Preço 40\$00

"O Direito à Preguiça"
de Paul Lafargue



PRD

Eanes

a um passo da adesão

Eanes reuniu-se ontem pela primeira vez com as estruturas de cúpula do PRD mas ainda não foi desta vez que veio a notícia definitiva do seu ingresso naquele partido. Apenas a certeza de que aceita ser o líder. Agora, presume-se, é só mais um passo, a dar lá para meados de Junho.

Pág. 6

PS

Constâncio e Gama apresentam moções

Págs. 4 e 5

Alargando conceito de "justa causa"

GOVERNO QUER 'PORTA LARGA' PARA DESPEDIR

Alargar a porta aos despedimentos pela extensão da justa causa é a pretensão do Governo contida em pedidos de autorização legislativa apresentados ao Parlamento. Até agora o assunto não foi agendado, mas o Governo tenciona avançar com o projecto que irá pôr em ebulição o mundo laboral.

Pág. 15



Aspecto da central de Chernobil onde ocorreu a fuga radioactiva. Em cima: populares foram levados para abrigos em Forsmark, na Suécia



Acidente nuclear na URSS

● **Nuvem radioactiva chegou à Escandinávia**



António Aleixo ignorado e (quase) esquecido na terra que o viu nascer

A. Vicente Campinas

Na realidade, parece, à primeira vista, que o grande poeta popular que todo (ou quase todo) o País conhece e aprecia, decorando-lhe as quadras, na sua quase totalidade, está como que esquecido na vila fronteiriça que lhe serviu de berço. É que deram ao largo onde nasceu (que era conhecido por Largo da Forca) o seu nome. E que, além disso, tem, no lindo jardim à beira-Guadiana, um minúsculo busto, onde a memória do pobre homem, rico poeta, que foi António Aleixo, está modelado em bronze, apenas desde o longo e magro pescoço até ao extremo limite da cabeça. Mas, com toda a franqueza e sinceridade: — será isso o suficiente para homenagear a memória desse extraordinário Poeta popular, para que possa ser lembrada, com o devido respeito, pelos seus conterrâneos de hoje e de sempre?

Creemos que pouco, ou quase nada, se tem feito para que os vila-realenses, em especial, ou os algarvios, em geral, possam ter sempre presente a memória desse pobríssimo homem, desse grande poeta popular e nacional, que merece muito mais do que a sua terra lhe tem dispensado. É verdade que existe o Grupo de Teatro António Aleixo, no Glória

FC. Mas, para além disso, que mais se faz para que a memória dessa figura ímpar na poesia popular portuguesa possa estar bem presente nos que vivem, ou visitam, a terra onde nasceu?

Mais generosa, a que foi mãe-madrasta que o adoptou, Loulé, vai, depois de o deixar morrer de tísica, que o mau-passar originou, vai, agora, erguer-lhe uma estátua, suplantando o busto que foi erguido em Vila Real de Santo António. Consta-me que essa estátua será erigida por subscrição pública. Justo. Nada mais justo que fazer participar em tão honrosa iniciativa quantos conheceram o poeta, em vida, e hoje lembram com natural orgulho a sua memória. Porque foi ali que António Aleixo viveu / sofreu durante a sua existência. Podia, aqui, lembrar uma das suas quadras lapidares que, num dos muitos momentos de desânimo e desespero, Aleixo escreveu:

*O destino, por ser forte
esta má sorte me deu
de ter de vender a sorte
aos mais felizes que eu.*

Mas o facto deste Poeta (com P maiúsculo, sem dúvida bem merecido) ter nascido na vila pombalina obriga esta terra, os seus dirigentes, a

reestudar o problema. O problema da insignificância do busto do poeta, colocado em pleno jardim da beira-rio.

Dada a pobreza de tal busto, este tem sido maltratado e, até, ridicularizado, por certa gente, talvez adversários das ideias progressistas do genial poeta popular, talvez uns desgraçados da cultura e do peso que ela representa para um povo como o nosso.

Há uns anos, retirei uma beata, ridiculamente colocada entre os beicuchos desse busto. Depois, outros ignorantes em matéria poética e social, sujaram de negro (seria alcatrão?) as faces de tão insignificante busto. Agora, por ocasião da Páscoa, fui passar uns dias à minha vila adoptada e fronteiriça. E revisitando esses lugares ajardinados fiquei outra vez espantado, indignado mesmo, contra esses malandrins desconhecidos que tinham metido uma outra beata nos beicuchos do busto do Poeta! Insultei, atizado pela ira, os que tão velhacamente tinham realizado tal «proeza». Não pude conter-me. Pulei a baixa vedação que circunda o pedestral onde o busto se encontra, retirando esse resto de cigarro que tanto ridicularizava uma figura em bronze de quantos respeitam e admiram o valor poético do que foi tão pobretana em vida, mas tão rico após a sua morte: António Aleixo.

Existem, portanto, sérias razões para pôr duas questões,

que me parecem fundamentais, a fim de acabar com estas vergonhosas manifestações contra a memória de um poeta antifascista de tão elevado gabarito nacional, cantado e propagandeado e estudado em muitos lugares deste país adiado:

— Não poderão os professores das escolas locais, desde a primária até à secundária e preparatória incutir no espírito dos seus alunos a necessidade de respeito e, até, de admiração, por alguém que foi um grande poeta popular e é, também, uma honra para a terra que lhe serviu de berço?

— Não poderão as autoridades locais, administrativas e outras, a exemplo do que se vai fazer em Loulé, se debruçarem a sério sobre este problema e tomar a iniciativa de erguer uma autêntica estátua para substituir o busto existente no jardim da avenida marginal? Mesmo recorrendo a uma subscrição pública?

É que o busto existente, pela sua insignificante dimensão, propicia as atrevidas e malévolas acções, levadas a cabo por marginais (?) da cultura portuguesa e algarvia, em especial.

O poeta bem sabia da injustiça e da ingratidão de certas pessoas, quando dizia: *Porque o mundo me empurrou
caindo na lama, e então
tomei-lhe a cor, mas não sou
a lama que muitos são.*

Manuel Augusto Araújo

Nova esquerda, esquerda nova entendamo-nos

Manuel Augusto Araújo

Le temps ne fait rien à l'affaire
Quand on est con, on est con

Georges Brassens

Faço-me entender? Simplifiquei o suficiente para me fazer entender?

Eduardo Prado Coelho

Tudo fica contido na leitura sequencial destas duas citações. Tudo poderia ficar por aqui, porque para aqui se chegar, atravessa-se muita folha de jornal, ouvem-se e vêem-se, o que é desigual porque o ver é bastante mais penoso, várias sessões na rádio e na televisão, descobrindo-se, através de um denso nevoeiro palavroso, a aridez cada vez mais nítida de uma planície plantada de ideias ressequidas, embrulhadas em papel de prata que é de folhas de estanho, e que eles devoram para as replantarem embrulhando-as de novo, tornando-as a embrulhar, continuando a embrulhá-las, atarefadíssimas Penélopes desesperadas de lograr assisir à chegada de um qualquer Ulisses que lhes apazigue as débeis pulsões, dando-lhes prova das suas verdades. Só que os Ulisses nunca chegarão, definitivamente enfraquecidos de tanto acorrerem às inúmeras sereias que os entontecem com esperanças fúteis e os fazem trambolhar nas mesmas outras ideias em circuito fechado. Eles são esses prolixos escrevinhadores, ditos analistas, comentaristas ou opiniosos avulso que Piteira Santos, numa fórmula feliz de rigor e humor, apelidou de «rapaziada da esquerda moderna com o seu anticomunismo secundário e de salão» e que empreenderam a estafeta da «renovação» da esquerda agarrando o testemunho de velhos, ultrapassados e desacreditados conceitos que, por golpes de mágica cíclicos e adequados ao momento, brilham de insuportáveis novidades, e lá continuam correndo sem meta à vista, muito entretidos a trocar mimos entre si, interessados que outros assistam ao espectáculo.

Um dos mais torrenciais «renovadores»

Um dos mais torrenciais «renovadores» é Eduardo Prado Coelho. Intellectual de créditos firmados noutras áreas, deixasse fascinar pela intervenção política e desbarata-se, por apetite próprio ou provocado, em crónicas, pontos de vista, colóquios, entrevistas, opiniões, em tudo o que estiver à mão de semear da pena e da voz, até se fechar na concha do seu repouso pensante para, ao primeiro raio de sol, saltar de novo para a letra impressa ou para os ecrãs da televisão.

Ultimamente as eleições presidenciais, até ver, ainda não lhe saciaram a fome e vai por aí um falazar que ameaça continuar.

O que persegue E. P. C.? Ele próprio passa a vida a dizê-lo: «quer renovar a esquerda portuguesa», na verdade, e porque não é homem para pequenas coisas, «quer chegar à esquerda novíssima» (o que será).

E de tanto se repetir adquire tal convicção interior que salta sobre as realidades quotidianas, sobre o seu concreto e imaginário, e substitui-as pela sua própria e incomensurável realidade, transferindo os movimentos de rotação e translação da terra para os segregados pela sua cabecinha.

Quando se consegue atingir ponto tão alto, adquirem-se excelências de Pitonisa: «há apenas uma esquerda, a esquerda positiva e construtiva do futuro, a esquerda que rompeu com o paradigma marxista e tem de ser essa esquerda, sem ambiguidades nem transigências, a impor a linha de esquerda que acabará por envolver os nostálgicos, os retardatários, os que têm um luto difícil... e os insuportavelmente chatos de todas as esquerdas do mundo». Como se lê, E. P. C. está possuído pela verdade última e disposto a impô-la, custe o que custar, a quem custar. Como exemplo de sectarismo dogmatismo não está nada mal, mas justifica-se E. P. C. tem esse direito adquirido por esforço e mérito próprios. É desde 1975 — alguns nossos conhecidos despertaram para a política uns meses mais cedo — um Sísifo a trepar directamente ou indirectamente montanhas vergado ao peso da pedra filosófica da, pelos vistos, novíssima esquerda. Ela foi o GIS, ela foi a UEDES, ela foi o Partido Socialista, ela foi a candidatura de Lourdes Pintassilgo, ela é... ela será... bolas!!! deve ser cá um esforço que não é despiçando aplaudir.

Desçamos às profundidades do seu pensamento. Para E. P. C., a «revolução é um tema do passado», as «sociedades modernas são complexas», o «real é complicadíssimo», as «formas tradicionais de conflito entre direita e esquerda perderam nitidez e pertinência», e uns pensam encontrar «essas formas de antagonismo em torno das questões sócio culturais e do poder das linguagens e das linguagens do Poder e outros pensam «que encontrar essas formas de antagonismo passa pelo abandono das clivagens tradicionais entre direita e esquerda» E. P. C. cautelarmente «pensa» que talvez todos tenham, a seu modo al-

Entendamo-nos!

guma razão, «mas que isso tem a ver sobretudo «com o declínio do marxismo, que foi perdendo a sua capacidade de intervenção na realidade e no imaginário político e na prática política». Em sucessivas penadas alguma coisa se esclarece do seu pensar. Relativamente à revolução compreende-se, por desconfiança que para ele revoluções só à séria, à antiga. Enfim uma revolução é uma revolução com todos e que, cada vez que fala de revolução vai ao espelho verificar se o seu olhar é tão fero como o que Robespierre lançava ao pescoço de Maria Antonieta, ou encena visões cinematográficas à Peckinpah. Como tudo lhe sai fruste desistiu de acreditar em revoluções. Em suma, não sabe descortinar revolução nem movimento revolucionário fora desses quadros, pelo que não entende que há revoluções outras, possíveis mesmo dos limites das democracias tradicionais, ampliando, transformando e fazendo avançar essas democracias para outras democracias.

Arruma Marx na prateleira das bibliotecas

De outra penada arruma Marx na prateleira das bibliotecas, atribuindo-lhe «dignidade teórica» de parceria com outros ilustres filósofos que se estudam tranquilamente «nas universidades». Agradecemos a Prado Coelho o pequeno favor que faz na graduação professoral de Marx, mas recuse-se liminarmente a lobotomia que lhe faz, retirando a Marx e ao pensamento marxista o que tem de mais vital — «Os filósofos não têm feito senão interpretar o mundo; o que importa é transformá-lo» (Marx/Teses sobre Feuerbach) — para mais facilmente concluir que «o marxismo deixou de ser referência privilegiada para os que querem modificar o mundo, isto é, para os que fazem política», revelando os seus mestres actuais e que propõe a todos os que fazem política: «é difícil pensar hoje política sem dialogar com um John Rawls, ou um Jürgen Habermas, ou um Norberto Bobbio, ou um Niklas Luhman, ou um Alain Touraine... e isto é o essencial». Estranhe-se que considerando E.P.C. que «Aristóteles, Kant ou o romantismo alemão são hoje mais produtivos que Marx» se continue a preocupar em modificar o mundo e tenha como referência pensadores que querem modificar o mundo, naturalmente situados numa leitura qualquer do pensamento marxista. Esquemáticamente é de ver como esses mentores do pensamento político actual, no dizer abalizado de E.P.C., querem modificar o mundo e o que querem modificar no mundo. Dividem-se muitos dos pensadores modernos por duas grandes escolas que radicam a sua oposição em duas concepções de sociedade

destintas. Uns consideram a sociedade como um todo indestrutível, dotada de mecanismos naturais de auto-regulação que digerem as crises, as roturas, as greves, as revoltas sociais, etc., que desempenham o papel de movimentos convulsos dentro do tecido socio económico prolongando a esperança de vida do sistema. São os fundadores da escola francesa, reformulada por Parsons e que desembocam no ultra conservadorismo de um Hayek, um Hutt, um Mannheim). A estes opõem-se os defensores de uma sociedade aberta, dividida em duas, pelo que aceitam a luta de classes, mas aceitando esse princípio essencial do marxismo acabam por considerar a luta de classes uma utopia, um desejo, uma expectativa, um estímulo da evolução social impulsionado por uma elite intelectual. Luta de classes que iria perdendo sentido na sociedade pós-industrial. São os herdeiros da Escola de Francoforte, na pluralidade de correntes em que se dividiram e que aceitam os princípios marxistas como valores meramente instrumentais. Nestes são de referir os que, como Habermas, ainda que vinculados à escola de Francoforte, ocupam um lugar conflitual por separarem o mundo da produção económica do todo sociopolítico e por referirem os problemas políticos ao mundo das ideias, distanciando-os da luta de classes. Uns e outros, ultrapassada a modernidade e chegados ao pós-modernismo, embora veiculando posições diferenciadas sobre o sistema económico, deixam-no ficar intacto no seu essencial, centrando as suas preocupações na sua performatividade. São teorias idealistas, que se reduzem a reformar o sistema. Para Habermas a emancipação social é o acordo entre os homens, enquanto inteligências conhecedoras e vontades livres, obtido através do diálogo, diálogo que pode ser manipulado pelo sistema como uma das suas componentes para manter ou melhorar as suas performances. Luhmann vai mais longe, preconizando que o sistema tem de suscitar a adaptação das aspirações individuais aos seus próprios fins e que é necessário evitar o risco de perturbação, dirigindo as aspirações individuais através de um processo de aprendizagem livre de toda a perturbação a fim de se tornarem compatíveis com as decisões do sistema. Este não tem que respeitar as aspirações, é preciso é que as aspirações pretendam essas decisões.

Orwell é grotesco comparado com o refinamento e o cinismo deste pronto-a-vestir totalitário, travestido de democracia.

Conhecidos os mestres é mais fácil entender

Conhecidos os mestres é mais fácil entender porque é que

E.P.C. não sabia o que seria pior para a esquerda, se a candidatura de Freitas do Amaral se a de Zenha, porque considera que o grande acontecimento do nosso tempo ideológico é a separação no interior da família da esquerda, entre os que privilegiavam o diálogo entre a esquerda democrática e a esquerda totalitária, e os que elegem o diálogo entre a esquerda democrática, e a direita democrática, e ele tem os seus interlocutores preferenciais na direita democrática, porque justiça social é, para ele, um conceito confusionista, o antifascismo um arcaísmo (esta dos arcaísmos, das modernidades, do novo, etc., etc., também é uma panóplia a desmontar) ou, ainda, como do fundo do seu cadeirão decreta que «os partidos comunistas só se chamam 'comunistas' porque não é fácil mudar de nome e é preciso salvar a honra do convento», e interroga «de resto alguém pensa que o P.C. italiano ou o francês ou o espanhol ou o grego ou mesmo o português pretendem fazer a revolução como mandam os clássicos», acrescentando definitivamente: «os partidos comunistas pretendem apenas manter a imagem de marca e fazer as festas do 'L'Humanité' ou do 'Avante!' o que é útil e já dá trabalho que chegue».

Perante tanta parvoidade pasme-se. No entanto, conceda-se, por enquanto, o benefício da dúvida a E.P.C. e faça-se o favor de atribuir tamanhos dislates à ignorância ou aos seus parcos conhecimentos marxistas, para não falar do marxismo-leninismo, colhidos certamente em leituras apressadas de alguns 'digest', provavelmente até dados à estampa por conceituadas editoras, e explanemos sucintamente. O marxismo, o marxismo-leninismo é um sistema teórico que procura conhecer o mundo e no próprio processo de promover a sua transformação. Sistema teórico atento à realidade, à experiência, que se enriquece e transforma confrontando-se com novas realidades, afirmando-se e afirmando que nenhuma teoria esgota o real. O marxismo-leninismo não se estratifica em princípios e conceitos esquemáticos que tornam opacas as realidades actuais, nem analisa as novas situações com especulações teóricas que esquecem as experiências revolucionárias, ou se apressam a virar costas aos princípios marxistas-leninistas porque uma realidade nova está em contradição com um texto clássico. Os textos clássicos não são nem uma bíblia de profecias nem uma fonte de deleite teorizador. Fundamentam um escopo teórico que permite formular teses em épocas diferentes, perante realidades fortemente diferenciadas e pô-las à prova na prática. Por isso, os partidos marxistas-leninistas aprendem com a experiência dos outros

partidos marxistas-leninistas, com os seus êxitos e os seus fracassos, com o que é universalizável dessa experiência e que contribui para enriquecer a experiência própria na realidade em que actuam, realidades e situações que, por seu turno, são geradoras de novas experiências contribuindo teórica e praticamente para desenvolver um património comum.

Situações semelhantes não são iguais

É este o movimento dialéctico da prática e da teoria marxista-leninista. Situações semelhantes não são iguais, têm traços distintos e transposição acrítica de soluções experimentadas é sempre redutora, ainda que não seja um fracasso. Situações muito diferentes não são completamente desiguais. Têm traços secantes e o desprezo por soluções experimentadas são igualmente redutoras, ainda que não sejam um fracasso.

Em síntese, a revolução faz-se não como «mandam» os clássicos, mas com os fundamentos teóricos que os clássicos lançaram. Mesmo a festa do 'L'Humanité' e do 'Avante!' são diferentes, não tão-só porque sejam feitas uma em França e outra em Portugal, mas porque as realidades de Portugal e de França são diferentes, e são igualmente diferentes, mesmo que próximos aqueles que as fazem.

Preocupa-se EPC porque não existem centros de estudos, revistas, institutos do marxismo português, e conclui que não há produção teórica. Visão estreita de universitário que pensa, talvez pensando na protecção do seu estatuto, que a produção teórica só se fabrica na penumbra dos gabinetes. Atente a tudo o que já se viveu desde o 25 de Abril e antes do 25 de Abril e verifique, honestamente, que a produção teórica do marxismo-leninismo é bastante vasta, mesmo sem a existência de um qualquer instituto, e tem sido largamente experimentada, posta à prova, aprofundando-se com os êxitos e com os malogros, e isso explica, sim, a solidez de um partido e o crédito de confiança que tem.

Mas, como EPC não é inocente, o que ele, na dele, quer é recusar aos partidos marxistas-leninistas o seu papel revolucionário de partidos que actuam prática e teoricamente sobre a realidade com o objectivo de a transformarem. O que ele no fundo deseja é que os partidos marxistas-leninistas se reduzam, por opção própria de preferência, a uma das rodas de um dos mecanismos da «engenharia social» de Popper: «Tal como a tarefa principal da engenharia física é desenhar máquinas, remodelá-las e servir-se delas, assim a da engenharia social é traçar o modelo das instituições sociais, reconstruí-las e pôr em actividade as já existentes».

Enfim, partidos comunistas abdicantes dos seus objectivos fundamentais, sindicatos orgulhosos da sua amarelise, massas castrando alegremente a sua criatividade, operários e assalariados aplaudindo em desvario a sua exploração, Prados Coelhos a ensinarem como a ideia de esfera faz andar em vertigem as sociedades sobre as rodas de tudo ficar quase na mesma.

Quando entra nos terrenos do socioeconómico a incompreensão de EPC amplifica-se. As perplexidades são imensas. Fica sem saber por onde passa a linha de demarcação entre direita e esquerda. Dá cartas, baralha, torna a dar, baralha, dá de novo e não consegue decifrar os sinais que o tarot lhe fornece, pelo que procura uma saída de salvação (quem tiver pachorra leia «A Prova do Quotidiano», Expresso, 86/3/8). Joga com o papel desempenhado, nos discursos de direita e de esquerda, pelos conceitos de progresso e de justiça social (e há que discutir o que se entende por progresso e por justiça social e o significado que têm para a direita e para a esquerda e para uma certa direita e para uma certa esquerda), discreta silogisticamente sobre produção/acumulação para fugir ao ponto nodal da análise marxista da sociedade capitalista, pré ou pós-industrial, que é a de existirem paralelamente e em conflito uma produção social e a apropriação privada arbitrária e que não favorece sequer uma classe como tal. Problema nodal de onde decorre o problema da propriedade dos meios de produção e da sua extensão, da coexistência entre formações económicas diversas e da necessidade essencial da produção social ser dominante e determinante, ainda que não exclusiva. Desde o 25 de Abril que Portugal tem tido uma riquíssima e única experiência no confronto e coexistência entre esses dois tipos de produção, suas formas intermédias, e sua mediação política. Essa experiência é desconhecida por EPC, ou melhor, o seu esquematismo pensante não se coaduna com essa realidade movente e fundamental para se entender a actividade política portuguesa. E como a não percebe, foge em frente munido de vários patins empiristas para adquirir maior velocidade no correr da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, sem ultrapassar as fronteiras «democráticas» de um e do outro lado e que ele traçou a seu bel-talante, no afã de encontrar a almejada fronteira, até produzir por fim esta jóia de preclaro pensamento: «A única fronteira em que o antagonismo (entre direita e esquerda) é possível, é a fronteira cultural — uma cultura pensa uma certa justiça social, outra cultura pensa outra».

O que parecia complicado

Ora aqui está como o que pa-

recia tão complicado se simplifica exemplarmente. É tudo um jogo de espelhos que se deslocam ora para a esquerda ora para a direita reflectindo diferentes imagens de justiça social, consequência das suas diferentes curvaturas. O eixo por onde se deslocam é imutável e está solidamente implantado na realidade eterna do esquema acumulação/distribuição que é pobre, não fora EPC enriquecê-lo num golpe de génio. Verificando que esse esquema «não ultrapassa, na melhor das hipóteses, o plano ético (que tem sempre um fundo culpabilizante: existe injustiça porque existem exploradores)» avança esta maravilha: «Um novo paradigma de esquerda propõe-nos um plano ético que se inclina para o lado estético».

Esta só lembra, e só pode lembrar, a quem tem o estômago asseguradamente reconfortado, o pensamento bem climatizado e mede a realidade por aquela que entrevê debaixo da sua cama fofa. Bem gostaríamos de saber como é que EPC «muda a qualidade social do quotidiano em que vivemos» se não for garantindo uma produção social dominante e que tenha os meios e instrumentos para actuar sobre o quotidiano, passando, por exemplo, do consumismo cultural para a democratização da cultura. Também gostaríamos de saber como é que EPC fornece a «imaginação do possível» a quem sobra mês além do ordenado, tem salários em atraso ou está desempregado, sabendo que como Marx afirmava para «o homem que tem fome não existe a forma humana dos alimentos».

Mas como para EPC as formações económicas, a propriedade dos meios de produção, são questões meramente técnicas, julgamos que se prepara, e em coerência com a acentuação da inclinação do lado estético do plano ético da imagem de justiça social que a cultura de esquerda tem, e que ele preconiza e subscreve, para representar a dança dos pãezinhos de Charlot, travestido de senhora da Conferência de S. Vicente de Paula, distribuindo por esse País fora imaginações do possível às mãos-cheias, o que certamente motivará muita gente que ficará extremamente sensibilizada por esta esquerda inovadora.

Do muito que eles dizem/escrevem pouco mais há a dizer. Estes repensadores continuarão enterrados nos seus cadeirões professorais, a olhar o Mundo através dos fólios das suas bibliotecas. Não os façamos levantar e espreitar a realidade, ainda que só seja através das estreitas frestas das suas janelas. Será o naufrágio.

NOTA: Simplifiquei o suficiente para me fazer entender? Compiliquei tanto que não se percebesse que EPC é um recurso de poupança de tempo? Entre toda a gama de cinzentos escolheu-se um cinzento. Mais nada.

Constâncio em Lisboa

"Depois do Congresso não tememos eleições"

Vitor Constâncio afirmou esta manhã, em encontro com os jornalistas para divulgação da sua moção ao Congresso do PS («Política Nova, Renovação do PS») e das suas propostas de alteração de estatutos e de princípios programáticos, estar «preparado para todas as eventualidades», depois de Junho.

Em síntese, o provável sucessor de Mário Soares na liderança dos socialistas sublinhou não temer novas eleições nem recusar, se as circunstâncias o determinarem, ser Governo antes de novas legislativas. «Depois do Congresso — disse — não tememos novas eleições, venham elas quando vierem». E repetiu a advertência já feita a Cavaco: «Não tenho pressa, mas estou preparado...»

Constâncio sintetizou para os jornalistas os três documentos que vai apresentar a debate e aprovação no Congresso de Junho. Ponto saliente na moção de estratégia: recuperar o eleito-

rado perdido para o PRD, recusa do bloco central (PSD situado à direita « neste momento... ») ou de Frente Popular com o PCP. Gama não tem — acrescentou — condições para concretizar esta estratégia de «afirmação e renovação» do PS.

Na eventualidade de um Governo minoritário PS, salientou ser o seu partido «capaz de melhor relacionamento» com o Parlamento mas esclareceu não recusar totalmente a hipótese de acordo com outros partidos. «Nunca afirmei que em caso algum faremos coligação», frisou.

No plano interno (funciona-

mento do PS), acentuou a sua proposta de maior colegialidade na direcção política, eleição do Executivo no Congresso e uma profunda descentralização (cada Federação distrital terá uma comissão política própria com papel decisivo na escolha dos candidatos a autarcas e a deputados e os respectivos funcionários não dependerão do aparelho central) que permita uma «verdadeira inserção do PS na sociedade portuguesa».

A questão posta pelo «DL» sobre a recusa de Tito Morais, candidato a Presidente do PS pela sua lista, em subscrever o documento sobre os Princípios Programáticos, explicou Constâncio (confirmado pelo próprio Tito Morais) tratar-se de divergência meramente processual pois o líder dos «históricos» pretendia um debate mais alargado e profundo sobre a matéria, defendendo

para tanto um congresso extraordinário que poderia ter lugar ainda este ano.

Perguntámos ainda a Vitor Constâncio como interpretava o comunicado dos apoiantes de Gama que defendem ter o ex-MNE o apoio de 48 a 52 por cento dos militantes socialistas. Disse Constâncio que tais afirmações não lhe merecem «qualquer credibilidade» e que vão ao arripio total das

votações de domingo passado nas federações. Acrescentou tratar-se de operação de diminuição do «alcance político» da sua vitória.

Na mesa, rodeavam o ex-governador do Banco de Portugal.

Tito Morais, Cardia, Jorge Sampaio e Vitor Sequeira (UGT).

Presente na sala, José Manuel Galvão Teles, conside-

rou, num aparte, escutado pelo «DL», que a «sondagem» dos 48-52 por cento deverá ter sido feita «entre os militantes que apoiam Jaime Gama».

«Não utilizaremos métodos de baixa política e trabalharemos com todos os militantes socialistas de modo plural e fraterno» diria quase ao fim Vitor Constâncio, em recado indirecto para a tendência gamista.



As propostas de Constâncio

A moção de estratégia

A alternativa ao actual Governo deve ser «o resultado da credibilidade do novo projecto do PS e não do sacrifício deste a simples jogos de poder», defende a moção de estratégia que Vitor Constâncio vai apresentar ao Congresso do PS.

A moção recusa a «frente popular», o «bloco central» e uma política de «alianças de ocasião», mas acentua que «o PS deve estar aberto, quer a governar sozinho, mesmo em governos de maioria relativa, quer, se tal for necessário, à concretização de alianças políticas de governo ou de incidência parlamentar, que resultem de plataformas claras e de compromisso, que não ponham em causa os valores essenciais do seu projecto político».

Para os subscritores da moção, é entre o PS e o PSD que «o sistema deve assegurar uma alternância com alternativas», devendo qualquer deles «assumir com clareza o seu lado do tabuleiro»: «Qualquer dos dois partidos, PS e PSD, deverá contar com os seus próprios recursos e ousar medir-se na sua verdadeira dimensão. Essa será, em Portugal, a disputa democrática por excelência, já que é por ela que passa, em cada momento, a responsabilidade do poder».

No plano partidário, Vitor Constâncio e os restantes apoiantes da sua candidatura defendem o reencontro do PS consigo mesmo e com o seu eleitorado, através da «clarificação ideológica e política e da redefinição de regras de funcionamento interno». «Sem uma efectiva mudança, o PS correrá o risco de novos e graves colapsos», sublinha a moção, que reafirma a necessidade de renovação como forma de o PS «continuar a ser a trave-mestra da democracia portuguesa» e o «espaço natural de intervenção política de todos os que apostam no socialismo democrático em Portugal».

Ainda no plano partidário, a moção propõe a mudança dos métodos de funcionamento e dos esquemas organizativos do PS, um partido retratado no texto de Vitor Constâncio como «sem causas próprias», que se «sacrificou à coligação pela coligação e ao Governo pelo Governo», «substituindo o debate e a vida interna pela lógica do aparelho».

A moção aponta assim o primado da colegialidade nas decisões políticas «a todos os níveis», pelo que propõe a eleição directa em Congresso do órgão executivo do PS, o reforço das atribuições e competências dos órgãos federativos, a repartição de recursos económicos pelos níveis nacional, federativo e base e a «garantia de que o apa-

relho será um instrumento para a aplicação da linha do partido e não uma alavanca de poder ao serviço de grupos ou facções».

No plano do aparelho de Estado, a moção preconiza a descentralização, desburocratização administrativa, reforço dos poderes locais e regionais, democratização das relações sociais de produção, desenvolvimento do sindicalismo democrático, dinamização do sector cooperativo, defesa e incentivo de direitos participativos, justiça e solidariedade sociais.

Para uma estratégia de desenvolvimento, a moção aponta, como «primeira prioridade da política económica dos próximos tempos», a criação de empregos e, como «prioridade central», a reformulação do sistema de ensino. Para responder aos problemas do desemprego e subemprego preconiza o desenvolvimento dos serviços empresariais e a inserção nas redes internacionais de produção e circulação do conhecimento, de informação, de turismo e de tráfego de mercadorias.

Para além de Vitor Constâncio assinam esta moção Tito de Morais, António Guterres, Henrique Coelho, João Proença, Jorge Sampaio, José Mota, Torres Couto, Luís Filipe Madeira, Manuel Alegre, Manuel dos Santos, Sottomayor Cardia e Vitor Hugo Sequeira.

Princípios programáticos

Vitor Constâncio, juntamente com Jorge Sampaio, Manuel Alegre, Torres Couto e Sottomayor Cardia, mas sem Tito de Morais, apresenta ainda uma proposta de alteração dos princípios programáticos do seu partido na qual preconiza que o PS deixe de privilegiar o marxismo como inspiração teórica e a revolução socialista soviética como marco fundamental na história da humanidade: «O PS não privilegia qualquer doutrina filosófica ou religiosa, reconhecendo inteira liberdade de opção doutrinária aos seus militantes».

«O PS é um partido de pessoas livres que ao partido aceitam oferecer, circunstancialmente e segundo exigências de uma ética de responsabilidade, parte da sua liberdade de expressão», salienta a proposta que aponta ainda que «o PS é a organização política dos portugueses que procuram no socialismo democrático a solução dos problemas nacionais e a resposta às exigências dos problemas nacionais e a resposta às exigências socio-políticas do nosso tempo».

«O socialismo democrático é, no plano moral, a mais nobre causa política do nosso tempo e o herdeiro por

dos estatutos do partido, contemplando a eleição e funcionamento de alguns dos órgãos nacionais do PS

excelência de todas as tradições humanistas acumuladas na consciência universal ao longo dos séculos» devendo lutar «pela instauração de uma sociedade mais igualitária, em que a diferenciação de situações sociais seja necessária à iniciativa económica e cultural e corresponda ao mérito das pessoas».

A mesma proposta sublinha que «a regulação da economia deve ser assegurada pelos mecanismos do mercado e de planeamento estratégico, descentralizado e participado», colocando tais objectivos em contraste com os que constam da actual declaração de princípios e programa do PS, que preconizam que o sector público tenha na economia um peso «decisivo e constitua o principal alicerce da sociedade socialista».

Aos princípios enunciados na actual declaração programática do partido, que apontam o combate ao «sistema capitalista e à dominação burguesa», Vitor Constâncio propõe: «O PS aspira à plena realização da justiça, defendendo um conjunto de reforma que ampliem e melhorem a organização dos serviços públicos destinados à satisfação de necessidades sociais».

Relativamente à política externa, as propostas veiculadas por Constâncio preconizam que «perfilhar uma política de independência nacional significa, para um pequeno país como Portugal, que o grau de afirmação nacional possível passa pela adequada gestão de dependências inevitáveis no mundo actual», sustentando ainda que, «na base do princípio da soberania nacional, da independência e da igualdade entre os Estados, será adoptada uma política activa de não alinhamento em relação aos blocos políticos e militares existentes».

Proposta de estatutos

Um secretário-geral eleito como cabeça da lista para o Secretariado Nacional, deixando portanto de ser eleito isoladamente, é uma das propostas de Vitor Constâncio quanto à alteração dos actuais estatutos do PS.

A proposta contempla ainda que o presidente honorário do partido passe a ser eleito em Congresso e que o presidente efectivo seja o primeiro da lista eleita para a Comissão Nacional.

Dá também carácter de órgão nacional à Comissão Nacional e introduz um total de 44 alterações aos 83 artigos

Jaime Gama no Porto

Ser alternativa-chave ao poder conservador

O dirigente socialista Jaime Gama disse ontem, no Porto, que o principal objectivo da sua candidatura a secretário-geral do PS é assegurar o papel fulcral dos socialistas como alternativa-chave ao poder conservador. Gama disse que escolheu a cidade do Porto para apresentar ao PS e ao País as suas propostas para o próximo Congresso socialista devido à sua importância social, económica, política e cultural e acentuou que a sua candidatura, e a de Almeida Santos a presidente do partido, se baseiam também «no profundo propósito de emprender uma modernização do programa do PS, dos seus estatutos e das normas de funcionamento interno».

«O PS só servirá adequadamente a democracia portuguesa se se empenhar totalmente na defesa de uma profunda reforma institucional de carácter descentralizador e se apostar sem reservas no desenvolvimento regional» — acrescentou.

Quanto à estratégia política, Jaime Gama afirmou que preconiza como linha básica «o PS em primeiro lugar», o que — explicou — significa realizar desde logo um vasto conjunto de iniciativas.

O objectivo — prosseguiu — é «o reforço do diálogo do PS com os grupos e agentes de ino-

vação e progresso na sociedade portuguesa e a abertura do seu espaço de implantação e actuação políticas na estruturação da alternativa credível, consistente e modernizadora que devemos propor em oposição activa aos poderes conservadores».

Jaime Gama afirmou que defende a formação de um grupo de porta-vozes que actue, de imediato, como efectivo gabinete-sombra na oposição ao actual executivo, a realização de um «forum» da esquerda democrática e a promoção, após debate alargado em todo o partido, de uma convenção nacional que aprove o documento-síntese das alternativas socialistas: «Portugal: ano 2000».

O lançamento de uma campanha de novos aderentes e de construção de uma nova sede nacional do partido, a criação de um instituto de debate e reflexão dos problemas actuais alargado à participação de não-socialistas e a estruturação das próximas campanhas eleitorais são outras medidas propostas por Gama.

O dirigente nacional do PS defendeu que a estratégia política socialista deve visar, prioritariamente, que os militantes do seu partido «assumam criativamente os temas decisivos da modernização da sociedade ante a integração europeia e os seus desafios fundamentais».



PARTIDO SOCIALISTA
MODERNIZAR E UNIR O PS
COM JAIME GAMA



Jaime Gama recomendou que uma «especialíssima atenção deve ser concedida à educação e à juventude, à ciência, tecnologia e à inovação industrial, à empresa e ao emprego, à solidariedade social e à legislação laboral, à reforma do Estado, à descentralização e à revisão constitucional».

No capítulo da revisão estatutária, Jaime Gama defende a

criação de confederações regionais do partido, como forma de corresponder desde já aos desafios da descentralização, o aumento significativo da participação dos jovens e da JS na direcção nacional do partido (de dez para 20 membros na Comissão Nacional) e a institucionalização de um gabinete de estudos aberto a todos os quadros do partido.

Jaime Gama disse defender que «a par da manutenção do cargo de secretário-geral enquanto líder do partido» seja reforçada «a dignidade de presidente do partido, através de uma eleição directa em Congresso», e ainda a criação do cargo de presidente do Congresso e a função de presidente honorário, instituindo também uma comissão consultiva «com importan-

tes atribuições de conselho em relação aos órgãos nacionais».

Jaime Gama propõe também a criação de uma comissão executiva em substituição da comissão permanente, com 11 secretários nacionais, eleita pela Comissão Nacional, e um conselho editorial da Imprensa do partido, ao mesmo tempo que comete à Comissão Nacional poderes para regulamentar a escolha de efectivação do debate no interior do partido e as normas do uso da informática na organização partidária.

Afirmou ainda que «a passagem do PS a primeiro partido português implica uma progressiva reabsorção do seu eleitorado, o exercício de oposição crítica e alternativa ao actual Governo e a recusa de alianças subalternizadoras ou impeditivas do crescimento do partido em futuros actos eleitorais».

«O PS — frisou Gama — deve, por isso, assumir-se como sintetizador do pensamento da esquerda democrática e como o impulsionador fundamental da modernização e da integração europeia de Portugal».

Recolocar o PS em primeiro lugar, mantendo-o no campo claro das opções democráticas, modernizar o partido para o futuro da democracia portuguesa foram razões aduzidas por Jaime Gama para a disputa pela liderança socialista no próximo Congresso do partido.

Existe algum banco cuja **simplicidade** de processos permita num minuto descontar um cheque de qualquer das suas agências no Continente, Açores ou Madeira?



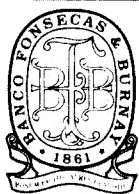
sim!

Existe algum banco que privilegie as relações com os seus clientes e que faça da **simpatia** um dos vectores-chave do seu desenvolvimento?



sim!

simplicidade & simpatia



BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco sim

Ministros da NATO estudam projectos de defesa

Os ministros da Defesa de 13 países membros da NATO concordaram ontem em criar um grupo para estudar as possibilidades de estabelecer projectos comuns de Defesa, disse o ministro espanhol da Defesa, Narcis Serra.

Neste sentido, os ministros aprovaram dois projectos rivais para a construção de um novo avião de guerra, afirmaram fontes oficiais, que disseram também que os dois projectos vão definitivamente para a frente com a Grã-Bretanha, a Alemanha Federal e a Itália e a Espanha a trabalhar num avião europeu de guerra (EFA).

Este sistema complexo permitirá dirigir um teatro de guerra a partir de vários pontos e

será objecto de um estudo mais aprofundado durante uma próxima reunião do IEPG prevista para o Outono, afirmou um responsável. A Espanha que decidiu, por referendo realizado o mês passado, permanecer na NATO, presidiu à reunião em que participaram a Bélgica, Grã-Bretanha, Dinamarca, Alemanha Federal, França, Grécia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal e Turquia.

O projecto EFA, com custos calculados em 20 000 milhões de dólares, pretende construir um avião em que o controlo do aparelho seja feito por um computador instalado na carlinga. Quanto ao projecto francês «Rafale», mais barato, pretende

construir um avião de ataque para o século XXI.

Este país declarou o ano passado que o EFA não correspondia às suas necessidades militares e saiu do projecto.

Os ministros, que fazem parte do Grupo de Programas Europeus Independentes (IEPG), decidiram reunir-se em Madrid durante um dia para analisar todos os tipos de aviões de guerra e seus equipamentos, bem como as possibilidades de cooperação durante os próximos 20 anos.

Os responsáveis pela Defesa dos 13 países receberam também um primeiro relatório sobre um projecto de recolha de dados estratégicos a ser distribuídos por diversos centros de decisão.

Apesar de uma grande controvérsia em meios políticos e militares

Alemães vêm a Lisboa negociar a construção de fragatas

O texto final do acordo de construção de três fragatas para a Marinha de Guerra Portuguesa deverá ficar concluído na próxima semana, antes da partida dos negociadores alemães-federais que se deslocam a Lisboa para o efeito, noticiou a Anop citando fontes oficiais. Segundo a mesma agência, os negociadores de ambas as partes não conseguiram redigir o documento final durante a semana passada, por ocasião da deslocação de uma delegação portuguesa a Dusseldorffia, expressamente para o

efeito.

A Anop revela ainda que «embora com entendimentos de princípios foi difícil encontrar uma redacção final em dois ou três artigos, a contento de ambas as partes». Para a próxima semana, e de acordo com a agência de notícias, as autoridades portuguesas e alemãs tentarão não só concluir a redacção, mas também a sua rubrica.

O texto final do acordo será (segundo as fontes oficiais) apreciado por todas as instân-

cias competentes, nomeadamente o Tribunal de Contas e o Conselho de Ministros, e assinado, provavelmente, no fim de Maio ou princípio de Junho. A construção das fragatas da classe MEKO de custo base de cerca de 130 milhões de euros tem suscitado viva controvérsia em meios políticos e militares sobretudo a partir do momento em que os belgas apresentaram uma proposta para a construção do mesmo número de unidades navais por metade do preço feito pela RFA.

O século XX marca a intolerância dos homens contra os homens

— afirmou Maria Barroso, nas Nações Unidas

«O século XX ficará sem dúvida marcado na História europeia como um tempo de ressurgimento das perseguições e da intolerância dos homens contra os homens», afirmou ontem Maria Barroso, nas Nações Unidas.

Falando numa mesa-redonda organizada pelo alto comissário da ONU, em que participou como convidada especial de Jean-Pierre Hœke, a mulher do presidente da República historiou os grandes movimentos de refugiados neste século e destacou o papel de Portugal nesse movimento, afirmando que «apesar da vontade de isolamento da política do regime autoritário, Portugal não chegou a estar à margem destes movimentos».

«Contra a vontade do regime, os refugiados da guerra europeia transformaram Lisboa, durante a primeira metade dos anos 40, num centro internacional, e pela

sua presença e pela sua palavra fizeram os portugueses participar na tragédia europeia», disse, acrescentando que «mais tarde, foi a vez dos portugueses seguirem também o caminho do exílio». A mulher de Mário Soares referiu-se à situação em Timor-Leste, afirmando que o fez para sublinhar que «a defesa dos refugiados não se pode separar da defesa dos direitos humanos» e que, nesse sentido, «se deve começar pelo direito de exílio, que não é de facto reconhecido pela maior parte dos regimes autoritários».

O contributo que os refugiados podem trazer aos países de acolhimento, tanto do ponto de vista humano como étnico e cultural, foi abordado por Maria Barroso que terminou a sua intervenção afirmando que «a tradição ocidental implica uma capacidade de reconhecer o outro como um igual, uma von-

tade de tolerância e uma obrigação de defesa e de protecção e uma atitude de solidariedade humana».

O ambiente em que decorreu a mesa-redonda, em que todos os participantes fizeram intervenções ou participaram no diálogo, levou os observadores a comentar que o encontro atingira «um nível pouco habitual nas Nações Unidas». A ex-primeira ministra portuguesa, Maria de Lourdes Pintasilgo, desempenhou um papel importante no debate, que reuniu 20 personalidades de vários países, entre os quais o ex-ministro do Interior alemão-federal Gerhard Baum, o ex-ministro francês dos Negócios Estrangeiros Claude Cheysson, Anita Gardin, ministra do Trabalho da Suécia, Paul Hartling, ex-primeiro-ministro dinamarquês e Flora MacDonald, ministra canadiana para o Emprego e Emigração.



Eanes entra para o PRD mas "na altura própria"

O general Ramalho Eanes esteve ontem reunido no Hotel Ritz com as estruturas de cúpula do PRD — Conselho Consultivo e Comissão Directiva — tendo sido formalmente convidado pelo presidente do PRD, Hermínio Martinho, a assumir a liderança daquele partido. A reunião terminou ao princípio e «procedeu à actividade desenvolvida», designadamente no Parlamento. Tratou-se do primeiro encontro oficial de Ramalho Eanes com os órgãos directivos do PRD.

Segundo um comunicado do Conselho Consultivo e da Comissão Directiva, o ex-Chefe de Estado «manifestou o propósito de, na altura própria, apresentar a sua candidatura».

Entretanto, um dirigente do PRD disse à ANOP que o general Ramalho Eanes deve começar a militar permanentemente, com funções de direcção, a partir desta reunião, «embora formalmente só adira ao partido na sua segunda Convenção», que só deverá realizar-se depois das férias, «mas antes de Novembro».

Sabe-se que Hermínio Martinho dirigiu também um convite ao general Ramalho Eanes para visitar as estruturas distritais do PRD entre a segunda quinzena de Maio e a primeira de Junho.



Por outro lado este partido vai reunir a sua Comissão Nacional na primeira quinzena de Junho, onde deverá indicar a data da sua segunda Convenção.

Eanes, que era aguardado no Ritz por muitos jornalistas, não confirmou que a sua presença tivesse como objectivo assumir a liderança do partido, afirmando que se en-

contrava ali como «ponto de referência do PRD».

Aos renovadores democráticos resta agora esperar pela «altura própria» para ver Eanes à frente do partido, embora suscitem alguma curiosidade, não satisfeitos pelos responsáveis, os factores que determinam não ser ainda neste momento, pelos vistos, «a altura própria».

Com a participação de Cavaco e Gonzalez

Cimeira Portugal/Espanha prevista para Junho

Uma cimeira entre os chefes dos governos de Portugal e Espanha para discussão de questões bilaterais e comunitárias deverá realizar-se no próximo mês de Junho, revelou a NP citando uma fonte oficial do Luxemburgo.

Fontes comunitárias informaram a agência que o ministro português das Finanças, Miguel Cadilhe, propôs ao seu homólogo espanhol, Carlos Solchaga, um encontro, no dia 6 de Junho, em Vila Viçosa ou Estremoz, o qual se destinaria a

preparar «a cimeira prevista entre os primeiros-ministros dos dois países».

Entre os temas previstos para a reunião entre os ministros da Economia dos dois países ibéricos contam-se as questões da CEE comuns a Espanha e Portugal, o investimento directo e movimento de capitais entre as duas nações e o intercâmbio de informações várias.

No primeiro dos temas, serão discutidos os problemas relacionados com o orçamento da CEE (recursos próprios e fundos

estruturais) e com as regras de origem e normas técnicas nas relações bilaterais. No segundo, contam-se a análise da formação de «joint ventures» e a questão das agências e escritórios de representação de bancos e seguros.

No intercâmbio de informação, incluem-se a reforma do sistema fiscal, controlo do crédito, taxas de juro, inspecções do Ministério das Finanças, Guarda Fiscal, Mercado de Capitais e sector empresarial do Estado.

PR falará com Cavaco sobre professores portugueses em França

O Presidente da República prometeu falar ao Primeiro-Ministro sobre o problema dos 50 professores de português em França que estão em vias de não colocação no próximo ano, disse à Anop um representante dos professores.

Em declarações à Anop após a audiência com Mário Soares, o representante dos professores disse que «o Presidente mostrou-se sensibilizado pela situação de 50 professores de Português em França e prometeu falar ao Primeiro-Ministro sobre a questão».

Uma delegação, composta por dois docentes, que chegou a Lisboa no sábado, foi a Belém acompanhada do deputado Vitor Caio Roque, da subcomissão parlamentar da Emigração, para apelar para o Presidente da República no sentido de serem reconduzidos aos lugares no próximo ano lectivo.

«Para além da recondução, esperamos que o Governo proceda à profissionalização dos cerca de 50 professores nesta situação uma vez que foi o próprio Estado quem pediu às pessoas que optassem entre o ensino e as suas antigas profissões, deixando implícita a promessa de regularizar a situação», acrescentou.

Entretanto, tanto o ministro da Educação e da Cultura como a Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário, de acordo com a mesma fonte, continuam a recusar receber os representantes dos professores em França.

Os representantes dos 50 professores anunciaram que vão agora solicitar uma audiência ao Primeiro-Ministro para o «sensibilizar para o problema».

Em idêntica situação se encontram dois professores de Português em Bruxelas, que leccionam há mais de 10 anos. Têm habilitações próprias ou suficientes para leccionar Português aos filhos dos emigrantes portugueses.

A comissão de pais portugueses em Bruxelas enviou a várias entidades, nomeadamente Presidente da República, Primeiro-Ministro, ministro da Educação e Secretaria de Estado da Administração Escolar, uma exposição em que solicitam que seja dada aos professores em causa a possibilidade de participarem na fase de recondução do concurso, em condições idênticas às dos outros professores que entram nessa fase.

Ontem, no Tribunal de Monsanto

Jacob, o 33.º réu recusou-se a falar

O 33.º réu do Processo FUP/FP-25 chamado a depor recusou ontem prestar declarações sobre a matéria de que é acusado. Trata-se de José António dos Santos Jacob, 28 anos de idade, que se encontra detido desde 19 de Junho de 84.

Este réu foi chamado à barra do Tribunal de Monsanto no final do interrogatório de José António da Silva Pereira, que voltou a afirmar que o Projecto Global de Otelo «nunca defendeu o terrorismo» que, «nada tem a ver com as FP-25».

De registar, contudo, que Silva Pereira apenas respondeu aos juizes — e quando chegou a vez do Procurador da República, Teodósio Jacinto, fazer perguntas, o réu em causa limitou-se ao silêncio. Assim, nada disse sobre a participação que lhe é imputada em assaltos à mão armada a uma carrinha da

EFACEC e à empresa Vaessen, em Vila Nova de Gaia, respectivamente em Junho e Novembro de 83, escusando-se igualmente a dizer quantos comissários políticos distritais tinha a ECA e qual a ligação destes aos «comandantes» das respectivas regíões.

Indeferimento

Logo no princípio da sessão de ontem o tribunal indeferiu — o que aconteceu pela segunda vez — um pedido de libertação provisória relativo a um dos

réus. Um dos três juizes discordou contudo dos fundamentos daquela decisão.

O requerimento foi apresentado na semana passada pelo defensor officioso de Fernando Joaquim Alves de Magalhães, de 33 anos, que ao ser interrogado em Monsanto negou qualquer ligação à FUP ou ao Projecto Global em que aquela organização se inseria.

De acordo com a deliberação do tribunal, «mantêm-se inalteráveis os pressupostos que determinaram a prisão preventiva» daquele réu e, além disso, «a liberdade provisória não é o admissível relativamente ao crime de associação terrorista».

O juiz segundo vogal, que também se pronunciou contra a libertação provisória de Alves de Magalhães, considerou no

entanto que o tribunal podia «suspender a execução da prisão preventiva».

Na opinião daquele magistrado, o que justifica a manutenção da prisão preventiva do referido réu é o facto de ele «não ter alegado e oferecido garantia idónea de comparência no julgamento» e «continuar a pesar sobre o mesmo receio de se subtrair à acção da justiça».

Perante os comentários do réu face à deliberação do tribunal, o juiz-presidente advertiu-o de que poderia ser expulso da sala de audiências. O seu defensor anunciou entretanto que vai interpor recurso da deliberação.

O julgamento prossegue esta tarde com o interrogatório de José Henrique Oliveira Ricardo, 35 anos, acusado de ser um «operacional» das FP-25.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

QUADROS DE PESSOAL

Dec. Lei n.º 380/80
de 17 Setembro

Decorre de 1 de Abril a 31 de Maio o prazo de entrega **OBRIGATORIA** dos mapas de pessoal das empresas e demais entidades empregadoras com trabalhadores ao seu serviço.

No acto de entrega, nos Serviços Regionais da Inspeção de Trabalho, deverá ser feita prova do número de identificação de Pessoa Colectiva, mediante apresentação da respectiva cartão.

A não entrega ou preenchimento incorrecto dos Quadros de Pessoal acarretam sanções.



MUNICÍPIO DE VILA FRANCA DE XIRA

MOÇÃO

Comemora-se este ano o centenário do 1.º de Maio, honrando desta forma a memória dos «Mártires de Chicago», quando no 1.º de Maio de 1886 pela primeira vez na história da luta do proletariado foi levada a cabo uma greve geral pela conquista de oito horas como limite do dia de trabalho.

Este acontecimento teve enorme significado no proletariado mundial e como tal no proletariado português, que em 1890 comemorou o 1.º de Maio reclamando também as oito horas de trabalho diário. Assim, é com a continuação da luta do proletariado industrial ao qual se juntaram os trabalhadores do comércio, que em 1919 são conquistadas as oito horas para o sector da indústria e do comércio.

Com a implantação do regime fascista em 28 de Maio de 1926, a luta dos trabalhadores portugueses tornou-se mais difícil e mais dura, mas nem assim os trabalhadores deixaram de festejar o 1.º de Maio todos os anos, exigindo o pão, a paz e a liberdade e mais tarde o fim da guerra colonial e desta forma também os assalariados rurais conquistaram a jornada de oito horas, acabando com a jornada feudal de sol a sol, na histórica luta do dia 1.º de Maio de 1962.

Com o glorioso 25 de Abril foi possível comemorar em liberdade o 1.º de Maio de 1974 e seguintes, que têm contribuído decididamente para a luta em defesa das conquistas alcançadas pelos trabalhadores portugueses, ameaçadas pelo grande patronato de-sejo de voltar ao 24 de Abril.

No entanto é numa situação difícil que os trabalhadores portugueses comemoram o centenário do 1.º de Maio, pois no país existem cerca de 150 000 trabalhadores com salário em atraso (só no nosso concelho são cerca de 3000 os trabalhadores nessa situação, aos quais o patronato deve cerca de 80 000 contos); em que o Governo e os capitalistas pretendem rever a lei laboral, liberalizando os despedimentos para poderem ter na prateleira trabalhadores que só lhes sirvam ocasionalmente como serve o pneu suplente de um automóvel, em que é o próprio Primeiro-Ministro em total sintonia com o grande patronato que pretende impor um tecto salarial de 15%, em que nas empresas a repressão às actividades dos representantes legítimos dos trabalhadores se intensifica e os processos disciplinares, por dá cá aquela palha, cada vez são em maior número, em que o desemprego alastra por todo o país com maior incidência na zona da reforma agrária.

A Assembleia Municipal de Vila Franca de Xira, reunida em sessão extraordinária em 4 de Abril de 1986, consciente do seu dever de defesa da população que representa delibera:

- 1 — SAUDAR O CENTENÁRIO DO 1.º DE MAIO E OS TRABALHADORES DE TODO O MUNDO, EM ESPECIAL OS DO NOSSO CONCELHO.
- 2 — SOLIDARIZAR-SE COM OS TRABALHADORES NOS FESTEJOS DO 1.º DE MAIO E NAS LEGÍTIMAS LUTAS POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO.
- 3 — EXIGIR DO GOVERNO MEDIDAS CONCRETAS E NÃO DEMAGÓGICAS, PARA A RESOLUÇÃO DO FLAGELO DOS SALÁRIOS EM ATRASO QUE PROVOCA A MISÉRIA E A FOME EM MUITOS LARES DO NOSSO PAÍS, NOMEADAMENTE NO NOSSO CONCELHO.
- 4 — ADERIR À COMISSÃO UNITÁRIA CONSTITUÍDA PARA A PROMOÇÃO DAS COMEMORAÇÕES NO NOSSO CONCELHO.

— VIVA O 1.º DE MAIO
— VIVAM OS TRABALHADORES DE TODO O MUNDO
— VIVA PORTUGAL

Quintas, 4 de Abril de 1986

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Lisboa está entre os grandes entrepostos de droga

Portugal, e Itália são os países por onde a cocaína sul-americana passa antes de ser comercializada noutros pontos da Europa, afirmam especialistas europeus antinarcóticos. A América do Sul detém o monopólio, da cocaína, que parte da Bolívia e do Peru, via Colômbia, chega à Europa através de Portugal, Espanha e Itália.

Segundo os últimos relatórios divulgados, o hidroclorato de cocaína provém do Brasil e da Argentina, na maior parte dos casos em pequenos recipientes em voos de turismo também destinados àqueles três países europeus.

A Europa é, na rota mundial da droga, mercado e ponto de destino da maior parte dos estupefacientes, da cocaína sul-americana e da heroína proveniente dos países asiáticos (Paquistão, Afeganistão e Irão) e do Sudoeste Asiático (Malásia, Tailândia, Birmânia, China, Singapura e Hong-Kong).

Quanto às chamadas «drogas leves», como a marijuana e o haxixe, a produção provém do Líbano e de Marrocos, sendo o tráfico destinado prioritariamente à Holanda, Bélgica e República Federal da Alemanha, ou à Escandinávia, através de Copenhaga.

Os especialistas europeus antinarcóticos elaboraram uma lista de portos e aeroportos «privilegiados» pelos grandes traficantes de estupefacientes.

Por ordem de importância, são indicados os portos de Roterdão, Antuérpia, Havre, Hamburgo, Londres e Génova e os aeroportos de Roma, Madrid, Paris, Francoforte, Bruxelas e Amesterdão, Lisboa, Viena e Londres.

Em Itália, são sobretudo a mafia siciliana e, em menor grau, a camorra napolitana e a n'dragheta calabresa que controlam o tráfico e o comércio das chamadas «drogas duras».

Os mais recentes relatórios referem que os laboratórios de heroína em Itália, controlados pela mafia e até há pouco tempo localizados na Sicília, reduziram-se em número e transferiram-se para o norte do país, preparando o «lançamento» no mercado de um novo produto de grande periculosidade, a heroína sintética, conhecida em Itália pelo nome de «basuco».

“Os Galifões” vão tornar-se proprietários da sua nova casa

A «república» de estudantes universitários de Coimbra «Os Galifões», que há quarenta anos aí se instalou, pode tornar-se a breve trecho na primeira a ser propriedade dos próprios residentes — disse ontem um dos «repúblicos».

Destruída pelo fogo na madrugada de 16 de Agosto do ano passado, sinistro a que os residentes atribuíram «origem duvidosa», a «República dos Galifões» ficou então reduzida a uma simples fachada de paredes ardidas e tectos tombados.

Os dez estudantes que faziam daquela casa o seu espaço de vida e de experiências comuns, desde logo manifestaram empenho em resolver o problema, pensando na necessária reconstrução do imóvel e mesmo na sua aquisição.

Eduardo Cabrita, um dos «Galifões», revelou à Anop que a compra da «república» pelos estudantes deverá ser formalizada em Junho próximo e obrigará ao desembolso de cerca de dois milhões de escudos.

Neste momento, e após uma campanha de fundos iniciada há já alguns meses, os elementos dos «Galifões» dispõem de quase 700 mil escudos em caixa, mas necessitam até 25 de Maio de mais 300 mil escudos, «para satisfazer a primeira prestação do pagamento global» — adiantou Eduardo Cabrita.

Disse também que Joaquim Loureiro, advogado e antigo residente dos «Galifões», se encontra a redigir os estatutos do que poderá vir a ser, tudo o indica, a «Associação Académica Galifões», no pressuposto de que a casa «passe a ser inalienável».

Segundo Eduardo Cabrita, desta forma a «república» será sempre de quem nela viver, «nunca propriedade de quem moveu todo o processo de aquisição», estando a orientação da sua funcionalidade dependente dos então residentes.

«Grão a grão faremos a reconstrução»

A «República dos Galifões» situa-se na chamada zona da «alta Coimbra», uma das mais características em termos de vivência académica colectiva: é onde se situam grande parte das 18 repúblicas estudantis da cidade, tais como a «Bota-Abaixo», «Inkas», «Prakystão», «Kágados» ou «Rásteparta».

A acção desencadeada pelos «Galifões» parece querer contrariar o entendimento geral de que a autenticidade das «repúblicas» se havia esgotado nos tempos mais recentes, ao desligarem-se da referência aos valores da democracia e da liberdade, inerentes ao seu aparecimento, provavelmente no início do século passado, e que as caracterizou nomeadamente durante a vigência do Estado Novo.

Para Eduardo Cabrita, após a aquisição, «e por paradoxal que possa parecer», a reconstrução «não trará grandes problemas, pois há a promessa de colaboração financeira da Reitoria da Universidade, bem como a garantia de diversas ofertas em materiais de construção».

Salientou ainda que os «Galifões» vão publicar um livro sobre os 40 anos de existência daquela casa de estudantes universitários e promover três espectáculos musicais em Coimbra, Águeda e Lisboa, actividades que se integram na campanha «grão a grão faremos a reconstrução».

Confrontados com a destruição da sua casa, os «Galifões» têm habitado noutras «repúblicas» de Coimbra ou residências de amigos, «a título transitório e até estar completamente resolvida a questão» — concluiu Eduardo Cabrita.

Bordel em Sete Rios visitado pela PJ

A Polícia Judiciária selou um apartamento em Sete Rios utilizado para exercício da prostituição — informou a Secção Central de Prevenção à Criminalidade.

Aquele apartamento possuía um único quarto e uma sala de espera onde na altura aguardavam oito homens e duas mulheres.

A Judiciária realizou ainda uma rusga a um café e boite na Amadora tendo detectado um indivíduo que transportava pequenas porções de haxixe, destinado ao tráfico.

Condutores com excesso de álcool

A GNR detectou em Março 835 condutores com excesso de álcool dos 3609 fiscalizados em várias operações a nível nacional.

O maior número de infrações segundo a GNR registou-se no distrito de Lisboa (149) e nos distritos de Faro (79) Évora (58) Vila Real (18), Bragança (20) e Guarda (27).

As infrações por excesso de álcool registaram-se em 600 veículos ligeiros particulares, 137 em velocípedes e motociclos, 72 pesados de carga, 18 pesados de passageiros e 8 ligeiros de aluguer.

Segundo a GNR o período das 18h00 às 24h00 foi o que registou maior número de excessos (327), seguido do período das 12h00 às 24h00.

Matou o enteado a tiro

Com cinco tiros de pistola um indivíduo residente em Rio Tinto, próximo do Porto abateu ontem de madrugada o enteado após desavenças familiares.

O agressor Francisco Ferreira depois do homicídio fugiu mas posteriormente e ao saber das diligências da Guarda Republicana para o capturar viria a entregar-se voluntariamente na esquadra da PSP de Pinheiro Manso — Porto.

A vítima, Fernando Manuel Andrade Mendes, de 27 anos, era solteiro e residia com a mãe e o padrasto.

Suspeita de homicídio em Silveirinha-Pombal

Mergulhadores dos Bombeiros Voluntários de Pombal retiraram domingo à tarde, de uma lagoa artificial no lugar de Silveirinha, Pombal, o corpo do agricultor Belmiro Jesus Cruz.

Segundo a Anop apurou junto de populares das localidades de Matas e Silveirinha, a morte de Belmiro Jesus Cruz, qu contava 51 anos, não se tratou de suicídio, mas sim de um homicídio.

Os bombeiros informaram que o corpo já se encontrava em adiantado estado de decomposição.

Só deste ano, resultado dos novos seguros

Acidentes de carro provocam 50 processos de indemnização

O Fundo de Garantia Automóvel tem cerca de 50 processos de indemnizações por acidentes de viação, só deste ano, ultrapassando largamente a média anual de 100 processos, afirmou hoje uma fonte do Instituto de Seguros de Portugal.

O número de pedidos indemnizatórios aumentou, em larga escala, desde a entrada em vigor, em 1 de Janeiro, do decreto-lei que regulamenta o seguro obrigatório de responsabilidade civil automóvel e alarga o âmbito de intervenção do Fundo de Garantia Automóvel (FGA), acrescentou José Mateus, director-coordenador do departamento técnico do fundo.

O desconhecimento da existência deste Fundo, por parte do cidadão médio, que ignora por exemplo que se for atropelado, sem conseguir identificar o veículo, poderá exigir uma indemnização ao Fundo, por lesões corporais e materiais, ou que se o seu carro sofrer danos enquanto está numa garagem o seguro não cobre esses prejuízos, poderá explicar a baixa média anual de processos de indemnização por acidente automóvel, até ao ano passado.

Ao Fundo de Garantia Automóvel, integrado no Instituto de Seguros de Portugal desde 1979, têm acesso os lesionados por acidentes de viação, directamente ou através dos tribunais.

Para além de indemnizar os lesionados em acidentes de viação, por morte ou lesões corporais, quando o responsável seja desconhecido, não tenha seguro válido ou eficaz ou em casos de falência da seguradora, o FGA passou também a conceder indemnizações por lesões materiais (no automóvel ou quaisquer outros bens materiais) quando o causador do acidente não tenha seguro ou manifeste insuficiência de meios para solver as suas obrigações.

Seis mil contos

Dos cerca de 50 pedidos de indemnização apresentados desde a entrada em vigor do diploma, no montante de aproximadamente seis mil contos, 17 contêm reclamações por danos materiais, disse o mesmo informador.

Ao longo de cerca de mais de seis anos de existência, o Fundo de Garantia Automóvel registou 627 processos de indemnização, 200 dos quais foram já concluídos, encontrando-se os restantes regulamentados em relação a terceiros, num total de indemnizações que ronda 400 000.

O Fundo de Garantia Automóvel, que tem direito de regresso contra os responsáveis pelo acidente, relativamente às quantias que tiver pago, beneficiou desse direito apenas numa dezena de casos (cerca de 2000 contos), informou José Mateus.

É difícil exercer o direito de regresso, em situações de «bate e fuge», ou seja, quando o responsável pelo acidente é desconhecido, salientou aquele informador, acrescentando que o maior número de pedidos indemnizatórios envolve responsáveis por acidentes que não tinham seguro válido.

A falta de seguro automóvel é punível com coima entre 30 e 200 contos (no âmbito da legislação anterior a pena aplicável era multa entre cinco e 25 contos).

O Fundo de Garantia Automóvel satisfaz as indemnizações aos lesionados nesta situação e só posteriormente pode exigir dos responsáveis a quantia que pagou, a título de indemnização por morte, lesões corporais ou materiais, quando o responsável não tenha seguro.

Em caso de indemnização por lesões materiais (danos em veículos ou outros bens), existe uma franquía a favor do FGA, no valor de 60 contos, que o lesado terá que suportar, mas,

sobre a qual poderá instaurar um processo ao responsável pelo acidente.

Ruptura possível

Em declarações à Anop, José Mateus disse que o Fundo de Garantia Automóvel tem actualmente uma situação líquida positiva, mas o aumento galopante da sua intervenção poderá provocar situações de ruptura.

Os reembolsos obtidos através do direito de regresso e as verbas resultantes da aplicação de 2,5 por cento aos prémios simples de seguro directo do ramo automóvel, processados no ano anterior, e a liquidar pelas seguradoras, que por sua vez cobram esse montante aos segurados, constituem as receitas do FGA.

O Fundo poderá ainda obter recursos financeiros junto das seguradoras até ao limite de 0,25 por cento de prémios de seguro directo automóvel processados no ano anterior, devendo, no entanto, reembolsá-los no ano seguinte.

O novo decreto-lei sobre seguro obrigatório de responsabilidade civil automóvel que, na sequência de uma directiva comunitária, aumentou o montante do seguro obrigatório de 700 contos para 5000 contos, obriga os garagistas a segurar a responsabilidade civil em que incorrem quando utilizem, por virtude das suas funções, os veículos no âmbito da actividade profissional.

Estão igualmente obrigadas ao seguro todas as entidades que habitualmente exercem a actividade de fabrico, montagem ou transformação, de compra e venda, de reparação, desmanagem ou controlo de veículos.

O diploma prevê que, em 1995, o montante do seguro obrigatório de responsabilidade civil automóvel seja de 90 000 contos.

Durante o fim-de-semana prolongado

Número recorde de operações provocou bloqueamento do sistema Multibanco

As reservas da quase totalidade das máquinas de pagamento automático (ATM's) em Lisboa «secaram» durante o fim-de-semana prolongado, deixando muitas pessoas na impossibilidade de efectuarem levantamentos — soube a NP.

Nunca desde o arranque do sistema em Setembro do ano passado se verificara um esgotamento das reservas em tão larga escala — disse à NP uma fonte da Sociedade Interbancária de Serviços (SIBS), responsável pela gestão do sistema Multibanco.

O mesmo informador sublinhou que durante o período do fim-de-semana se verificou um novo recorde tanto no que diz respeito ao número de operações efectuadas pelas ATM's como ao montante dos levantamentos.

Durante a semana passada, indicou, a rede de ATM's registou um novo máximo de utiliza-

ção, com um número de operações superior a 80 mil e quase meio milhão de contos levantados.

O bloqueamento de quase todas as máquinas, que se foi verificando progressivamente ao longo do fim-de-semana, resultou nuns casos do esgotamento das reservas em dinheiro e noutros do esgotamento do papel da impressora que regista todas as operações para efeitos de auditoria, provocando a suspensão dos levantamentos, explicou.

Neste momento, em todo o País, estão instaladas um total de 73 máquinas ATM que, de mês para mês, e mesmo de se-

mana para semana, estão a registar um aumento do número de operações.

Em princípios de Abril a média era de cerca de 11 a 12 mil operações diárias para o conjunto da rede, correspondentes a mais de 60 mil contos levantados por dia e um total mensal superior a 2 milhões de contos.

A sobrecarga que começa a fazer-se sentir na rede, resultante da comodidade do sistema e do desejo dos cerca de 500 mil detentores do cartão Multibanco de evitarem os congestionamentos dos balcões dos bancos, levou já o «pool» bancário que gere o Multibanco a planejar a instalação de novas máquinas de pagamento automático que deverão atingir a centena em Junho deste ano e subir para perto de centena e meia no final de 1986.



Sofre de falta de culturas aperfeiçoadas

Política agrícola da CEE não nos facilitará a vida

A política agrícola da CEE mostrou-se incapaz de conseguir uma racionalidade no sector e, tal como está, não vai ajudar nada a reestruturação agrícola portuguesa — afirmou o ex-secretário de Estado da Produção Carvalho Cardoso, actual director da Estação Agronómica Nacional de Oeiras. Segundo ele, Portugal carece de programas rurais integrados e de culturas aperfeiçoadas.

Carvalho Cardoso, ao usar ontem da palavra num simpósio sobre «A Agricultura e o Desenvolvimento Económico», frisou que a adopção desses programas rurais integrados visam «manter as pessoas na agricultura.»

«A Agricultura e o Desenvolvimento Económico» seminário que hoje encerra naquela Estação Agronómica, em Oeiras, teve John Scully como convidado especial do seu 50.º aniversário. De acordo com o seu raciocínio «os preços de garantia muito elevados que se praticam na Comunidade retiram incentivos a uma maior eficiência por parte dos agricultores», salientou John Scully que é técnico superior da Direcção-Geral da Agricultura da CEE e responsável pela investigação agrária nesta estrutura comunitária.

O ex-secretário de Estado da Produção Agrícola e actual director da estação agronómica nacional preconizou ainda a adopção, como acima referimos, de programas rurais integrados que mantenham as pes-

soas na agricultura e nas regiões. Nestes programas — advertiu posteriormente John Scully — terão de ser mantidas as características de cada região e o respeito pela conservação do meio ambiente.

Os dois intervenientes salientaram ainda «o papel importante» desempenhado pelas explorações agrícolas familiares na agricultura comunitária.

Estas explorações, que representam cerca de 99 por cento do total nos países da CEE, «foram capazes de responder à inovação e aos aumentos de produtividade» sublinhou Carvalho Cardoso.

Por sua vez, John Scully frisou a necessidade de um planeamento de utilização racional do solo a nível europeu, o qual deverá definir as culturas de cada região da Comunidade, de acordo com os diversos terrenos e climas existentes.

Faltam jovens técnicos na investigação

O desenvolvimento da agricultura depara com a dificuldade fundamental da «carên-



Continuamos à espera da CEE?

cia de meios financeiros e de jovens técnicos na investigação científica agronómica».

A investigação científica em Portugal tem sido sempre remetida para um plano secundário — acrescentou Meneses Sequeira, coordenador do simpósio sobre o tema «A Agricultura e o Desenvolvimento Económico» e técnico daquela estação.

A falta de meios financeiros tem originado uma tendência para os técnicos se dedicarem à investigação teórica, por ser menos dispendiosa e mais fácil — disse e acrescentou: «as

verbas canalizadas para a investigação científica são insuficientes».

O simpósio, que esta tarde tem a sua última sessão em Oeiras, apontou como objectivos fundamentais alertar os técnicos de agronomia para as necessidades do sector, trazer ao debate a problemática da agricultura, da investigação científica e investigação agronómica no contexto de desenvolvimento económico, e comemorar o 50.º aniversário da Estação Agronómica Nacional (EAN).

Em suma: A agricultura portuguesa continua a sofrer de uma falta de culturas aperfeiçoadas, de escolha de terrenos próprios para os trigais, máquinas, adubos, irrigações, aproveitamento de águas (que são desperdiçadas) e de créditos — frisou.

Para aquele técnico agrónomo, a modernização da agricultura tradicional passa pela descoberta de novos factores de produção e pela produção e distribuição dos produtos a custos suficientemente baixos para aumentar a rentabilidade dos agricultores.

Secção do Centro

da Ordem

dos Médicos

sem direcção

desde 1980

A Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos continua sem corpos gerentes eleitos desde 1980, altura em que a lista vencedora não foi empossada devido a um recurso de impugnação interposta pela lista derrotada.

Representantes das duas listas contactados pela Anop admitiram que na base desta situação esteve a contabilização dos votos por correspondência, que neste caso terão favorecido os vencedores por «escassa margem».

Carrington da Costa, que encabeçava a lista vencedora, e cujo mandato se referia ao triénio 1980/1983, disse à Anop que os seus opositores pretendiam que «fossem contabilizados os votos chegados por correio após o fecho das urnas».

«O delegado da nossa lista declarou na altura aceitar unicamente os votos com a data do próprio dia das eleições — sublinhou — e toda esta situação que se gerou fez com que o presidente da mesa da Assembleia Geral não nos desse posse alegando a impugnação das eleições por parte da outra lista.»

Após diversos trâmites judiciais que protelaram a decisão judicial da contenda, tais como pedidos de esclarecimento, a lista vencedora, que afirma «estar contra as linhas orientadoras da Ordem dos Médicos e contra a forma como esta é gerida por Gentil Martins», requer em 1983 uma providência cautelar «para que não se realizassem eleições até decisão definitiva sobre o assunto».

Um despacho do Tribunal Judicial da Comarca de Coimbra considerou «suficientemente indiciada a existência do direito do requerente e fundado o receio da sua lesão», ordenando a suspensão imediata do processo eleitoral para os órgãos regionais do Centro da Ordem dos Médicos referentes ao triénio 1983/1986.

A situação actual mantém-se inalterável desde aí, aguardando a lista vencedora o resultado de um recurso para que seja empossada.

Refira-se, a propósito de todo este caso, que os membros dos órgãos em exercício da Ordem dos Médicos da região Centro afectos ao Partido Socialista se demitiram, em Janeiro de 1981, fundamentando o seu acto na «atitude antidemocrática e ditatorial» do presidente da Assembleia Geral. Henrique Miguel, o principal visado nas reivindicações dos vencedores de 1980, defendeu em declarações à Anop que «neste momento ninguém tem legitimidade para dizer que represente a quem for».

Para reparar rede viária

Câmara de Cascais formou brigadas

A Câmara Municipal de Cascais decidiu constituir brigadas de intervenção permanente como forma de fazer face à situação anómala que se regista na rede viária do concelho, anunciou ontem o Gabinete de Relações Públicas.

A mesma fonte referiu que desde 1983, as ruas e estradas do Concelho têm vindo a «ser prejudicadas por acontecimentos e situações que,

conjugando-se, lhes têm ocasionado profunda deterioração».

O Gabinete de Relações Públicas indicou que serão constituídas oito brigadas, com carácter permanente, formadas basicamente por seis asfaltadores, que actuarão em todo o concelho.

A orientação e controlo da actividade das brigadas — adiantou a mesma fonte — será da responsabilidade do chefe

dos Serviços de Conservação da Rede Viária, exercida através de quatro encarregados, um por cada zona em que o concelho de Cascais está dividido para «maior operacionalidade e eficácia das acções que incumbem ao serviço de obras».

O Gabinete de Relações Públicas informou ainda que se prevê que todas as brigadas estejam aptas a funcionar dentro de 45 a 60 dias.

Para colmatar recessão

Técnicos de turismo defendem promoção de Congressos

A promoção do mercado de congressos e a carência de actividades de animação turística que sirvam, não só para a satisfação da procura turística tradicional, como para a motivação de outras correntes internacionais, foram as soluções defendidas durante um encontro que técnicos e operadores de turismo mantiveram com o vereador do pelouro da Câmara Municipal de Lisboa.

No encontro, em que também participaram representantes da Direcção-Geral de Turismo e da TAP — Air Portugal, foi referido que a falta de elementos promocionais de Lisboa origina uma dificuldade na conquista de mercados alternativos, situação extremamente importante quando se regista uma grande recessão por parte do mercado norte-americano.

Face a esta situação foi decidido criar um grupo de trabalho, no qual estarão presentes representantes de todas as entidades envolvidas para no prazo de um mês, elaborar um plano de actividades para colmatar as deficiências notadas quer ao nível promocional quer ao nível de animação.

Segundo com coração novo

Evolução do doente é "satisfatória"

É «satisfatória» a evolução clínica do doente que na passada quarta-feira foi sujeito a um transplante de coração, o segundo efectuado em Portugal em menos de dois meses e no mesmo estabelecimento hospitalar: Santa Cruz. Segundo um comunicado médico ontem tornado público, haverá amanhã novo boletim sobre o seu estado.

As últimas informações por nós recolhidas habilitam-nos a adiantar que não têm surgido «complicações graves». De resto, e ainda de acordo com uma fonte hospitalar, «considerando a gravidade do doente antes do transplante, com três cirurgias cardíacas prévias, a sua evolução clínica é satisfatória».

Novas informações sobre o paciente, Serafim Cunha e Castro, de 32 anos, serão amanhã divulgadas pelo estabelecimento hospitalar onde ele se encontra internado e onde foi operado.

Serafim Cunha e Castro é a segunda pessoa a quem foi implantado um coração novo, em Portugal. A primeira, Eva Lopes Pinto, regressou a casa e a uma vida normal.

Segundo o matutino «Jornal de Notícias» do Porto, Serafim Cunha de Castro «tinha avisado o filho mais velho da hipótese desta operação já em meados do mês de Março».

De acordo com o «JN», Serafim Castro, de 32 anos, foi operado ao coração pela primeira vez em 1984 e mais duas vezes em Dezembro de 1985.

O paciente está separado da mulher e é pai de dois filhos, de 12 e 9 anos.

Estradas continuam interrompidas na serra da Estrela

As estradas de ligação entre Piornos e Sabugueiro, via Torre (serra da Estrela), encontram-se ainda interrompidas devido à queda de neve na região — informou o Centro de Limpeza de Neve da Serra da Estrela.

Aquela situação afecta há mais de duas semanas, o acesso à Torre e pistas de esqui daquela zona serrana.

As estradas entre Manteigas e Gouveia, Piornos e Manteigas estão transitáveis.

A altura da neve varia entre meio metro no piso da estrada e quatro a cinco metros nos locais mais abrigados e trincheiras da Torre.

APU quer preservar "Vilas Operárias"

Câmara tem duas

Nuno Ribeiro

Fotos de Hernando Domingos

O Terreiro do Paço foi ontem tema forte na reunião pública da Câmara de Lisboa com a apresentação de duas propostas que visam o fim do estacionamento na placa central daquela praça bem como a animação cultural de todo o espaço. Na sessão de ontem destaque ainda para uma proposta da Aliança Povo Unido sobre a preservação das «Vilas Operárias», nascidas em meados do século passado e cuja destruição tem tornado mais pobre a memória da cidade.

«A sua geografia e a utilização actual constituem um obstáculo no acesso da população ao rio; o objectivo da devolução do rio à cidade deve estar presente na recuperação do Terreiro do Paço». A afirmação de Rui Godinho não gerou qualquer polémica. Em causa, tem estado, de facto, a dignidade da mais bela praça de Lisboa, construída

como uma resposta arrojada ao terramoto de 1755 mas que, por vontade dos homens, pela falta de planeamento e necessidade, tem vindo a sucumbir à invasão dos automóveis privados e das frota dos Ministérios.

Para a bancada da APU, que apresentou uma proposta no sentido da recuperação da área no anterior mandato, o fim do

estacionamento daquela área implica uma série de outros passos: da criação de parques dissuasores na periferia da cidade, à instalação do centro governamental na zona Luz-Benfica, como define o Plano Director Municipal, passando por uma melhor capacidade de oferta de transportes públicos.

Por isso, à libertação «do comércio de estacionamento automóvel», a proposta dos vereadores da Aliança Povo Unido junta também a adopção de um conjunto de acções «numa estrutura integrada de resolução dos problemas de estacionamento e trânsito na cidade».

A proposta defendida pelo vereador do pelouro da cultura parte do pressuposto de estar para breve, como aliás adiantou aos microfones de uma estação de Rádio o presidente da edili-

Mário Raposo

foi ver para crer

Nova sala de julgamentos no Tribunal de Monsanto

O ministro da Justiça, Mário Raposo, visitou ontem a nova sala de audiências do Tribunal de Monsanto que deverá começar a funcionar na próxima semana.

A nova sala de audiências, que abrange cerca de metade da área daquela em que decorre o julgamento das FP-25, está igualmente equipada com divisórias de vidro à prova de bala, nas quais terão assento o tribunal e os advogados, os «arrepentidos», os outros réus e o público.

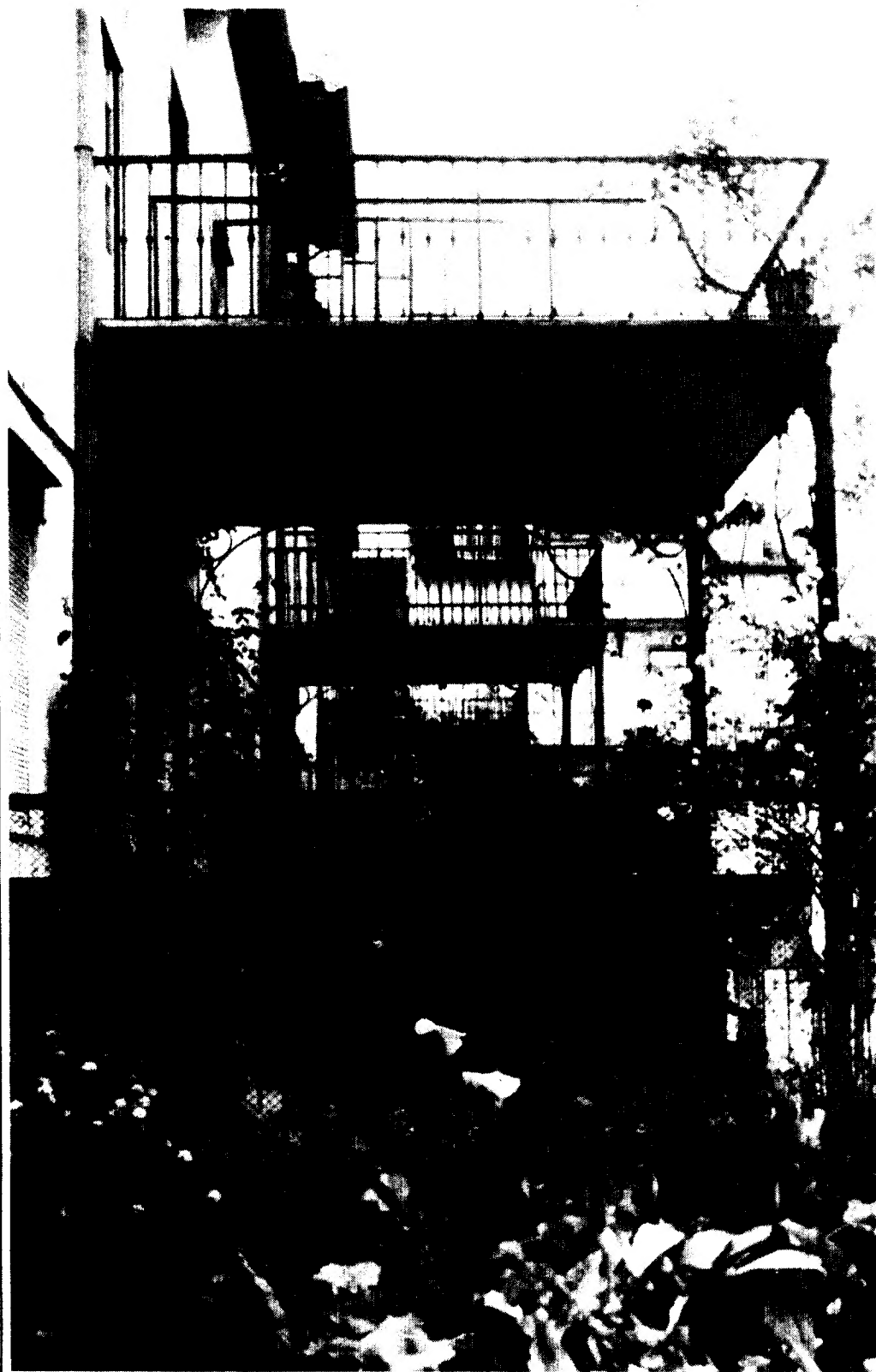
A sala está preparada para iniciar o julgamento do segundo processo ligado às FP-25, em que é ré Lara Everard, e no qual o tribunal é constituído por jurados, cujo sorteio se realizou ontem.

FP-25 reivindicam atentado nos Olivais

O ataque a tiro à esquadra dos Olivais foi ontem reivindicado por alegados membros das autodenominadas «Forças Populares 25 de Abril». Em telefonema para a RTP, os porta-vozes da organização sublinharam que a acção é uma retaliação por naquela esquadra ter sido «espancado» Fernando Rodrigues da Silva, que está a ser julgado em Monsanto.

Recorde-se que, como ontem o «DL» noticiou, Fernando Rodrigues da Silva foi detido por agentes daquela esquadra e que, em declarações ao nosso jornal, o Comissário Veríssimo Martins, porta-voz do Comando da PSP, tinha adiantado não haver indícios que pudessem ligar a acção contra a esquadra dos Olivais às FP-25.

Do atentado contra as instalações policiais, para além de muitas marcas da metralha nos prédios da Praça Cidade Salazar, resultou o ferimento de um guarda, Manuel Sousa Covilhã, atingido por uma bala no tornozelo.



O trabalho em ferro na Vila Berta: preservar antes que acabe

propostas para a Praça do Comércio

dade, a remoção do estacionamento na placa central do Terreiro do Paço, depois de criadas alternativas na Rua do Alecrim, Cais do Sodré e 24 de Julho. Findo este passo, o texto apresentado por Vítor Reis refere a necessidade de animação das arcadas, propondo que sejam libertos os pisos térreos dos Ministérios confinantes com a Praça para aí serem instaladas actividades de carácter comercial, turístico e cultural.

Apreciando a situação e perspectivas de solução, o vereador Vasco Franco diria, por seu lado, ser necessário manter algum estacionamento na zona da baixa e, para assegurar a rotatividade do estacionamento, avançar com as tarifas. O vereador socialista sublinharia ainda ser pouco provável que os Ministérios abdicassem do espaço que a proposta de Vítor Reis queria ver aproveitada, «pois o Governo está a alargar os espaços nos edifícios».

Num debate ainda incompleto, Nuno Abecasis traria outros elementos, dependentes da instalação dos eléctricos-rápidos. «A Câmara tem que pressionar para que este projecto se desbloqueie», sublinhou. Dependente da atitude da Carris, que no contrato de programa que vigora entre Janeiro de 1985 e Dezembro de 87 não contempla investimentos naquela área, estará a solução para o estacionamento da Avenida 24 de Julho. Uma nuvem que paira sobre as opções do presidente da Câmara pois, sem aquele espaço definitivamente arranjado, qualquer solução para o fim do estacionamento no Terreiro do Paço está comprometida.

Vilas Operárias: lembram-se?...

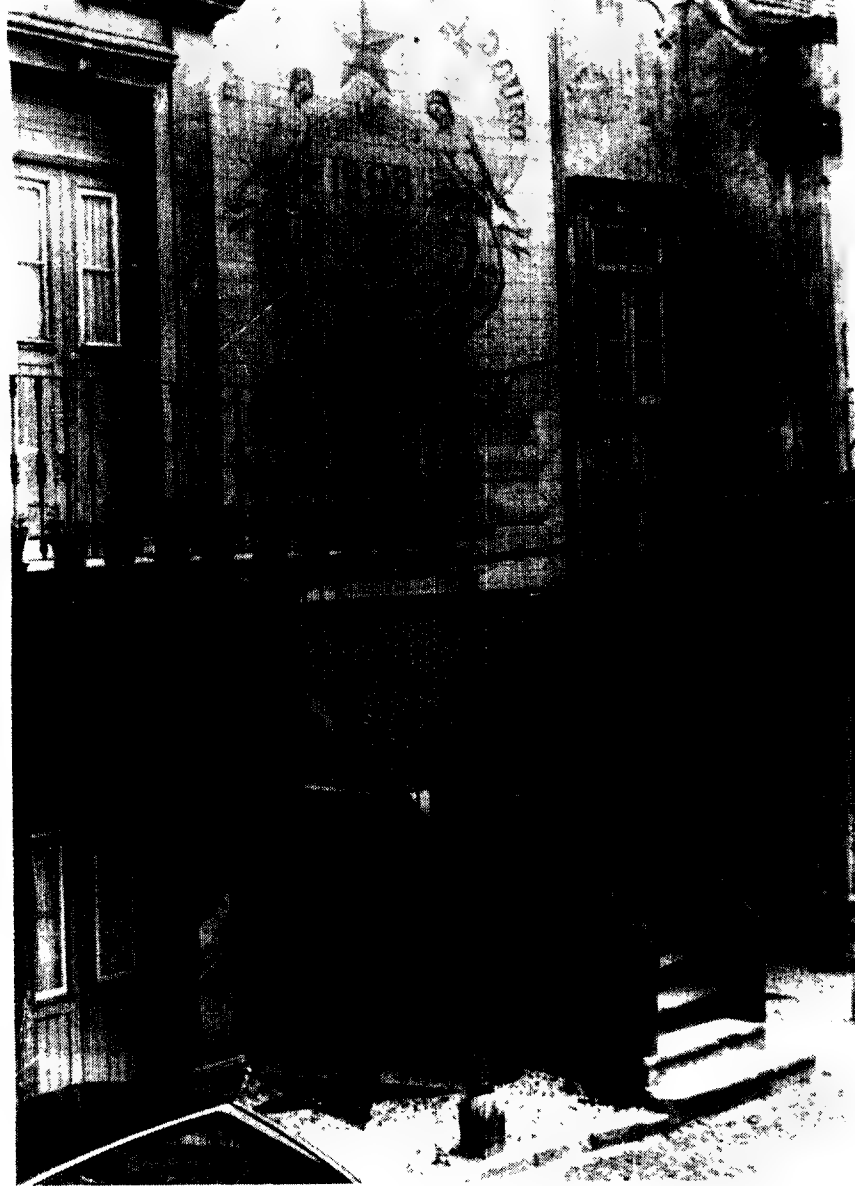
Em matéria de defesa do património, a atenção dos vereadores foi solicitada para uma proposta da APU sobre a conservação e reabilitação integrada das «Vilas Operárias».

Edificadas entre meados do século XIX e o fim da I Grande Guerra, as primeiras construídas com grande beleza arquitectónica, correspondente à época de edificação da cidade burguesa-liberal, outras apresentando soluções arquitectónicas e construtivas bem mais pobres, correspondentes à lógica capitalista que motivou a sua edificação, as habitações operárias, têm sido esquecidas. Com a sua destruição, é também um pedaço rico da história da cidade que desaparece, tornando impossível qualquer leitura histórica e política da sua implantação, baralhando, assim, os dados interpretativos da história da cidade.

Por isso, a proposta apresentada por Rui Godinho defende que os serviços de urbanização camarários façam a inventariação dos núcleos de habitação operária, a sua caracterização, definição e elaboração dos pla-



A entrada de Villa Sousa e o pátio de entrada: era assim que em 1890 se construíam as habitações dos operários



Vila Estrela d'Ouro, na Graça: o painel de azulejo com a data de fundação

17 500 assinaturas contra taxa de saneamento

«Insistimos na necessidade da Câmara Municipal de Lisboa reflectir sobre as opiniões dos munícipes, e ele disse que quem mandava na Câmara era ele, e que em relação a um milhão de habitantes, 17.500 assinaturas não são nada», declarou ao «DL» José António Tavares que, conjuntamente com outros munícipes entregou ao presidente Nuno Abecasis mais duas mil e quinhentas assinaturas de um abaixo-assinado de protesto contra a implementação da taxa de saneamento.

Recorda-se que a Câmara Municipal de Lisboa, em reunião extraordinária convocada pelo presidente, aprovou no passado dia 8 de Abril com os votos contra da APU um aumento do preço da água, em média superior a 30 por cento, como forma de conseguir verbas para as obras do grande interceptor. A. José António Tavares revelou, ainda, que já tinham sido enviados para a Câmara 15 mil postais de protesto, sublinhando que «se a Câmara Municipal levar à prática as tarifas, convidaremos a população de Lisboa a resistir».

nos de intervenção. Estes trabalhos, de acordo com o texto, serão coordenados por uma comissão de vereadores de todas as forças políticas representadas na vereação, e deverão estar concluídos no prazo de um ano.

Para os que duvidam da existência de tais núcleos habitacionais, ou que por eles passam diariamente sem se darem conta, a lista, apesar da destruição, é bastante significativa.

De Alcântara a Campolide, com passagem pelos Prazeres e

Campo de Ourique, estende-se a concentração do vale de Alcântara, ligada à realidade industrial da zona. Já a concentração da Graça, Penha de França e Alto de Pina, de onde sobressaem as vilas Berta, Sousa, Estrela d'Ouro e Cândida, para além de fornecer dormitório aos núcleos industriais de Xabregas e Beato, albergava, ainda, os trabalhadores do comércio do centro, da Baixa ao Terreiro do Trigo. As manchas das vilas operárias estendem-se, tam-

bém, da zona ribeirinha a Benfica, de Santa Isabel às Amoreiras, da Travessa da Póvoa, junto à fábrica das sedas, ao Pátio do Monteiro.

Do 25 de Abril ao 1.º de Maio

O período de antes da ordem do dia foi preenchido com referências ao 25 de Abril e ao 1.º de Maio. Uma intervenção do vereador Vítor Costa, da APU,

interrogou, para além do qual o programa camarário para as comemorações, o porquê da não autorização da montagem de um palco no Rossio.

A este propósito convirá lembrar a intervenção do dirigente e deputado socialista Manuel Alegre que, referindo-se à inexistência de um palco e às más condições sonoras, foi particularmente contundente para com Nuno Abecasis. «O presidente da Câmara está enganado na data do regime: não estamos

no 1.º de Maio de 1962 (ano de grande repressão sobre os manifestantes): estamos aqui por direito próprio numa Praça que o povo conquistou».

No entanto, no entender da maioria da Câmara — PSD, CDS, PS, e PPM — não há motivos para críticas. Tem sido prática não ceder o Rossio para manifestações fora dos períodos de campanha eleitoral, afirmou o presidente em exercício, Pedro Feist, invocando um despacho de Nuno Abecasis nesse sentido. Mas, pressionado por uma questão levantada por Rui Godinho, «a Câmara autorizou, e bem, para a festa popular de tomada de posse de Mário Soares», o vereador centrista respondeu, perante a passividade de todas as outras bancadas: «A Câmara não foi solicitada a participar nas comemorações do 25 de Abril».

Dia 25 de Abril, feriado nacional...

As comemorações do 1.º de Maio também estiveram presentes, tendo sido aprovadas duas moções de saudação aos trabalhadores. A da Aliança Povo Unido recolheu a unanimidade, enquanto a do Partido Socialista foi votada com a abstenção dos eleitos da APU por, ao que o «DL» apurou, conter expressões classificadas de ambíguas por aquela bancada.

Preparatória de Camarate reabriu esta manhã

A Escola Preparatória de Camarate reabriu esta manhã as suas portas após receber do Ministério da Educação «garantia total» quanto à segurança de «todo o equipamento». A decisão foi ontem tomada pelo Conselho Directivo da Escola, depois dos «pareceres favoráveis» solicitados pelo Conselho Directivo quanto à segurança das suas instalações, junto do ME.

Numa primeira tomada de posição, o pessoal docente e técnico administrativo da EP de Camarate havia decidido não recommençar as aulas até receber as garantias ontem asseguradas à presidente daquele órgão escolar, Maria Augusto Monteiro Costa. Com efeito, num comunicado também subscrito pela Associação de Pais, professores

e restantes funcionários, concluiu-se que o acidente ocorrido naquela escola no passado dia 22 se relacionava de «algum modo com a falta de condições de segurança em que várias escolas funcionam».

A situação veio, contudo a evoluir nas últimas horas e, ontem à tarde, estava assente que as aulas reabririam — como reabriram, de facto — esta manhã. O «DL» apurou que o reinício das actividades escolares em Camarate é pleno, sendo inclusive ministrada a disciplina de educação física. «A única diferença é que não há banhos», disse uma funcionária. E isso explica-se: é que foi na área dessa disciplina que a explosão, ainda alvo de inquérito, ocorreu.

A instalação de gás dos balneários foi entretanto revista e assinado pelo ME o certificado de garantia quanto ao seu funcionamento. De igual modo foi também fiscalizada a instalação de electricidade.

O pessoal docente, administrativo, auxiliar e associativo de pais e encarregados de educação manifestou, por outro lado, a «expressão de dor» pelos danos sofridos, solidarizando-se com as vítimas no «sentido de procurar que esse danos sejam reparados», lamentando ainda que «não exista um organismo e/ou fundo que permita atender prontamente aos problemas humanos que nestas ocorrências atingem as vítimas e seus familiares».



Escola de Camarate: a reabertura depois de um explosão ainda a ser alvo de inquérito



Caminhos de Ferro
Portugueses Informação

COMUNICADO DO CONSELHO DE GERÊNCIA DA CP

N.º 3

- 1 — Concluiu o Conselho de Gerência da CP no passado dia 25 de Abril as negociações com a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses com vista à desconvocação da greve, tendo sido celebrado um acordo que reflecte a preocupação de normalizar a vida da Empresa e, conseqüentemente, o serviço que presta aos seus utentes.
- 2 — A demora na concretização de um acordo teve origem na complexidade da situação e na necessidade de se encontrar uma solução equilibrada que não pusesse em perigo a estabilidade económico-financeira da CP, objectivo que se considera ter sido atingido.
- 3 — O Conselho de Gerência espera a breve prazo, com a participação e dedicação de todos os ferroviários, retomar a actividade normal em termos de capacidade de oferta, não podendo deixar, ao mesmo tempo, de realçar a forma como os trabalhadores em serviço desempenharam as suas funções no período difícil que a Empresa atravessou.
- 4 — O Conselho de Gerência da CP sente-se na necessidade de publicamente registar o elevado espírito cívico dos utentes dos serviços da Empresa e agradecer o modo compreensivo como enfrentaram as conseqüências desta greve.

Lisboa, 28 de Abril de 1986

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Idade mínima de 9 anos para terminar a Primária tem bom acolhimento

O despacho que estabelece os 9 anos como a idade mínima para terminar o ensino primário foi considerado uma medida positiva por várias entidades contactadas pela Anop.

Lurdes Ferreira, da direcção da Federação Nacional dos Professores (FENPROF) disse que a medida «vai resolver os problemas de alguns pais e de algumas crianças».

A FEMPROF põe, no entanto, «algumas reticências quanto à fixação dos 9 anos como idade mínima para terminar o ensino primário, porque o nosso sistema de ensino não tem os instrumentos necessários, designadamente a nível pré-escolar, para permitir que todas as crianças aproveitem com a institucionalização desta medida».

Manuel Brede Simões, um dos responsáveis do Instituto de Orientação e Formação Profissional, afirmou que, «numa primeira leitura, este despacho se pode considerar positivo, na medida em que permite respeitar o ritmo de aprendizagem dos alunos».

Para Brede Simões, esta medida «tende a condicionar a evolução dos alunos não à rigidez de esquemas e de normas mas aos princípios da capacidade de aprendizagem de cada um».

O despacho revoga o anterior, de 19 de Abril de 1977, que fixava em 10 anos a idade mínima para concluir o ensino primário e estabelece que as crianças que completem 9 anos até ao dia 30 de Setembro do ano civil em que estão matriculadas podem terminar o ensino primário «desde que manifestem capacidade e maturidade suficientes para o prosseguimento dos estudos».

Agostinho Domingues, do PS, salientou que é possível encontrar um novo perfil do professor a partir das escolas superiores de educação e realçou como aspectos essenciais do projecto socialista a escolaridade básica de seis anos, a pré-escolaridade e o ensino técnico-profissional.

Na perspectiva do PRD, «o ensino básico tem sido um desastre, na medida em que toda a estrutura tem uma lógica interna virada para o ensino superior, isto é, para a selecção».

Para Lemos Pires, «nada é preparatório, tudo é terminal na vida de uma pessoa», e nesse sentido propôs «seis anos de escolaridade obrigatória básica como fase terminal», na tentativa de «garantir a elevação do nível educativo de todo o povo português».

O deputado comunista António Osório disse que «o ensino preparatório deve estar ligado aos primeiros anos do secundário» e destacou a premência de uma lei de bases, como forma de estabelecer «a espinha dorsal do sistema, inexistente face à legislação avulsa em vigor».

Como objectivo primordial do projecto do PCP, realçou o carácter público e democrático do ensino, a reformulação dos conteúdos e métodos do ensino, a implementação da rede de ensino pré-escolar oficial e a criação de um serviço de apoio pedagógico para alunos e professores.

Helena Cidade Moura, do MDP-CDE sublinhou a necessidade do ciclo preparatório, «orientando a criança da escola para a sociedade» e frisou que «o ensino básico não é a base. A base é o ensino obrigatório mínimo» — concluiu.

**Cimeira
dos Cinco
em Luanda**

Condenada a política africana dos EUA

Os líderes das cinco nações africanas que usam o português como língua oficial, designados por PAEOP, iniciaram ontem em Luanda a sua sexta cimeira ordinária com um violento ataque à política da Administração Reagan em relação à África Austral, e particularmente Angola, e lamentaram a injustiça prevalente nas relações económicas internacionais.

Usando da palavra na sua qualidade de presidente do país africano, José Eduardo dos Santos, num discurso de 25 minutos, afirmou que a situação na região Sul do continente africano, já por si conturbada, foi agravada com a recente decisão da Administração norte-americana de receber Jonas Savimbi com honras de chefe de Estado e de conceder assistência financeira ao movimento rebelde UNITA, e pelo seu apoio aberto ao regime racista na África do Sul.

Eduardo dos Santos deverá assumir no final da reunião cimeira, previsto para hoje, a presidência do grupo dos cinco países, que lutam por uma maior harmonização das suas economias e coordenação político-diplomática para pôr fim ao conflito que opõe Angola e Moçambique por um lado e a África do Sul por outro.

A tónica dos discursos proferidos pelos presidentes Eduardo dos Santos e Pinto da Costa sublinha o ponto de vista de que o papel da diplomacia no relacionamento com a África do Sul está definitivamente posto de lado.

Eduardo dos Santos acusou também a África do Sul de estar a preparar uma invasão de grande envergadura ao território angolano.

Relativamente a Timor-Leste disse que os países membros das Nações Unidas, Portugal em particular, não podem renunciar às responsabilidades perante o desenrolar dos acontecimentos naquele território.

A cimeira de Luanda deve terminar hoje com a adopção da declaração final e programação de acções para o próximo ano, bem como com a assinatura de um acordo no domínio dos transportes aéreos.

Fontes oficiais disseram que a próxima cimeira deve realizar-se no Maputo, em 1987.

Acidente nuclear na URSS

Terá havido feridos e radiação atingiu a Escandinávia

A União Soviética anunciou o primeiro acidente numa central nuclear no país, horas depois de a Finlândia, Suécia e Noruega terem assinalado a existência de nuvens radioactivas provenientes do Leste.

A agência oficial soviética TASS, num breve despacho de Moscovo, disse que «ocorreu um acidente na central nuclear de Chernobil, tendo um dos seus reactores ficado inoperacional» e aludiu à existência de feridos, sem precisar números ou dados sobre o acidente.

A TASS indicou, no entanto, que «foram tomadas medidas destinadas a fazer face às consequências do acidente» e que «está a ser prestado auxílio às pessoas afectadas».

A agência anunciou ainda a formação de uma comissão governamental para investigar as causas do acidente na central de Chernobil, a 130 quilómetros a norte de Kiev, na República Socialista da Ucrânia.

O despacho da TASS seguiu-se a indicações sobre a detecção de elevados níveis de radiação sobre a Finlândia, a Suécia e a Dinamarca e depois de as autoridades suecas terem ordenado, na manhã de ontem, a evacuação da central nuclear de Forsmark, a norte de Estocolmo, por suspeita de fuga radioactiva no local.

As autoridades finlandesas indicaram que as radiações

atingiram níveis seis vezes superiores ao normal, especialmente sobre as cidades de Tampere, no centro do país, em Turku, no Sudeste, e em Kajani, na região Ocidental.

A TASS não indicou a data em que ocorreu o acidente ou sobre a dimensão dos danos causados, mas jornalistas ocidentais fizeram notar, no entanto, que a nomeação de uma comissão governamental especial na União Soviética se segue normalmente a grandes catástrofes.

Chernobil dispõe de quatro reactores nucleares, o primeiro dos quais entrou em funcionamento em 1977 e, segundo fontes ocidentais, cada reactor tem uma capacidade de 1000 megawatts e pertence ao tipo «RBMK — 1000», cujo sistema de refrigeração não dispõe de

dispositivo automático de segurança.

O ministro alemão-federal da Investigação Científica, Heinz Risenhuber, disse que «não existe nenhum perigo em relação à República Federal da Alemanha» porque «a nuvem radioactiva não se desloca nesta direcção».

No entanto, o Ministério federal do Interior ordenou aos governos de todos os Estados federados da Alemanha que procedam a controlos periódicos da radioactividade atmosférica, para se assegurar que a nuvem radioactiva não mudou de direcção.

Hoje as autoridades soviéticas não divulgaram mais informações sobre o acidente, limitando-se a lembrar as fugas radioactivas verificadas até agora nos Estados Unidos.

Hoje, um porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros afirmou que os jornalistas estrangeiros não serão provavelmente autorizados de momento a visitar o local da central «porque pode ser perigoso».

A rádio de Budapeste disse ter havido vítimas do acidente e fez notar que a central se situa na confluência dos rios Pripyat e

Uzh, perto do reservatório que abastece Kiev, a capital da Ucrânia, com 2,4 milhões de habitantes.

O acidente nuclear ontem revelado não foi o primeiro admitido pelos soviéticos, embora tenha sido o primeiro oficialmente admitido.

Um acidente ocorrido em finais dos anos 50, perto de Chelyabinsk, nos Urales, pode ter causado centenas de mortos, obrigou à evacuação de várias localidades e espalhou material radioactivo por 2600 quilómetros quadrados.

Nunca foi admitido pelas autoridades soviéticas, mas foi referido pela CIA e por cientistas soviéticos exilados. Vários artigos foram publicados na altura em publicações científicas soviéticas, descrevendo os efeitos das radiações mas sem apontar as causas.

Entretanto, um jornalista soviético do «Pravda Ukraina», entrevistado pelo telefone pelo correspondente da agência France Presse em Moscovo, disse hoje que «a situação é absolutamente normal em Kiev».

Esta manhã, o ministro dinamarquês do Ambiente, Christian Christensen, e a ministra sueca da Energia, Birgitta Dahl,

disseram que a União Soviética deverá «explicar porque não avisou os países vizinhos» dos riscos de contaminação.

Além dos controlos permanentes, os países escandinavos não adoptaram nenhuma medida especial de protecção e as notícias do acidente de Chernobyl, amplamente divulgadas, não provocaram movimentos de pânico entre as populações.

EUA ofereceu ajuda

Os Estados Unidos afirmaram estar na disposição de responder a eventuais pedidos de ajuda soviética para resolver os efeitos do acidente numa central nuclear na Ucrânia.

O chefe do pessoal da Casa Branca, Donald Regan, que acompanha o presidente Ronald Reagan na deslocação à Ásia, afirmou em Guam que os Estados Unidos «podem ajudar e fá-lo-ão se os soviéticos pedirem auxílio» para fazer face ao acidente.

«Temos bastante experiência no tratamento destas coisas, tanto clínica como cientificamente», disse Regan, depois de ter falado com o presidente acerca do acidente.

Questão do terrorismo só pode ser resolvida num contexto mundial

— afirmou o delegado soviético a uma conferência sobre segurança

O terrorismo é um «problema grave que, para ser resolvido, deve ser discutido num contexto mundial» — afirmou, em Erice, Itália, o delegado soviético à conferência sobre «Estabilidade Estratégica e Segurança no ano 2000».

Vasili Petrovsky, participante nos trabalhos do Centro de Cultura Científica «Ettore Majorana» de Erice, Sicília, patrocinados pelas Nações Unidas, salientou que «a distância entre os Estados Unidos e a União Soviética não é apenas geográfica, como também política, embora tanto Gorbachev como Reagan desejem a paz».

Petrovsky explicou aos jornalistas que a assembleia tentou «reduzir as diferenças, dado que da confrontação de ideias nasce um espírito construtivo».

Por seu turno, o norte-americano Peter Budwine, um dos responsáveis pelo projecto de defesa estratégica «Iniciativa de Defesa Estratégica» (SDI) rejeitou a ideia de que «o terrorismo

possa provocar uma guerra, visto que as duas superpotências são bastante responsáveis para a evitar».

O problema do terrorismo foi também abordado pelo chanceler alemão-federal, Helmut Kohl durante a visita que está a efectuar à Índia.

«O terrorismo é a praga da nossa época. Devemos extirpá-lo nas suas raízes — e não somente quando somos directamente afectados por ele», afirmou Kohl durante um jantar dado pelo primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi.

O governante indiano, por seu turno, classificou o terrorismo como «uma negação dos valores humanos que não é justificável por nenhuma política objectiva legítima».

Em França, o presidente François Mitterrand afirmou que o seu país está pronto a apoiar uma organização internacional, envolvendo polícias e agentes secretos, para combater a violência política.

Alvos de Abu Nidal

Dois conselheiros do presidente Reagan e um general reformado são alguns dos alvos norte-americanos que constam numa lista elaborada pelos guerrilheiros extremistas palestinos — foi revelado.

Em entrevista efectuada pela cadeia de Televisão norte-americana CBS no Líbano, um homem identificado como um dos dirigentes do grupo Abu Nidal afirmou que a organização tinha elaborado uma lista de alvos, que incluía também indivíduos de nacionalidade britânica.

O guerrilheiro acrescentou que a lista fora feita com o objectivo de retaliação pelo ataque aéreo dos Estados Unidos à Líbia há duas semanas.

O grupo de Abu Nidal reivindicou entretanto a responsabilidade do assassinio de um britânico em Jerusalém, no domingo, justificando-o como

represália pelo ataque dos Estados Unidos à Líbia.

Líbios implicados

Dois diplomatas libios e um funcionário das linhas aéreas libias que estariam implicados numa tentativa de ataque bomba deixaram já a Turquia — anunciou a agência noticiosa Anatolia.

A Imprensa turca dissera que os diplomatas Shaban Muhammad Hassan e Abdelhamid Al-Hadi e o seu compatriota Mansur Umrhan estavam implicados na tentativa de ataque a um clube de militares norte-americanos em Ancara.

Segundo a Imprensa, dois libios detidos no passado dia 18 por terem tentado o ataque, Ali Al-Ecefli Ramadan e Rejab Rohoma Tarhouni, disseram, que os diplomatas e o funcionário das linhas aéreas haviam fornecido os explosivos.

Encontro Machel/Botha

O presidente Samora Machel, de Moçambique, recebeu no sábado o presidente Pieter Botha, da República da África do Sul, em Mbabane, Suazilândia, com quem discutiu questões relativas ao Acordo de Nkomati assinado pelos dois países em 1984.

Samora Machel e Pieter Botha, que se encontravam na Suazilândia para assistir às cerimónias de coroação do rei Mswati III, faziam-se acompanhar pelo ministro da Construção e Aguas, Júlio Carilho e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Reolof Botha, respectivamente.

O encontro, de cerca de 40 minutos, teve como tónica principal o cumprimento do acordo de Nkomati à luz dos últimos acontecimentos, particularmente após as revelações dos documentos da Gorongosa.

Os dois chefes de Estado reafirmaram o compromisso de «cumprir e fazer cumprir» o acordo para garantir a segurança e boa vizinhança entre os dois países.

No próximo Verão

Missão empresarial vai à Argélia para constituir empresas mistas

Esta visita de empresários portugueses à Argélia estava prevista para decorrer entre o passado dia 18 e 23 de Abril. Mas depois da agressão americana à Líbia e consequente clima de instabilidade no Mediterrâneo, foi adiada para o Verão.

Uma missão empresarial portuguesa vai deslocar-se à Argélia para negociar a criação de empresas de capital misto luso-argelino e promover a transferência de tecnologias industriais, informou o secretário-geral da Câmara de Comércio Árabe-Portuguesa.

«Não se trata de uma missão de tipo comercial com a Argélia, embora os empresários portugueses não desprezem as oportunidades que surgirem a este nível», frisou Allaoua Bouabdellah, em declarações à Anop.

Com esta deslocação pretende-se implementar um novo tipo de cooperação a médio e longo-prazos alicerçada em empresas de capital misto.

As 30 empresas que procuram diversificar as suas relações económicas e comerciais na Argélia estão ligadas a vários sectores desde o financeiro, electrónico e das telecomunicações, até ao agro-alimentar, têxteis, metalomecânica e metalurgia, indústrias intermediárias de produção de cabos eléctricos, serviços de engenharia e transportes.

A delegação portuguesa conta com a participação de um representante do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), elemento que contactará com responsáveis por organismos congéneres argelinos, e será presidida por Alexandre

Vaz Pinto, presidente da Câmara de Comércio Árabe-Portuguesa.

O secretário-geral da Câmara do Comércio Árabe-Portuguesa, afirmou que a legislação argelina sobre a constituição de empresas de capital misto foi criada em 1982, estando as autoridades «muito receptivas» ao desenvolvimento deste tipo de cooperação com Portugal.

O programa da Câmara de Comércio prevê que se realizem este ano quatro missões deste tipo e de cooperação comercial ao mundo árabe, designadamente ao Iraque, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita.

Alaoua Bouabdellah disse que 90 por cento das exportações do mundo árabe para Portugal são provenientes destes países e o objectivo da Câmara de Comércio «é equilibrar, o mais possível, a nossa balança comercial com estes Estados».

Para 1986, está também prevista a deslocação a Portugal de missões da Síria, Jordânia e Arábia Saudita.

Entre outras iniciativas que a Câmara de Comércio Árabe-Portuguesa prevê, ainda este ano em Lisboa, contam-se um colóquio sobre as relações bancárias Portugal/Mundo Árabe e uma semana cultural.

As oito câmaras árabes europeias reunir-se-ão de 28 a 30 deste mês, no Kuwait.

Segundo um boletim informativo da Câmara de Comércio Árabe-Portuguesa, em finais de 1985, as exportações portuguesas para a Argélia totalizaram 29,9 milhões de contos, enquanto que as importações de produtos argelinos se cifraram em cerca de 3,6 milhões de contos.

Novo pacote de bancos privados fica seis meses à espera

Nicolau Santos

ANOP/«DL»

A autorização para a instalação de bancos privados em Portugal foi adiada em cerca de seis meses, para permitir que no primeiro «pacote» fosse possível incluir uma instituição portuguesa, disse uma fonte bancária.

O Ministério das Finanças regulou, através de um decreto publicado em 11 de Fevereiro de 1984, a constituição dos bancos privados, mas a primeira autorização, contemplando os bancos norte-americanos Manufacturers Hanover Trust e Chase Manhattan e o Banco Português de Investimentos, só foi concretizada em 28 de Agosto desse ano.

A mesma fonte indicou também que, na altura em que Ernâni Lopes era ministro das Finanças, «houve a preocupação de incluir sempre um banco português em cada «pacote» de autorizações.

Em 2 de Maio do ano transacto, o Conselho de Ministros autorizou a instalação de quatro novos bancos e de uma companhia de seguros privada. Dos quatro bancos, um era português — o Banco Comercial Português, com sede no Porto — e três estrangeiros — Banque Nationale de Paris (francês) Citibank (norte-americano) e Barclays Bank, (britânico).

O último «pacote» até agora autorizado, por portaria de 27 de Junho de 1985, incluía a constituição de dois bancos comerciais, o Banco Europeu de Crédito, com sede em Lisboa, e o Banco de Comércio e

Indústria, com sede no Porto, ambos portugueses, e a instalação de mais uma filial de um banco estrangeiro, a Société Generale de Banques (belga).

Um alto funcionário do Ministério das Finanças durante o Governo PS/PSD disse, entretanto, que nos responsáveis de então «esteve sempre presente a exiguidade do mercado face ao número de pedidos de autorização para abertura de filiais ou constituição de novos bancos».

Acrescentou contudo que «difícilmente poderiam ser recusadas as autorizações para que certos bancos, que sempre responderam às necessidades da República, abrissem as suas instalações no mercado português».

O sistema bancário português contemplava 12 instituições à data da abertura do sector à iniciativa privada e, desde aí, mais 13 começaram a operar no mercado.

O impacto destas autorizações, no entanto, «só este ano se deve começar a fazer sentir com toda a sua intensidade», disse à Anop um responsável duma instituição privada portuguesa, já que apenas em 1986 os novos bancos começarão verdadeiramente a operar no mercado.

De qualquer modo, a multiplicação do número de instituições bancárias no curto espaço de um ano levantou críticas em diversos sectores, mesmo naqueles que apoiaram a abertura do sistema bancário à iniciativa privada.

Pausa para avaliar os efeitos no mercado

Essas críticas foram tornadas públicas, em primeiro lugar, pelo anterior governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio, que solicitou, em Janeiro deste ano, uma «pausa» de dois ou três anos no processo de abertura de novas instituições, para «saber como reage o mercado às novas condições».

O actual Governo deu já a entender que perfilha também esta filosofia e, um comunicado do Conselho de Ministros de 13 de Março, indica que a autorização para a instalação de novos bancos fica dependente de contrapartidas que representem «vantagens reais» para o País.

A abertura de novas instituições estrangeiras em Portugal neste sector tem sido regulada até agora pelo «princípio da reciprocidade», isto é, apenas foram autorizados a operar no mercado bancos de países onde existem igualmente filiais de instituições portuguesas.

Sendo assim, dificilmente o Governo poderá adiar por muito mais tempo a autorização para pelo menos um banco espanhol operar no mercado nacional, quando se sabe que duas instituições do país

vizinho apresentaram já os seus pedidos no Banco de Portugal, que lhes deu «luz verde», enquanto quatro bancos nacionais pretendem abrir filiais ou escritórios de representação em Espanha.

Estão neste caso o Banco de Fomento Nacional, Espírito Santo e Comercial de Lisboa e Pinto e Sotto Mayor, que solicitaram ao Banco de Portugal autorização para abrirem escritórios de representação em Espanha, e o Banco Português do Atlântico, que pretende ter uma filial no país vizinho.

Se efectivamente um banco espanhol, que tanto pode ser o Banco Central como o Banco Exterior de Espanha, abrir uma filial em Portugal, o sistema bancário nacional passará a funcionar com 12 bancos do Estado e 14 bancos privados portugueses e estrangeiros.

Este facto lança algumas «sombra» sobre a viabilidade futura de certas instituições nacionalizadas, que se encontram em situação económico-financeira difícil, se bem que o sector público represente cerca de 90 por cento do mercado em termos de operações.

No entanto, essa situação não resultou directamente das nacionalizações, vindo nalguns casos de antes do 25 de Abril de 1974, se bem que a dependência de alguns Conselhos de Gestão dos sucessivos Governos, as fusões anárquicas de instituições e os aumentos de pessoal resultantes de funcionários vindos das ex-colónias tenham agravado essa tendência, disse o gestor de um banco privado português.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

O DOUTOR JUIZ DE DIREITO ADRIANO AUGUSTO MORAIS, Juiz do 6.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

FAZ SABER QUE, nos autos de execução por custas com o n.º 83/82, correm seus termos pela 1.ª secção do 6.º Juízo, em que é executante — o M.º P.º e executada — SIMACRIL-Soc. Importadora de Produtos Para Criança, Lda., com sede na Rua Dr. Joaquim Manso n.º 3-A — Lisboa e nos mesmos foi designado o dia 28 de Maio de 1986, às 14 horas, para serem postos em praça, para serem arrematados em hasta pública (1.ª, 2.ª ou 3.ª praça, se for caso disso) — pelo maior lance que for oferecido, superior a 1 000 000\$00 (um milhão de escudos), do direito ao trespassse e arrendamento da loja ou estabelecimento, pertencente à executada já identificada acima.

E para constar se passou o presente anúncio que vai ser publicado nos jornais de maior tiragem do País

Lisboa, 3 de Abril de 1986
O Juiz de Direito
Dr. Adriano Augusto Moraes
O Escrivão Adjunto
Maria Izilda Bento Moutinho

D.L. 29/4/86 - 1.ª Pub.

LIGA PORTUGUESA DE HIGIENE MENTAL

Assembleia Geral Ordinária

Convocatória

Convocam-se todos os Sócios da Liga Portuguesa de Higiene Mental para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar no próximo dia 8 de Maio, na sede desta Liga — Largo do Andaluz, 15-7.º Esquerdo, em Lisboa.

A Assembleia Geral funcionará, em primeira convocação, com a maioria dos Sócios, às 20 horas e 30 minutos, e em segunda convocação, com qualquer número de Sócios, uma hora depois, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º Informações;
- 2.º Apreciação e votação do Relatório e Contas respeitantes ao ano de 1985;
- 3.º Apreciação e votação da proposta da Direcção da Liga para a actualização das quotas dos Sócios.

Lisboa, 28 de Abril de 1986

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Ana Sara Alves de Brito

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

3.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da data da publicação do último anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: os Réus condenados a pagar à Autora a quantia de 666 001\$00, de prémios e juros vencidos, bem como os juros vencidos à taxa legal, de harmonia com o referido no art.º 10.º, sobre a quantia de 356 808\$60, com custas a seu cargo.

Mais são citados os Réus para confessar ou negar a firma constante do título de obrigação referido no artigo 4.º.

Acção ORDINÁRIA, n.º 4110/85, 2.ª secção.
Autor A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede na Rua Garrett, 56 — LISBOA.

Réu ANTÓNIO FRANCISCO RUIVO DO MONTE, CONSTRUÇÃO CIVIL, LDA., com sede na Praça Almirante Reis, 27 — SETÚBAL e OUTRO.

LISBOA, 15 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
Alfredo André dos Santos

O Escrivão Adjunto
Maria de Lourdes Basilio Veloso

«DL» 29/4/86 - 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 59/85, em que é Autora, Maria do Céu Cação Aguiar e Co-Rés, MARIA MANUELA SANTOS LÁZARO, e AURÉLIA FERREIRA DOS SANTOS LÁZARO as quais tiveram a última residência conhecida na Rua Vale Formoso de Cima, 134, respectivamente no 3.º e 4.º Esq.º e neles correm editos de trinta dias citando as referidas Co-Rés, para no prazo de OITO DIAS, findo o dos editos, e este a contar da publicação do segundo e último anúncio, contestar, querendo, a dita, cujo duplicado da petição inicial se encontra ao seu dispor nesta secção, onde poderá ser levantado durante as horas normais de expediente, sob pena de, não o fazendo, serem imediatamente condenadas no pedido formulado pela autora

Lisboa, 11 de Abril de 1986

O Juiz de Direito,
(Dr. António Sérgio Abrantes Mendes)

O Escrivão Adjunto
(Luís Manuel Faria Antunes)

«DL» 29/4/86 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA VIÇOSA

ANÚNCIO

No dia oito do próximo mês de Maio de mil novecentos e oitenta e seis, pelas 11 horas, no Tribunal desta comarca, na carta precatória vinda do 5.º Juízo Cível da comarca de Lisboa em que é Exequente — Companhia de Seguros Império, EP e Executado — José António Matos Perdigão, residente na Rua Matos Costa em S. Romão — Vila Viçosa, serão posto em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos referidos autos, os seguintes bens apreendidos àquele Executado:

1.º Uma motonzeira de matrícula 1-VVC-3-89, marca Zundapp, com o motor n.º 7144703, EFS Motobill, com o quadro n.º 176965, de cor vermelha, em razoável estado de conservação.

2.º Uma máquina de furar com respectivos apoios, marca RVES — modelo ND-16 de cor verde e preto em bom estado de conservação

Vila Viçosa, 11 de Abril de 1986

A Juiz de Direito
Dr. Maria da Conceição Simão Gomes

O Escrivão Judicial
Anacleto Francisco Carvalho Galhó

«DL» 29/4/86 - 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 7015 1.ª Secção
FAZ SABER que por este Tribunal correm editos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da segunda e última publicação dos autos citando a ré DIAMANTECNICA-DIAMANTAS FERRAMENTAS, LD.ª, com a última sede conhecida na Rua Camilo Castelo Branco, 2-1.º Lisboa, para no prazo de DEZ DIAS contestar a Acção Sumária em que é Autora a Companhia de Seguros Império sob pena de ser condenada no pedido de 88 437\$10 de prémios e juros vencidos, bem como os juros vencidos à taxa legal, sobre a quantia de 68 992\$50

Lisboa, 17 de Abril de 1986
O Juiz de Direito
Manuel Duarte Soares
O Escrivão Adjunto
Maria Filomena Adónis Maia

D.L. 29/4/86 - 1.ª Pub.



Se a Assembleia (nomeadamente PRD e PS) concordar

Despedimentos à grande e à "europeia" nas intenções imediatas do Governo

Daniel Reis

O simples acréscimo de uma alínea ao artigo que especifica as razões de justa causa para despedimento e que na proposta de lei apresentada pelo Governo na Assembleia leva a designação de alínea c) do n.º 1 do Art. 18.º, vai agitar a vida política e sindical portuguesa nos próximos meses e, se o diploma passar, alterará profundamente as relações laborais no nosso país.

Trata-se de alargar o conceito de justa causa de despedimento a razões objectivas alegadas pela empresa, tais sejam motivos económicos, tecnológicos, estruturais ou de mercado. Como razões objectivas da «justa causa de despedimento, mas estas já referidas ao próprio trabalhador, o Governo pretende ver consagrada «a inaptidão do trabalhador para desempenhar as suas funções, revelada após o termo do período experimental, no caso de não ser possível, no quadro de uma correcta gestão da empresa, ocupar o trabalhador no exercício de outras funções.

Também a simples inaptidão do trabalhador às modificações tecnológicas operadas no seu posto de trabalho são invocadas pelo Governo como justificações para o despedimento.

Embora continuem a ser proibidos despedimentos sem justa causa ou por motivos políticos ou ideológicos, a possibilidade de o empregador de mão-de-obra alegar inaptidão do trabalhador ou motivos objectivos de ordem económico-financeira da empresa para despedir, a porta fica de facto aberta e é muito larga para uma vaga maciça de despedimentos em todas as empresas que estejam a trabalhar com excesso de mão-de-obra ou atravessem crises de produção por falta de mercados.

E possível que, à semelhança de outros países europeus de economia de mercado, a mão-de-obra passe a ter uma maior mobilidade e que, eventualmente, os períodos de desemprego passem a ser de mais curta duração. Mas essa mobilidade, nas condições objectivas da economia portuguesa, ten-

Pedido de autorização legislativa visa alargar a justa causa a razões económico-financeiras das empresas

derá a ser obtida, pelo menos nos primeiros anos de vigência desta legislação laboral, à custa de verdadeiros exércitos de desempregados muito superiores em números globais aos actuais cerca de 500 mil sem trabalho.

Cópia da legislação europeia sem a mesma segurança social

O pacote legislativo preparado pelo Governo e apresentado já há meses à Assembleia da República, como pedido de autorização legislativa, compreende a revisão do regime jurídico da cessação do contrato de trabalho e a cessação dos contratos a prazo na sua figuração actual, restringindo-se a casos tipificados na lei.

Simultaneamente, o Governo pediu autorização legislativa para inovar uma figura de contratação denominada contrato de trabalho temporário.

A extensão do conceito de justa causa para despedimento a factos, situações ou circunstâncias objectivas ligadas à pessoa do trabalhador ou ao funcionamento da empresa (motivos económico-financeiros ou de inovação tecnológica) é defendida pelo Governo na nota explicativa de motivos remetida à Assembleia em apoio ao pedido de autorização legislativa, com a necessidade de adequar as leis portuguesas de trabalho às vigentes nos países da CEE com cujos empresários o patronato português vai ter de entrar em concorrência directa. Mas falta à economia portuguesa — e não é certo que esse atraso seja recuperado nos anos mais próximos — a capacidade de gerar fundos que igualem também a segurança social, nomeadamente os subsídios de desemprego, à dos outros países da Comunidade.

Relativamente à lei actual, o Governo pretende, também, modificar as regras indemnizatórias vigentes e eliminar o princípio da reintegração automática no caso de despedimento ilícito, ou seja, quando por recurso aos tribunais se apurar a inexistência de justa causa.

Não ficariam, assim, garantidas as indemnizações por salários perdidos durante o período de suspensão — entre o despedimento e a reintegração por decisão do tribunal, mas apenas o montante do prejuízo efectivamente sofrido pelo trabalhador, sem penalizar a entidade empregadora por demonstrar que a prática dos Tribunais do Trabalho vêm revelando.

A própria reintegração só seria imposta à empresa se o juiz do processo entender, na sentença, existirem condições objectivas para essa reintegração, podendo também a pedido do empresário concordar com a superveniência de factores que inviabilizem a reintegração.

Contratos a prazo

A revisão da lei dos contratos a prazo aponta, nas intenções do Governo, para pôr fim aos abusos actuais — quase só se cele-

bram contratos a prazo e os trabalhadores nesse regime já são alguns 700 mil, limitando-se às situações objectivas em que eles se justifiquem por razões de ordem económica, nomeadamente para a execução de trabalho de duração limitada, acréscimo temporário de laboração ou substituição de trabalhadores temporariamente impedidos de prestar serviço.

Ao apresentar este pedido de autorização legislativa o Governo sabia que depende, pelo menos, da abstenção do PRD ou do PS para o pacote passar. Essa é uma questão-chave da vida parlamentar lá para fins do mês de Maio, eventualmente, pois a discussão ainda não está agendada. Aprioridade e urgência para discutir a legislação laboral foi rejeitada pela maioria da Assembleia da República, o que, embora não tenha um significado extrapolável para a futura votação, pode ao menos querer dizer que não vai ser fácil ao Governo de Cavaco Silva fazer passar esta legislação que subverteria completamente as relações de trabalho em Portugal.

E isto com o simples acréscimo de uma alínea ao artigo que determina as razões de justa causa por despedimento.

Ministro do Trabalho anunciou apoio salarial a 9000 desempregados

O Ministério do Trabalho vai lançar no próximo mês de Julho um programa especial para apoio salarial a trabalhadores com idade superior a 25 anos e desempregados há mais de 12 meses, anunciou esta manhã o ministro do Trabalho.

Mira Amaral especificou que a iniciativa atingirá nove mil trabalhadores já este ano, os quais deverão estar inscritos nos centros de emprego, e que estes serão ocupados por períodos não inferiores a seis meses, em actividades que satisfaçam necessidades colectivas. Os projectos em que os desempregados participarem podem ser apresentados até 20 de Junho por entidades públicas ou privadas, com ou sem fim lucrativo, desde que os seus objectivos se enquadrem nas orientações gerais do Fundo Social Europeu, e desde que as necessidades colectivas que visam satisfazer não o sejam de outro modo.

O programa em questão será coordenado pelos centros de emprego do Instituto do Emprego e Formação Profissional

(IEFP), em articulação com os Centros Regionais de Segurança Social, e contará com o apoio financeiro do Fundo Social Europeu. Os desempregados candidatos a esta nova forma de apoio não poderão estar a receber subsídio de desemprego e auferirão o salário mínimo da indústria, ou seja, 22 mil e 500 escudos mensais.

De acordo com o ministro do Trabalho, esta iniciativa integra-se num conjunto de medidas já postas em prática, as quais visam ultrapassar o conceito «meramente assistencial» do apoio aos desempregados, transformando-o em «acções activas que fomentem a ocupação e a própria criação de empregos por parte dos inactivos.» As outras medidas agora anunciadas consistem no alargamento do Programa de Ocupação Temporária de Jovens, que abrangerá mais 10 mil jovens, além dos 2 mil inicialmente previstos; na publicação de legislação específica destinada a criar o enquadramento jurídico, o apoio técnico e os estímulos finan-

ceiros indispensáveis ao lançamento e viabilização de iniciativas locais criadoras de emprego; e, finalmente, no desencadeamento de um projecto piloto de iniciativas locais de emprego em cooperação com a CEE.

Os jovens envolvidos no programa de ocupação temporária receberão 17 contos mensais, tal como aqueles outros que participam no já anunciado programa de ocupação de tempos livres, e trabalharão por períodos de seis meses (Julho a Dezembro) e em actividades que satisfaçam necessidades colectivas e sejam da iniciativa de entidades públicas ou privadas sem fim lucrativo. Nos dois casos, os jovens deverão ter entre 18 e 25 anos.

Quanto às iniciativas locais de emprego trata-se, por um lado, de legislar sobre a matéria e, por outro, de participar num projecto piloto da CEE que se destina a combater o desemprego através da criação de postos de trabalho nos próprios locais onde residem

os interessados. A selecção da região em que será desencadeada esta acção será feita em Maio/Junho e entre os seus objectivos conta-se igualmente a procura de uma correcta articulação entre os apoios mobilizáveis no âmbito do Fundo Social Europeu e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional e o trabalho do Ministério do Plano.

Mira Amaral referiu que estas acções completam as iniciativas de apoio à criação de actividades independentes e de apoio salarial em actividades de interesse colectivo, já em execução. O conjunto destas acções custará este ano 3 milhões 365 mil contos e envolverá 57500 jovens e desempregados. De acordo com o ministro «o Governo pretende com estas medidas associar-se às comemorações do 25 de Abril, concretizando na prática o projecto de que o 25 de Abril é portador no sentido de ajudar os mais desfavorecidos e sobretudo os jovens, que são o futuro do nosso País.»

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52\$10	58\$10
ALEMANHA FED. (marco)	66\$25	67\$45
ÁUSTRIA (xelim)	9\$35	9\$55
BÉLGICA (franco)	3\$089	3\$289
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	104\$20	106\$70
(notas de 5 a 1000)	104\$70	106\$20
DINAMARCA (coroa)	17\$90	18\$30
ESPAÑA (peseta)	1\$011	1\$131
EU A (dólar - notas de 1 e 2)	143\$85	147\$35
(notas de 5 a 1000)	144\$35	147\$85
FINLÂNDIA (marka)	29\$20	29\$80
FRANÇA (franco)	20\$80	21\$50
HOLANDA (florim)	58\$70	59\$80
IRLÂNDIA (libra)	202\$60	206\$60
ITÁLIA (lira)	\$088	\$098
JAPÃO (iene)	\$834	\$869
NORUEGA (coroa)	20\$80	21\$30
REINO UNIDO (libra)	223\$85	228\$35
SUECIA (coroa)	20\$50	21\$00
SUIÇA (franco)	79\$30	80\$20
VENEZUELA (bolivar)	7\$00	8\$00

Observações:

1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Já na terceira semana

Greve do Metro agudiza-se

O conflito laboral no Metropolitano de Lisboa entrou na terceira semana, com um aumento do período de greve, sem que se verifiquem perspectivas de um acordo.

Nas duas primeiras semanas, as greves pararam o Metropolitano duas horas por dia, alternadamente de manhã e à tarde. A partir de ontem, os períodos de paralisação foram aumentados para duas horas e meia.

Um dirigente sindical afirmou a disposição dos trabalhadores para prorrogar as formas de luta, «se se mantiver o impasse» nas negociações.

A adesão à greve, ontem de manhã, entre as 6.25 e as 9 horas — disse Alberto Gomes — foi cumprida por 100 por cento dos trabalhadores abrangidos.

Este horário da greve será repetido amanhã, quarta-feira. Hoje o período da greve está compreendido entre as 17 e as 19.30.

Os trabalhadores do Metropolitano reivindicam um aumento salarial da ordem dos 20 por cento.

«É uma percentagem justa de aumentos, que está equiparada às que foram obtidas pelos restantes trabalhadores do sector, nomeadamente da CP e da Carris» — defendeu Alberto Gomes.

Barcos do Tejo param 2ª feira

Trabalhadores da Transtejo marcaram uma greve de 24 horas para o próximo dia 5, segunda-feira, acusando o Conselho de Gerência de «intransigência» nas negociações salariais, anunciou a Comissão Negociadora Sindical desta empresa pública.

A Comissão salienta, em comunicado, que os trabalhadores da Transtejo reivindicam aumentos salariais idênticos aos registados em outras empresas do sector de transportes, onde «já houve acordos de cerca de 19 por cento».

Os trabalhadores reivindicam, ainda, a criação, «do fundo social de reformas e das novas categorias para as oficinas e manutenção».

Duas horas de greve na Cometna

Trabalhadores da Cometna paralisam terça-feira durante duas horas para forçar a administração da empresa a cumprir os aumentos salariais que acordou com os sindicatos — informou fonte sindical.

António Tremoço, da Federação dos Sindicatos da Metalurgia e Metalomecânica, acrescentou que a greve se fará das 09h00 às 11h00 em Amadora e Famões, e das 15.30 às 17.30, horas em Lisboa e Palmela.

O dirigente sindical explicou que a grevetem por objectivos «manifestar a oposição dos trabalhadores ao desmantelamento da empresa e exigir à administração da empresa o respeito do acordo de princípios obtido para aumentos salariais».

Tendência incontornável para a descida

O rei dólar definha

O dólar norte-americano continua a cair nos mercados financeiros internacionais, sem que nada consiga aparentemente travar esta tendência. Nem as intervenções do Banco do Japão, comprando milhões de dólares, nem os bons resultados da economia norte-americana no primeiro trimestre do ano, nem sequer o ataque dos Estados Unidos à Líbia inverteram esse movimento a que se assiste desde há uma semana.

Na véspera do bombardeamento de Tripoli, o dólar estava cotado em Paris a 7,40 francos franceses, mas, uma semana depois, não valia senão 6,97 francos, o nível mais baixo desde 21 de Março.

Numerosos especialistas admitem, agora, que a moeda norte-americana esteja a ser vítima de uma descida incontornável, que abalaria as economias de todos os países e poderia desequilibrar o sistema bancário internacional.

A política de descida controlada do dólar, decidida em Setembro de 1985 pelos ministros das Finanças dos cinco países mais ricos do Mundo, tinha no entanto dado os seus frutos: a moeda dos Estados Unidos tinha caído lentamente e, em 25 de Fevereiro, descia abaixo dos 7 francos franceses.

As autoridades francesas estimavam, então, ser esta uma cotação «equilibrada» para o comércio externo francês. O dólar estabilizava, em Março, à volta de 6,8 francos franceses. No entanto, diversos factores contribuíram, nos dias seguintes, para fazer a sua cotação subir assinalavelmente.

Entre esses factores, incluem-se:

— Os rumores sobre um realinhamento do Sistema Monetário Europeu após as eleições francesas tinha levado os capitais flutuantes a procurar refúgio nos Estados Unidos.

— O Japão considerava que o dólar estava cotado a níveis inferiores, prejudicando as suas exportações para os Estados Unidos, seu principal cliente. Tóquio deixava entender que desenvolveria acções para fazer subir a cotação da moeda norte-americana.

— O reforço da posição de Paul Volcker, presidente da Reserva Federal norte-americana (FED) face aos apoiantes de um dólar fraco, bom para os exportadores americanos e para a Balança Comercial, altamente deficitária, dos Estados Unidos.

O sobe e desce

Todos estes factores conduzi-ram, no início de Abril, a uma melhoria da posição do dólar face a todas as divisas e, particularmente, em relação ao franco francês. Na véspera da desvalorização do franco face ao marco, o dólar era cotado em Paris a 7,65 francos.

Desde essa altura, a moeda norte-americana não deixou de

descer e descer depressa. Os mercados de câmbios não conhecem mais os famosos movimentos técnicos e os cambistas estão inquietos.

Diversos elementos em jogo deveriam conduzir o dólar para uma alta, mas eles não funcionam na prática.

A economia norte-americana continua a dar provas de uma saúde de ferro pelo quarto ano consecutivo. O crescimento norte-americano no primeiro trimestre de 1986 ultrapassou mesmo as previsões mais optimistas: mais 3,2 por cento, quando as estimativas apontavam para apenas pouco mais de 2 por cento.

As desinflatórias da economia norte-americana prosseguem: — 0,4 por cento em Março, ou seja, uma descida dos preços de 1,9 por cento num ano, um número que não era atingido desde 1954.

Por outro lado, a Reserva Federal norte-americana procedeu a uma redução da sua taxa de desconto, de 7 para 6,5 por cento, na sexta-feira, mas os meios bancários esperavam uma descida superior. O mercado norte-americano continua, no entanto, a ser atractivo para os capitais estrangeiros, porque o diferencial de taxas entre os grandes países praticamente não foi alterado.

Finalmente, os japoneses, apesar de estarem a intervir massivamente em quase todo o Mundo para sustentar a descida do dólar, gastando a bagatela de 1,5 mil milhões de dólares nesse objectivo, não obtiveram quase nenhuns resultados e os respon-

sáveis nipónicos multiplicam os apelos a Washington para que seja travado o movimento que atinge a sua economia.

Quanto às declarações apaziguadoras dos funcionários governamentais norte-americanos, elas não parecem convencer ninguém, sobretudo depois do presidente Ronald Reagan ter afirmado, segunda-feira à noite, que o dólar forte era responsável pelo «grande desequilíbrio comercial» do seu país.

Mas um outro factor contribui para a descida: a queda dos preços de petróleo. Os países importadores têm menos necessidade de dólares para efectuar as suas importações.

Depois, o petróleo a baixo preço dá uma boa margem de manobra ao FED e aos bancos norte-americanos para prosseguirem a redução das taxas de juro, conduzindo ainda a uma descida mais acentuada do dólar.

O risco maior vem dos bancos norte-americanos, espinha dorsal do sistema financeiro mundial, que concederam grandes empréstimos às empresas e países produtores de petróleo.

Se o preço do bruto se mantiver a um nível baixo, as dificuldades dos países e empresas poderão provocar uma crise bancária de grande amplitude nos Estados Unidos.

Paul Volcker não estava certamente muito longe da verdade, quando afirmava recentemente que o «rei dólar» estava próximo de uma «zona perigosa».

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

CONCURSO PÚBLICO PARA A VENDA DE «ARTIGOS INCAPAZES NÃO UTILIZÁVEIS NA GUARDA FISCAL»

1. Faz-se público que está aberto concurso público para a venda de artigos não utilizáveis na Guarda Fiscal.
2. Serão recebidas propostas até às 17.30 h do dia 2 de Junho próximo, procedendo-se a sua abertura às 10.00 h do dia imediato, 3JUN86.
3. O caderno de encargos está patente neste Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 50\$00 cada exemplar.
4. Os artigos podem ser vistos nos dias normais de serviço na 4.ª Repartição deste Comando Geral durante as horas de expediente.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados à executada para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos pelo produto de tais bens, no prazo de 10 dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

AUTOS DE EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 1800 — 1.ª SECÇÃO
Exequente — A Companhia de Seguros Império, E.P.
Executada — Albertina Martins Neves Palma, residente na Praceta Luís de Camões, Torre 306 — 2.º C, Bairro Mira Sintra — Cacém, Sintra.
Lisboa, 16 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
Regível
O Escrivão Adjunto
Regível

D.L. 29/4/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 15.º JUÍZO ANÚNCIO

Execução de Sentença n.º 1440/B 2.ª Secção.

Exequente Companhia de Seguros Império, com sede nesta cidade, na R. Garrett, 56.

Executada «NOVA SERRAÇÃO TORREENSE LD», com sede na Rua Dias Neiva, em Torres Vedras.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da segunda publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem a execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 9 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
Flávio do Casal
O Escrivão de Direito
Martinho Delca

D.L. 29/4/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA GÓLEGA ANÚNCIO

O Dr. Gabriel Martim Anjos Catarino, Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Gólega.

Faz saber que nos autos de Execução Sumária com o n.º 73/81, a correr termos pela 1.ª secção deste Tribunal, em que é exequente «T.I.F. — Transformação, Importação e Fabrico, Lda», com sede em Lisboa, e executada «Brito & Lopes, lda», sediada na Rua Falcão Sommer, 2-B, em Entroncamento, foi designado o dia 20 do próximo mês de Maio, pelas 10 horas, para, no edifício deste Tribunal, se proceder à arrematação, em hasta pública e pelo maior lance oferecido direito ao arrendamento e trespasso do local da sede daquela executada, na já referida Rua Falcão Sommer, 2-B, em Entroncamento, de que é senhorio Norberto Dias Duque, residente no n.º 2 da mesma rua.

Gólega, 23 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
(Regível)
O Escrivão
(Regível)

«DL» 29/4/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS ANÚNCIO

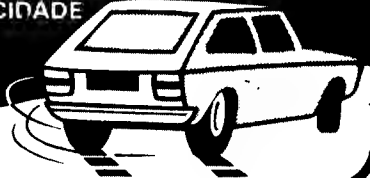
1.º Juízo
1.ª Secção
Proc.º 37-A/84

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo deste Tribunal, correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando as pessoas que se julguem com a qualidade de herdeiros ou sucessores da falecida Celeste Gaspar Lopes Charola, residente que foi na Rua X, Alto de Algés, 127 r/c, Frente em Algés para dentro do prazo de 8 DIAS, findo que seja o dos éditos virem à acção Ordinária que José Ramundo Serra e mulher intentaram contra a falecida e outros, mostrarem essa qualidade afim de serem julgados habilitados para o efeito de com elas se proseguir os ulteriores termos da causa.

O Juiz de Direito
Álvaro Vasconcelos da Fonseca
Rodrigues
O Escrivão de Direito
José Augusto Regalado

D.L. 29/4/86 — 2.ª Pub.

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE



SABE QUE O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA?

É uma doença que mata! Se quer saber mais sobre o problema, venha assistir a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ª, 4.ª, 6.ª as 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
uma voz amiga e estará contigo



Futebol no "desmanchar da feira"

Águeda sugere o "escândalo da ordem"

Bem, tinha que por aí surgir qualquer notícia com «cheirinho» a escândalo neste final de temporada futebolística e ela aí está. Ao que se consta, o Águeda teria alinhado no encontro com o Académico de Viseu com um jogador (Gerúcio) em condições irregulares e daí que o Conselho de Disciplina da FPF tenha instaurado o competente processo disciplinar, conforme esta manhã nos foi confirmado por um elemento daquele órgão federativo.

E pronto, como as decisões destas questões são normalmente morosas — mais por efeito da orgânica do que por outro qualquer motivo — vamos ter um período de certa agitação não apenas por parte do clube de Águeda — que vencendo o Caldas no próximo domingo conquistaria o direito à subida (regresso) de escalão, mas também por parte das pessoas afectas ao Elvas e ao Feirense naturalmente interessadas na decisão federativa.

O Sorteio

O torneio de competência entre o Desportivo das Aves e os segundos classificados das zonas Norte, Centro e Sul da segunda divisão, cujo vencedor disputará o próximo nacional de

futebol do escalão principal, realiza-se de 11 de Maio a 15 de Junho.

Segundo o resultado do sorteio realizado ontem em Lisboa, o Desportivo das Aves recebe na primeira jornada o segundo classificado da Zona Norte e o representante da Zona Centro joga em casa com a equipa apurada na Zona Sul.

Os principais candidatos a adversários do Desportivo das Aves no torneio de competência, que serão definidos apenas no próximo domingo, são Varzim e Vizela (Zona Norte), Águeda, Elvas e Feirense (Centro) e União da Madeira e Estrela da Amadora (Sul).

Durante a sessão, presidida pelo secretário-geral da Federação Portuguesa de Futebol,

César Grácio, realizaram-se ainda os sorteios para os torneios de apuramento das segunda e terceira divisões e de diversas fases das competições nacionais de iniciados, juvenis, juniores e femininos.

O torneio que definirá o campeão da II divisão, para que já se qualificaram o Rio Ave e o Farense, vencedores das zonas Norte e Sul, respectivamente, continuando por decidir o primeiro classificado da Zona Centro, decorre também de 11 de Maio a 15 de Junho, disputando-se uma partida em cada fim-de-semana.

O Farense, que pediu para efectuar em casa os dois primeiros jogos para iniciar logo que possível obras no estádio de São Luís, defronta na primeira jornada o Rio Ave e na segunda o vencedor da Zona Centro, a que podem aspirar ainda o Águeda, o Elvas e o Feirense.

O campeão da terceira divisão será encontrado numa final a realizar no dia 22 de Junho, entre os vencedores das zonas Norte e Sul da segunda fase do campeonato, em que participam

os primeiros classificados das seis zonas da primeira fase. Para a segunda fase qualificaram-se já o Bragança (zona A) e o Estarreja (zona C), que vão disputar a Zona Norte juntamente com o Lixa, o Freamunde ou o Ermesinde (zona B), e o Mirandense, o Santiago Cacém e o Lusitânia dos Açores (vencedores das zonas D, E e F), que discutem a Zona Sul.

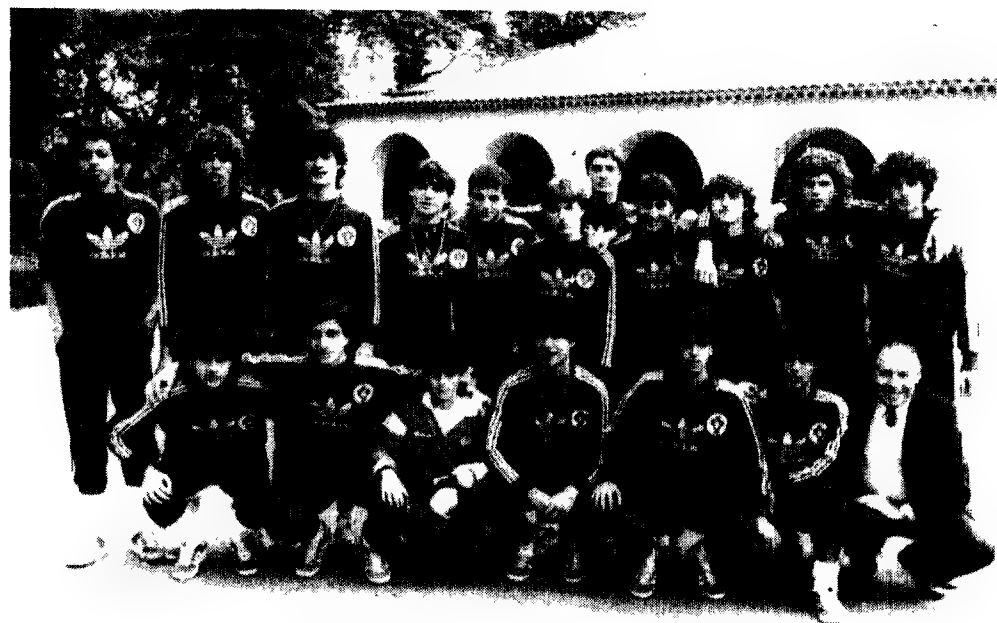
Por sua vez, a terceira fase do campeonato nacional de juniores terá lugar de 1 de Junho a 6 de Junho pelos representantes dos Açores e da Madeira e pelos primeiros classificados das zonas Norte e Sul da segunda fase, ainda não apurados.

Juvenis «tremem» em Atenas

Os nossos «putos» futebolistas (categorias de juniores «B») que já se encontram em Creta para participar na fase final do «Europeu» da categoria, sofreram ontem forte susto ao ser anunciado (segundo refere o «Record» na sua edição de hoje) de que teria sido colocada uma bomba no avião que transportaria a nossa comitiva de Atenas para Creta. O facto provocou o atraso de quatro horas na saída da capital grega, mas passado o susto, José Augusto e os seus jovens comandados encontram-se optimistas para o primeiro confronto que terá a Escócia por parceiro.

Associação Nacional de Clubes terá hoje novo «impulso»

Com algum secretismo «diz-se e consta-se» que algures no Centro do País haverá, no final da tarde de hoje, uma reunião dos presidentes dos clubes futebolísticos com vista a adiantarem-se as formalidades para formação da Associação (ou Confederação?) Nacional dos Clubes, todavia também se consta que o «impulso» não deverá ser muito forte mercê de variadas divergências de interesses.



Os meninos que ontem se terão visto «gregos»

Esta noite, em Cascais

Gala do ténis mundial com Lendl e Kevin Curren

O checoslovaco Ivan Lendl e o norte-americano Kevin Curren vão defrontar-se hoje à noite no pavilhão de Cascais, numa partida-exibição de ténis integrada na Taça Denim.

O checoslovaco, jogador número um do «ranking» mundial da Associação dos Tenistas Profissionais, chegou ao fim da madrugada a Lisboa, e ao fim da tarde participa com Kevin Curren, que se encontra em Portugal desde segunda-feira, numa clínica de ténis, ensinando e brincando com jovens portugueses.

Os dois tenistas participam depois numa conferência de Imprensa no pavilhão de Cascais, antes do jogo de abertura da noite em que João Cunha e

Silva defronta o espanhol Javier Sanchez, que substituiu o italiano Claudio Pistolesi, inicialmente apontado como adversário de Cunha e Silva, mas que foi seleccionado para a equipa italiana que iniciou a preparação para a Taça Davis.

A organização mandou fazer um piso especial para o «court»

com matérias sintéticas e totalmente fabricado em Portugal. «O piso (o único do género) não será nem lento nem rápido, mas é de boa qualidade e totalmente feito em Portugal», disse uma fonte da Escola de Ténis João Lagos, que organiza o jogo-exibição.

O preço dos bilhetes varia entre os 1000 e os 3500 escudos.

Na classificação mundial:

Lendl (1.º) e Kevin (10.º)

Os dez primeiros na classificação ATP ontem tornada pública são os seguintes: 1.º, Ivan Lendl (Checoslováquia); 2.º, Mats Wilander (Suécia); 3.º, John McEnroe (EUA); 4.º, Boris Becker (RFA); 5.º, Jimmy Connors (EUA); 6.º, Stefan Edberg (Suécia); 7.º, Joakim Nystrom (Suécia); 8.º, Yannick Noah (França); 9.º, Anders Jarryd (Suécia); e 10.º, Kevin Curren (EUA).



Kevin Curren: parceiro de Lendl para esta noite

Team Autogrupos na Fórmula Ford



O Team Autogrupos reaparece esta temporada na Fórmula Ford, com uma equipa completamente reestruturada e tendo como figura dinamizadora Nicha Cabral. A um projecto dispendioso e muitas vezes susceptível de representar um desperdício de meios que visam mais resultados imediatistas do que a verdadeira promoção e formação de pilotos que está na filosofia de base da Fórmula Ford, foi preferido um programa utilizando material pouco dispendioso, com a «prata da casa» e mais de acordo com as realidades nacionais.

Os pilotos escolhidos são Hermano Sobral, Paulo Bombas e Sande e Castro. A preparação e revisão dos motores foi confiada aos irmãos Vitorinos, mecânicos com grande experiência de com-

petição e que em Angola fizeram excelente trabalho, durante muitos anos, neste campo.

«Pensei que era preferível organizar um «team» com a prata da casa e sem os exageros dos grandes budgets que só afugentam os patrocinadores», disse Nicha Cabral, que acrescentou não ser necessário estar constantemente a comprar motores.

Ainda segundo Nicha Cabral o Team Autogrupos irá privilegiar tudo o que sejam métodos de trabalho, e organização.

«Deste modo, afirmou, não andaremos longe dos primeiros lugares».

Entretanto a Autogrupos, como apoio à Fórmula Ford em geral, instituiu um prémio (uma viagem à Madeira) para o piloto português melhor classificado na corrida do próximo dia 18, em Jarama.

Golfe:

Ballesteros lidera o «ranking»

O espanhol Severiano Ballesteros isolou-se no comando do «ranking» mundial de golfe após ter ficado em segundo lugar no «open» de Madrid disputado este fim-de-semana.

Classificação: 1.º Severiano Ballesteros, Espanha, 1008 pontos; 2.º Bernhard Langer, RFA, 993; 3.º Greg Norman, Austrália, 752; 4.º Sandy Lyle, Inglaterra, 730; 5.º Tom Watson, EUA, 714; 6.º Mark O'Meara, EUA, 692;

TRIBUNAL CRIMINAL DA COMARCA DE LISBOA 7.º JUÍZO CORRECCIONAL EDITAL

Extracto de sentença proferida em 8-4-86 nos autos de Processo Correccional n.º 776/85 da 2.ª Secção do 7.º Juízo Correccional de Lisboa que o Digno Magistrado do M.º P. move contra JÚLIO CESAR ANTONIO COELHO DO AMARAL.

«Nos termos dos art.ºs 24, n.º 4 e 19 do DL 28/84, de 20 de Janeiro, faz-se saber que JÚLIO CESAR ANTONIO COELHO DO AMARAL, casado, nascido a 1-6-44 no antigo Estado da Índia Portuguesa, filho de Vasco César Antonio Coelho do Amaral e de Fausta Perpetua Alves e Moura Coelho do Amaral, residente na R. D. João de Barros, lote 43, 3.ª Esq. Mercês, Sintra, nos autos de processo correccional n.º 776/85, foi julgado e condenado por infracção ao disposto no art.º 24, n.º 1 al. c) com referência a al. c) do n.º 2 do DL n.º 28/84, na pena única e global de Esc. 45 000\$00 ou, em alternativa, em 100 (cem) dias de prisão, pois se provou em audiência de discussão e julgamento que o mesmo, aquando da exploração de um restaurante no Gremio Lisboense, sito na Rua dos Sapateiros, 226-1.ª nesta cidade de Lisboa, tinha em existência e destinados ao consumo público vários produtos considerados avariados, mas não susceptíveis de criar perigo para a vida ou para a saúde e integridade física alheias».

Esta conforme. Lisboa 21 de Abril de 1986 O Juiz de Direito Illegível O Escrivão de Direito Illegível D.L. 29/4/86 — 1.ª Pub.

COMPANHIA Tel. 2752175

TEATRO DE ALMADA

O CAPOTE

de N. GOSOL

de 2 a 11 Maio
21.30 - de 5ª a dom.
16 - sáb. e dom.

club SEC/CMA

encenação JOAQUIM BENTE

com CARLOS GONÇALVES

prémio de crítica de interpretação 1985

CANTO E CASTRO ANTONIO ASSUNÇÃO ADELAIDE JOÃO

LUS VICENTE VITOR GONÇALVES

«Trabalho comovente» C. PORTO (DL Lisboa) «Interpretações fora de série» TL VIVO (A Capital)

Vasco quer FC Porto na festa

O Vasco da Gama pretende defrontar o FC Porto (campeão português) numa partida em que serão entregues as faixas de campeão da Taça Guanabara.

A ideia partiu do vice-presidente do Vasco, Eurico Miranda, que se revelou optimista na concretização do projecto, adiantando que na impossibilidade de concretização do seu objectivo, procederá à entrega das referidas faixas em jogo a realizar com o Olaria, onde os adeptos serão contemplados com dez mil litros de cerveja grátis.

Csernai: julgamento adiado

O julgamento à revelia do ex-treinador de futebol do Benfica, o húngaro Paul Csernai, marcado para ontem no 6.º Juízo Correccional de Lisboa, foi adiado «sine die».

Um informador do tribunal disse que o julgamento não se fez pelo facto de não ter «recebido a carta rogatória» da sua notificação.

A acção contra Paul Csernai foi levantada pelo Sindicato dos Jornalistas que o acusa de crime de difamação, agravado pela divulgação da ofensa através de meios de Comunicação Social, assentando no facto de Csernai ter declarado possuir provas da existência de jornalistas que se deixavam corromper a troco de denegrirem a imagem do Benfica. «Provas que apesar de ter sido, por diversas vezes, instado pelo Sindicato dos Jornalistas, nunca apresentou, como também ele próprio não se apresentou às autoridades quando para isso foi notificado.»

Colónia: castigo mantém-se

A comissão de disciplina da UEFA não aceitou um apelo do clube alemão-federal Colónia referente à interdição do seu recinto no jogo da segunda «mão» da final da Taça UEFA.

A comissão tomou a sua decisão inicial por conduta incorrecta dos adeptos do Colónia durante o jogo realizado na Bélgica que opôs o Waregem ao clube alemão-federal.

O Colónia apelou do castigo mas a Comissão de Disciplina decidiu manter a decisão de fazer realizar o jogo da segunda «mão» da final, a oito de Maio, em local que diste um mínimo de 350 quilómetros de Colónia.

Xadrez: final já tem árbitro

O presidente da Federação Internacional de Xadrez, o filipino Florencio Campomanes, nomeou o grande mestre alemão-federal Lothar Schmid para árbitro-chefe do encontro de desforra do título mundial.

Schmid será assim o principal juiz do embate entre os soviéticos Garry Kasparov, actual campeão mundial, e Anatoly Karpov, que ostentou o título durante vários anos.

O «match» inicia-se dia 29 de Julho em Londres e termina depois de uma série de 12 partidas.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21 30H TEL 726 08 18
2.º MES
CALIGULA DE
ALBERT CAMUS - ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN 3.º/4.º e 5.º feira PREÇO ÚNICO 150\$00
PRACA DE ESPANHA - APOIOS F. GULBENKIAN E RADIOCOMERCIAL SUB SEC

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO E INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS PARA INFORMATIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO

Encontra-se aberto concurso para Fornecimento e Instalação de Equipamentos para Informatização da Exploração, de acordo com as condições previstas no respectivo Processo de Concurso e Informação Anexa que se encontra à disposição dos concorrentes, para consulta, durante 8 dias, a partir da data de publicação do presente anúncio na Secretaria do Centro de Informática, Rua Eng. Ferreira Mesquita, Campolide, 1000 LISBOA.

As propostas dos concorrentes deverão dar entrada no local atrás mencionado até às 12.30 h do dia 25 de Junho, procedendo-se à sua abertura no mesmo dia e local às 15 horas.

Ciclismo: "Volta ao Algarve" vai arrancar amanhã, em Lagos

Aí vem a grande pedalada: doze equipas (uma delas inglesa) num total de 115 ciclistas, participam na 12.ª Volta ao Algarve em bicicleta, de amanhã a 4 de Maio. A prova engloba sete etapas. A primeira, no Parque de Campismo de Valverde (Lagos), às 13 horas de amanhã e a última com meta na vila alentejana de Almodôvar: à chegada os ciclistas terão percorrido 746 quilómetros.

São as seguintes as equipas concorrentes, todas elas integradas nos seus mais credenciados atletas: Sporting, Olhanense, Boavista, Távira, Sangalhos, ANC/City, Garcia Joalheiros, Lousa, Ajactio, Sport Clube União Torreense, Sicasal, selecção do Algarve e Louletano. É realçado o contributo decisivo dos patrocinadores e criticada a posição de afastamento mantida por muitas das câmaras municipais do Algarve: das 16 autarquias, apenas sete deram apoio à organização (Albufeira, Faro, Loulé, S. Brás de Alportel, Tavira, Vila do Bispo e Vila Real de Santo António) e a alentejana Almodôvar.

Vargas Ramos (presidente da Associação de Ciclismo de Faro e director da corrida) explica que o orçamento inicial de 5000 contos teve que baixar para menos 500 mil escudos porque não foram concedidas as verbas justas e necessárias. Este facto obrigou a organização a trazer apenas uma equipa estrangeira, tendo-se optado pela inglesa ANC/City, que participou na Volta de 1985.

Vargas Ramos e o presidente do júri (Pedro Oliveira) destacam as contribuições das câmaras municipais de Vila do Bispo (que participa pela primeira vez na iniciativa) Almodôvar e Loulé: **Esta última concedeu, além da maior verba, meios técnicos e humanos.** Em contrapartida, critica-se a Câmara de Olhão, que nem sequer respondeu aos ofícios enviados pelos organizadores.

Como salientámos, a Volta



Lançamento da «Torreense/Sicasal»: na Adega Machado, entre fado e boa comida, falou-se de ciclismo.

ao Algarve tem início no parque de campismo Valverde, (a 7 quilómetros de Lagos) terminando a etapa inaugural em Faro, para no segundo dia (1 de Maio) se realizarem duas tiradas: Quarteira-Vila do Bispo (103 km) e Sagres-Albufeira (118 km). No dia 2, disputa-se a «etapa rainha»: Olhão-Fóia (num total de 123 km) e, no dia 3, realiza-se o contra-relógio individual (44 km), entre Loulé e a Picota. A última tirada (a mais longa da prova) processase no dia 4 de Maio, entre Tavira e Almodôvar, numa distância de 175 km.

No ano passado, a prova foi dominada pelo Sporting que colocou 8 ciclistas nos 10 primeiros lugares, incluindo a vitória individual que coube a Eduardo Correia.

Torreense/Sicasal apresenta-se

Festa bonita, em cenário aprimorado: no Restaurante Típico «Machado» (aqui perto de nós: Rua do Norte, 91, em Lisboa) foi apresentada aos órgãos de Comunicação Social a turma ciclista do «Torreense/Sicasal» (empresa que trabalha no ramo de carnes) para a nova temporada. No decorrer de um jantar em que Filipe Machado

foi recepcionista de excepção, o treinador João Roque (antigo vencedor da Volta a Portugal e «descobridor» do saudoso Joaquim Agostinho) revelou os nomes que a formação de Torres Vedras vai lançar na estrada: os profissionais Alberto Leal (ex-Sporting), Benedito e Ferreira e João Santos (ex-Bombarralense), Fernando Ventura e José Marques (ex-Tavira), José Santiago (ex-Gulpilhares), Paulo Duque Silva (ex-carnide), João Paulo Torre-Lousa), Carlos Nunes e João Roque Júnior (ex-seniores no Torreense) e o estreante Jorge Silva (um amador que transita para sénior). Curiosidades: João Roque Júnior é filho do antigo e notável campeão que vai dirigir a turma, José Santiago foi o vencedor do Prémio da Montanha na última Volta a Portugal (estava integrado na selecção do Norte) e, nesta época, já triunfou em provas disputadas em Sangalhos, Alverca e Porto e José Marques tem estado a correr em França, cedido à formação da «Mico».

Amanhã, a «Torreense/Sicasal» vai para a estrada pedalar na Volta ao Algarve: ao lado do treinador João Roque estará o adjunto Raul Fachadas, com suporte do mecânico Hilário Isidoro. Na «entourage» da

turma figuram, ainda, Júlio Silva, Carlos Ferreira, António Carlos, Henrique Ferreira, José Aniceto, Francisco Moraes e Sérgio Martins. O patrocinador (na voz de Álvaro Santos Silva) acredita na turma:

— Foi uma boa aposta.

Vamos (certamente) registá-la muitas vezes.

Abril-86

Joaquim Cardoso e o Centro Ciclista do Redondo venceram (individualmente e por equipas) o Grande Prémio «Abril-86», disputado na categoria de cadetes. Joaquim Cardoso percorreu os 116,5 quilómetros (divididos em três etapas) em 3 horas, 24 minutos e 3 segundos, à média de 34,356km/hora. Eduardo Familiar (Ovarense) foi o 2.º classificado, seguido de Alexandre Rodrigues (União Ciclista da Buraca). O Centro Ciclista do Redondo venceu (por equipas) com 10 horas, 36 minutos e 56 segundos, seguido da Associação Desportiva Ovarense e do Centro Ciclista de Barcelos.

Participaram na prova (organizada pela Câmara Municipal do Redondo, com o apoio técnico da Associação de Ciclismo de Setúbal) cerca de 50 ciclistas, em representação de dez equipas.

MODALIDADES

Basquetebol: sorteio da Taça

Sanjoanense e Barreirense defrontam-se em S. João da Madeira na primeira eliminatória da segunda fase da Taça de Portugal de basquetebol, conforme resultado do sorteio efectuado na Federação da modalidade.

São os seguintes os jogos sorteados para esta primeira eliminatória: Sanjoanense — Barreirense; F. C. Gaia — F. C. Porto; Esgueira — Sangalhos; Quimigal — Ovarense; Olivais — Queluz; Académica — Ginásio Figueirense; Imortal — Sporting ou Estrela das Avenidas; Benfica — Illiabum.

Todos os encontros se realizam a 10 de Maio próximo, à

excepção do Quimigal — Ovarense que se efectua a 11.

O sorteio da eliminatória seguinte terá lugar a 12 de Maio.

Xadrez: torneio Alekhine

O soviético Vladimir Bagirov e o português António Fróis lideram, com 2,5 pontos, o torneio internacional de xadrez Alekhine, que decorre em Cascais e cumpriu a terceira sessão.

O grande mestre soviético empatou com o espanhol Juan Bellon, enquanto António Fróis fazia idêntico resultado com o holandês de Boer.

Resultados das partidas: António Fernandes — João Sequeira 1-0; Juan Bellon (Espanha) — Vladimir Bagirov

(URSS) 0,5-0,5; Adrian Mikhalchischin (URSS) — Luís Galego 1-0; José P. Santos — Nigel Davis (Grã-Bretanha) 0,5-0,5; António Fróis — Gert Boer (Holanda) 0,5-0,5;

Folgou António Antunes, pois o torneio ficou reduzido a 11 jogadores, por recusa de participação de Luís Santos.

Classificação após a terceira sessão: 1.ºs Bagirov e Fróis 2,5 pontos 3.º De Boer e Davis 2; 5.ºs Bellon e Mikhalchischin 1,5; 7.ºs Fernandes e Galego 1; 9.ºs J. P. Santos e Antunes 0,5; 11.º Sequeira 0.

LUTAS AMADORAS: está prevista para 4 de Maio a realização dos campeonatos federativos absolutos, para as diferentes categorias de pesos.

Alexei Arbuzov: morte de um dramaturgo à moda antiga

Foi num domingo que ele morreu, num domingo de Primavera, 20 de Abril de 1986. Alexei Arbuzov tinha 78 anos. Era um jovem.

Escritor soviético (russo, para os que preferem), não era conhecido em Portugal. Por razões, essas sim, conhecidas. No último n.º do «Primer Acto» e precisamente a propósito de Arbuzov, escreviam-se estas palavras sensatas: «Muitos de nós fomos educados durante anos num anticomunismo primário que acabava por identificar a política do PCUS com o pensamento de todos os russos. E como o anticomunismo insistia, logicamente, no estalinismo, nas purgas, na falta de liberdade, etc., muita gente acabou por ter uma imagem distorcida desse grande povo». Se foi assim em Espanha, o que dizer do que se passou em Portugal, durante o fascismo, e mesmo nestes doze anos que nos separam do 25 de Abril em que falar da União Soviética para a direita como para certa esquerda pós-modernista equivale a evocar a terra do Satanás...

E no entanto Alexei Arbuzov existiu. Como existiram Tchekhov ou Tolstoi, por exemplo. Tchekhov, claro. Entre o bulevar e Tchekhov, Arbuzov construiu uma obra pessoal, inimitável, em que as personagens e as situações surgem carregadas daquilo a que se costumava chamar vivências. Nos seres que povoam as suas peças e nas vidas que esses seres vivem, prepassam sentimentos, emoções, pensamentos, memórias, esperanças e dores que fazem de cada um mais do que tipos ou personagens, mais do que exemplos ou moralidades. Nisso são bem irmãos ou primos dos seres tchekhovianos. Mas não nos deixemos enganar: do mesmo modo que as obras de Tchekhov têm um espaço e um tempo determinados (pré-revolucionários), também as obras de Arbuzov só podiam ter sido escritas num tempo de pós-revolução, têm a marca de um tempo e de uma História que, com as suas vitórias e os seus desastres, contribuem para a construção da nossa contemporaneidade.

Podemos mesmo dizer que nos retratos das suas personagens e dos seus conflitos, por onde sopra por vezes o vento gélido da desesperança, onde não se cede ao gosto do panegírico (fosse ele de uma boa causa), as suas peças constituem a melhor propaganda de uma revolução que não pode deixar de ser criada e recriada por pessoas anónimas num dia-a-dia sem glória nem heroísmo que lenta, subtil, inevitavelmente vai mudando a vida e o Mundo.

Como escreveu um crítico francês, e tornando extensivo o seu comentário a todo o teatro de Arbuzov: «Pelas cabeças poluídas e desmultiplicadas pelo consumismo e pela intoxicação pelas palavras, Lidia e Ródion (Comédia à Moda Antiga) poderão parecer, na decência que os define, marcanos. É por isso que nos comovem. Pela sua frescura mantida intacta... É uma ilha de juventude...» (Michel Cournot — «Le Monde»).

Biblioteca da Figueira da Foz

Cerca de cem mil leitores consultaram, em 1985, 240 mil volumes na Biblioteca Municipal da Figueira da Foz — anunciaram aqueles serviços.

Quanto ao género de leitura, os livros de ciências, literatura, geologia e história e belas-artes foram os mais solicitados.

Naquele período, a sala de leitura infantil recebeu 12 500 leitores, correspondentes a 25 mil obras consultadas.

Em aquisições de monografias, publicações em série e equipamento diverso, a Biblioteca Municipal dispendeu cerca de 3,5 milhões de escudos.



O teatro de Arbuzov é necessário também por isso: porque mostra o outro rosto dessa revolução. E esse rosto é belo, mesmo quando tem vestígios de lágrimas. Quem for capaz de fazer revoluções sem lágrimas que atire a primeira pedra.

Das peças de Arbuzov, entre outras, salientamos: **Tania** (1938); **História em Irkutsk** (1959); **Meu Pobre Marat** (1965), agora apresentada em Madrid numa encenação de Angel Gutierrez com o título **A Promessa**, por que é mais conhecida em grande parte do Mundo; **Comédia à Moda Antiga** (1975); **Jogos Cruéis** (1979); **Recordações** (1981).

Uma das mais populares das suas peças, **Comédia à Moda Antiga**, grande êxito de Edwige Feuillère, foi apresentada em 1983 no Teatro Aberto numa produção do Novo Grupo, com encenação de Jorge Listopad, cenografia de Dalton Salem Asséf, e interpretação de Carmen Dolores e Fernando Curado Ribeiro, prêmio de interpretação da APCT. A Televisão exibiu recentemente uma recriação da peça filmada na Figueira da Foz, aliás bastante insatisfatória. Antes do 25 de Abril, a Companhia Portuguesa de Comediantes tentou representar **Uma História em Irkutsk** que foi proibida. Será agora tempo de vermos outras obras do grande dramaturgo soviético?

Como escreveu um crítico francês, e tornando extensivo o seu comentário a todo o teatro de Arbuzov: «Pelas cabeças poluídas e desmultiplicadas pelo consumismo e pela intoxicação pelas palavras, Lidia e Ródion (Comédia à Moda Antiga) poderão parecer, na decência que os define, marcanos. É por isso que nos comovem. Pela sua frescura mantida intacta... É uma ilha de juventude...» (Michel Cournot — «Le Monde»).

Carlos Porto

Rir do princípio ao fim

Carlos Porto

O FIM DO PRINCÍPIO, de Sean O'Casey. Tradução: José Peixoto, Fernando Mora Ramos, José Carlos Faria e António Pedro. Encenação: Fernando Mora Ramos. Cenografia: José Eduardo, Fernando Mora Ramos e a Companhia a partir de um desenho original de José Carlos Faria. Interpretação: Victor Santos, José Carlos Faria e Isabel Muñoz Cardoso. Grupo Teatro da Rainha, Auditório do BESCL, 17.4.1986.

Não é Sean O'Casey, que José Rodrigues Miguéis considerava superior a Brecht, muito estimado pelas nossas bandas: antes por causa da censura, depois não se sabe bem porquê. Lembremos «A Sombra de um Franco-Atirador», espectáculo de Os Bonecristos («DL», 24-2-76), e «O Dispensário», peça em um acto apresentada por vários grupos amadores e profissionais.

Boa ideia esta do Teatro da Rainha em pegar num texto do irlandês, embora se trate de um texto menor, escrito, de acordo com o autor, «quando o dinheiro escasseava e era preciso ganhar algum». É que há textos menores que dão grandes espectáculos: foi o que aconteceu com este trabalho do grupo das Caldas por onde passou por três dias escassos na excelente sala do BESCL.

Portanto quatro espectáculos do Teatro da Rainha, quatro razões para espanto como tenho e estou a dar conta nestas colunas. Destas vez ainda um quarto registo, já que o cómico deste espectáculo não tem nada a ver com os divertimentos propostos em espectáculos como «Herdeiro da Aldeia» («DL», 6.3.86), «O Falatório do Ruzante» («DL», 19.4.86), e «A Hora do Lobo» (DL-21.10.85), e provavelmente o Gil Vicente que não vi.

O cómico de «O Fim do Princípio» é, se me é permitido, o cómico em estado puro que tem muito pouco a ver com a tradição do nosso hu-

mor de que Rafael Bordallo Pinheiro e a revista são dois indiscutíveis paradigmas. Aqui teremos que recorrer a uma palavra inglesa — «gag» — para falar dos achados cómicos que o espectáculo faz correr torrencialmente, e isso é já significativo da linha de humor que nos é proposto e que põe crianças, e adultos em constante gargalhada (embora se trate de um humor que nem todos apreciam). Por exemplo, se duas personagens jogam com cálices como se fossem damas; se amarram uma vaca que está a pastar a um banco da cozinha fazendo passar a corda pela chaminé, com as consequências inerentes; se colocam uma lâmpada a estoirar em cena; se cantam uma canção acompanhada a banjo e tambor com um poema absurdo; e, para citar só isto, se colocam na parede um retrato de Groux Marx, além de pintarem uma grande máscara que evoca mr. Magó — sabemos então que estamos de facto numa zona de paródia e gozação que tem muito pouco a ver com aquilo que habitualmente consumimos. Ou melhor, pelo menos do que se refere ao humor de destruição dos objectos, tão utilizado no cinema (irmãos Marx e Jerry Lewis, por exemplo), é só com Herman José que este espectáculo se encontra, embora utilizando sobriedade e uma imaginação ainda mais produtivas.

Aliás, o humor começa logo pelo conflito: as desavenças de um casal que se acusa mutua-



José Carlos Faria e Vítor Santos em «O Fim do Princípio»

mente, são resolvidas assim: a mulher vai trabalhar para o campo e o homem faz o trabalho de casa. Na companhia e com a cumplicidade de um amigo, bastantes pitosga, o trabalho consiste em fazer exercícios, cantar e tocar, beber, e dar cabo da mobília: imagine-se a cara da mulher quando regressa a casa depois de ter cumprido a sua missão.

Notável, além do mais, foi o trabalho dramático do grupo, além da impagável tradução: é que enquanto o original é uma peça com uma estrutura tradicional surge como se fosse apresentado por uma trupe de feira, com todas as consequências até a de tornar verossímil o espectáculo de teatro de cordel (versão cinema burlesco, versão Charlot, versão irmãos Marx), que o espectáculo acaba por ser; e permite levar mais longe a gozação do grupo: quando acaba o espectáculo que os cómicos levaram à feira, o público aplaude e espera o resto, isto é o fim do espectáculo do Teatro da Rainha, que coincide com aquele.

Os quatro espectáculos do grupo das Caldas que vimos nestes últimos meses, valem também como teatro de repertório. Este, além de outras, tem a vantagem de permitir uma variação do jogo dos comediantes, o que os enriquece ao mesmo tempo que ajuda o público a conhecer melhor as suas potencialidades. Desta vez, tivemos a revelação de dois actores que dominam a capacidade de fazer rir duma forma surpreendente: Vítor Santos e José Carlos Faria (este uma dupla revelação). Acompanha-se e muito bem, apesar da pequenez do papel, Isabel Muñoz Cardoso, no papel da mulher «enganada».

Com este espectáculo o Teatro da Rainha volta a confirmar o que já aqui se tinha escrito: trata-se de um grupo cuja prática teatral se coloca a par do melhor teatro que se faz neste momento em Portugal; trata-se além disso de um colectivo, pelo menos por ora, avesso a vedetismos. Razões mais do que suficientes para que tenha sido duramente castigado pelos senhores da SEC.

Teatro de Almada repõe "O Capote"

A Companhia de Teatro de Almada / Grupo de Cmapolide repõe durante o mês de Maio a peça «O Capote», de Gogol, para uma segunda série de espectáculos.

Encenado por Joaquim Benite, «O Capote» tem no principal papel Carlos Gonçalves, que, na figura do funcionário público Akaki Akakievitch, ganhou o prémio da crítica de 1985, ex-aequo com Luís Miguel Cintra.

No entanto esta reposição tem surpresas: além de Carlos Gonçalves, Canto e Castro e Luís Vicente (que na peça «Zoo

Story» foi distinguido com o prémio revelação da Crítica em 1985) juntam-se agora ao elenco António Assunção e Adelaide João. Esta atriz veio para ficar, sendo o seu primeiro papel na companhia a personagem de Maria Pederovna, mulher do alfaite, em «O Capote».

Entretanto, a Companhia de Teatro de Almada / Grupo de Campolide está já em ensaios da sua próxima produção, a peça de Molière «Jorge Dandin», que terá encenação de Joaquim Benite e interpretações de Canto e Castro, Ema Paul, Carlos Gonçalves, e António Assunção. Junho é o mês da estreia.

Teatro de Almada
Ciclo Strindberg
A ILHA DOS MORTOS

A SONATA DOS ESPECTROS

De 3.ª a sábado às 21.30h
Domingo às 16h
2.ª feira - Descanso
De terça a quinta - preços reduzidos

no
TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Tel.: 66 15 15/66 92 05

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO
TEATRO VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇÃO DE: LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE
ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR • CARLOS SANTOS • CLARA JOANA • HELENA FÉLIX • LUISA ORTIGOSA • FERNANDA COIMBRA • JOÉ BRÁS • VÍTOR HUGO • MANUEL MENDONÇA • PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16



E se o vazio fosse a expressão de qualquer coisa inconclusa? (Na foto: Cristina Hanser e Fernando Heitor em «Um adeus português»)

"Um Adeus Português"

de João Botelho

Se este País não estiver tão vazio como o filme João Botelho, Um adeus português vai ser muito visto e muito discutido. É a guerra colonial que chega ao espaço do cinema, como ferida, perplexidade, coisa inconclusa, recalamento.

Se este País tiver pinga de sangue nas veias (e não apenas uma louca vontade de correr em-frentemente), este filme fará nele a incomodidade de falar no que ninguém lembra e causará estrago e espanto, desforço e polémica. Por mim escolho bater-me a seu lado — pressentindo-o partido pouco apetecível.

Neste tempo é o silêncio com os mortos a doerem na memória. Neste tempo, neste filme, andamos por aí ao deus-dará, carregando fardos que não queremos, assistindo aos naufragos do Império a balbuciar as noites negras frias de Lisboa, mortos-vivos que não sabem que fazer do futuro. Um dia um soldado morreu — cinco séculos de cenografia imperial no bojo — e, depois, não sei se culpa, se remorso, se simples tédio, ficamos assim, incapazes de receber, perceber ou esconjurarmos o sacrifício, vegetais que os ventos mal baloçam.

Parafraseio o filme, segundo o meu entendimento — e questiono, já: é verdade ou é mentira? E questiono-me: é necessária a caução do real ou são só estados de alma, brotos ficcionais a crescer com lenta convicção? E opino, já também: não é verdade. E interrogo-me, logo logo: e se fosse?

Como se vê, o crítico está apanhado numa armadilha sem fundo e sem bóia. Porque, trocando por miúdos: 1) Este filme

tem «clima», convence-nos de uma desertificação, dá-nos conta de um vazio espantoso e não se socorre de artimanhas, é sincero e eficaz nessa constatação; 2) A guerra colonial é, nele, um pesadelo absurdo, asfixiante, labiríntico — e, no entanto, não foi pesadelo mas realidade, anteontem, a gente lembra-se; 3) Um adeus português não toma posição, não se situa (ideologicamente) face à guerra, recusa alinhar à esquerda e repetir que o colonialismo era brutal e injusto e — 25 de Abril, sempre! — viva a liberdade, nem se junta à direita a rosnar traições e a cantarolar glórias: ele lembra, apenas, feridas e não quer saber de justiça mas de espantos, os mortos pesam-lhe; 4) Arruma-se numa beleza formal estática indiscutível e depois não sabe o que fazer dos mortos-vivos mas ama-os; 5) E, no entanto, as pessoas têm, em farrapos, carne e osso, não são nem manequins nem ideias, são gente — e o filme ergue-as como se as louvasse; 6) Um adeus português é uma fita

que sabe que o cinema existe e pratica-o com um virtuosismo modesto, acreditando na inteligência e no sangue do espectador, é bonito e ousado e comovente.

Mas: será que os mortos nos pesam, terá sido o seu sacrifício cristico, terao eles morrido pelos nossos pecados?

Ah! sim, foram os nossos pecados que os levaram até Angola e Guiné e Moçambique — quem o duvida? — que força não tivemos, nem ânimo houve para moldar a História a tempo de aplanar o calvário, sim. Mas morreram eles para nos dar a remissão? Foi o seu sacrifício que nos fabricou a hipótese de libertação? Se calhar, foi.

Porém não gosto de martirólogos, não quero o fardo, os mortos que enterrem os mortos, sou de outro espaço. Daí que Uma adeus português me incomode, não quero que me lembrem, é isso?

Porém gosto deste filme. Dos seus actores expectantes (Isabel de Castro roída de mágoa, Maria Cabral roída de memória, Fernando Heitor roído de transigências, Cristina Hauser, em estado de graça?, e Ruy Furtado, Henrique Viana, Diogo Dória e etc. etc.), da sua fotografia triste (cores enfadadas, mesmo com o brilho do sol a dar nas coisas), do seu tempo sem progressão, alternante, como que ontologicamente incluído, do gesto sereno e provocatório que é vir trazer para a praça os cadáveres no armário. Gosto do desgosto sem lágrimas.

Ignoro se este filme trava qualquer batalha para conquistar ou defender algum bastião do cinema português. Ignoro porque me parece que a batalha justa pela indústria pode fazer perecer hipóteses de filmes assim acontecerem e isso seria o princípio da ignomínia. São filmes como Um adeus português, na sua solidão, que põem o cisco nas engrenagens trituradoras. E preciso que nunca o esqueçamos. Quando digo que ignoro se este filme pelega cometo, assim, uma meia-verdade. De facto não ignoro, sei: que a solidão é um direito, que uma cinematografia não é um conjunto de ilhas.

Ou será?

FICHA:

Realização: João Botelho (Portugal-1985).

Argumento: João Botelho, Leonor Pinhão.

Fotografia: Acácio de Almeida.

Cenários: António Lima.

Figurinos: Jasmim Matos.

Montagem: João Botelho, Ana Luísa, Leonor Guterres, Leandro Ferreira.

Som: Joaquim Pinto, Vasco Pimentel, Pedro Caldas.

Interpretação: Isabel de Castro (Piedade), Ruy Furtado (Raul), Maria Cabral (Laura), Fernando Heitor (Alexandre), Cristina Hauser (Rosa), António Sequeira (Alferes), Luís Lucas (Furriel), Diogo Dória, etc.

Distribuição em Portugal: Doperfilme.

Cinema: Quarteto.

Classificação: Para maiores de 12 anos.



«O auto da Barra do Inferno», representado por marionetas

Teatro

• Um auto vicentino representado por marionetas é a proposta que a Associação Cultural Marionetas de Lisboa lhe faz esta noite, a partir das 21.45 horas, na Sala Experimental do Teatro D. Maria II. Trata-se de «O Auto da Barra do Inferno» da trilogia das barcas de Gil Vicente. Este auto apresenta-nos um extraordinário cortejo de tipos vicentinos que não se souberam despir dos trajes mundanos e símbolos dos seus vícios, antes de embarcarem na última viagem. A sátira é profunda, penetrante, embora mascarada de aparente alegria. Este auto Vicentino tem direcção de Carlos Cabral, marionetas e cenário de José Carlos Barros, música de Paulo Brandão, luminotecnica de Luís d'Almeida, execução de figurinos de Virgínia Rico, estando a manipulação e vozes dos bonecos a cargo de Ana Costa, Carlos Vareia, David Lopes, Fernanda Teixeira, José Neto e José Ramalho, sendo a execução musical de Fernando Guê.

• «O Pequeno Círculo de Giz» é a peça que a Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide apresenta hoje às 15 horas, no Teatro da Academia Almadense, em Almada. Trata-se de um espectáculo especial para a infância, da peça de Alfonso Sastre.

Bailado

• «Depois do 'Oásis', o deserto, de onde não trouxemos apenas areia, mas também alguns novos bailados para o nosso repertório». É assim que Rui Horta apresenta as novas peças de bailado que a Companhia de Dança de Lisboa, da qual é director artístico, vai mostrar ao público lisboeta a partir de hoje e no Teatro S. Luiz. O repertório compreende cinco estreias e uma reposição. Assim, o programa de hoje compreende o bailado «Oásis» (estreia), numa coreografia de Rui Horta, música de Rão Kyo, cenografia de Ana Silva e Sousa e interpretado por toda a companhia. Outra estreia é «Histórias de Amantes», coreografado por Marc Bogaerts e música de Grieg. «O Pai é que sabe», também em estreia, tem coreografia de Patrice Soriere e música de Carl Orff. Elmer Bernstein, Kate Bush e Peter Gabriel.

Conferências

• «O Espaço Teatral e o Discurso Cénico» é o tema da conferência que Anne Ubersfeld profere esta tarde, pelas 18.30 horas, no Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral (IFICT), na R. de Santiago, 19 (encosta do Castelo de S. Jorge). Anne Ubersfeld é professora na Universidade Sorbonne Nouvelle (Paris III, Institut D'Études Théâtrales) onde coordena ou co-dirige diversos domínios de investigação. É conhecida pelas suas obras marcantes na semiologia do teatro, sobretudo por «Lire le Théâtre» e «L'Ecole du Spectateur», as quais fornecem aos comentadores, sejam eles espectadores, estudantes, professores ou críticos, meios para analisar o fenómeno teatral.

• O poeta e crítico Fernando J.B. Martinho, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, realiza esta tarde na Sociedade de Língua Portuguesa uma conferência sobre «Alexandre O'Neil e Pessoa», com entrada livre, a partir das 18.30 horas. O dr. Fernando J.B. Martinho, considerado um dos mais esclarecidos leitores de O'Neil e de Pessoa, autor de livros de poemas como «Resposta a Rorschach» e «Razão Sombria», está representado em diversas antologias de poesia portuguesa e tem colaboração dispersa por publicações portuguesas e estrangeiras, predominantemente nos domínios da moderna poesia portuguesa e das literaturas africanas.

Música

• «Beethoven ao Fim da Tarde» é a designação que a Câmara Municipal de Lisboa deu à sua iniciativa de apresentar, todas as terças-feiras, pelas 18.30 horas, com entrada livre, a vida e obra do compositor, sob a direcção artística do maestro José Atalaya. O concerto de hoje (a realizar no Teatro S. Luiz, como é habitual) é intepretado o Septimino no. 20, em mi bemol maior.



Uma cena do filme de JOÃO BOTELHO, «UM ADEUS PORTUGUÊS» (Prémio do melhor realizador no festival do Rio de Janeiro e Prémio O.C.C.I.C de Berlim). Em exibição no cinema Quarteto.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

COTTON CLUB

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)

13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Apolo 70

RUMBLE FISH - JUVENTUDE INQUIETA

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Avila

— T. 539930

SINDROMA DA CHINA

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Aviz

— T. 547163

FOGO NO RABO

(int. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776450

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

SEXO... AO PEQUENO-ALMOÇO

(int. men. 18 anos)

15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O GRANDE ESPÍAO

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

AS MINAS DE SALOMÃO

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

O GUERREIRO SAGRADO

(maiores 12 anos)

24.00 h

Cine Camões

T. 324194

O VIOLADOR

(m. 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

A NOITE FEZ-SE PARA AMAR

(int. men. 13 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

EU SOU A VINGANÇA

(não acons. men. 18 anos)

24.00 h

Cinearte

VOLVER A EMPÉZAR/1982

18.30 h

LOS SANTOS INOCENTES/1984

21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

OS DOIS SUPER-POLÍCIAS EM MIAMI

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

RAÇA VIOLENTA

(maiores 12 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

DANIEL PASSADO SEM RESGATE

(maiores 16 anos)

23.45 h

Condes

— T. 322523

REMO-DESARMADO E PERIGOSO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Iden

— T. 320768

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)

13.45, 16.30, 19 e 21.45 h

Estúdio

A GRANDE AVENTURA - SKY PIRATES

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30, e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

CLASSE

(maiores 16 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOITES DE LUA CHEIA

(maiores 12 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

ROCKY IV

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

AS MINAS DE SALOMÃO

(maiores 6 anos)

16, 19 e 21.30 h

Forum Picos

— T. 541037

HUMANÓIDE

(não acons. 13 anos)

19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)

13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Hollywood

— T. 802859

A JÓIA DO NILO

(maiores 6 anos)

14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2

REMO-DESARMADO E PERIGOSO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

COM ASAS NOS PÉS

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

REMO-DESAPARECIDO E PERIGOSO

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

TRÊS HOMENS E UM BERÇO

(maiores 12 anos)

15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

TRÊS HOMENS E UM BERÇO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362

AGNES DE DEUS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A REVOLTA DO HERÓI

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

OS MILIONÁRIOS SEXUAIS

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

Filme pornográfico

(int. men. 18 anos)

Cinema Rex

— T. 864756

AS MINAS DE SALOMÃO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

PELA NOITE DENTRO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O SILÊNCIO DAS MULHERES

VIOLADAS

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

PELA NOITE DENTRO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

S. Arte

— T. 730715

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)

13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Trivoli

— T. 570595

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)

13.45, 16.3

Lisboa — **PERMANENTE** — A. LARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **BAIRRO ALTO: PINHAR** — R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **AMPO DE OURIQUE** — R. Francisco Metrass, 39-B (T. 663349); **CHELAS - Colégio Valsamã** Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 681515); **CHILE: Bantos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PRAÇA DE LONDRES: Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfca, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIAO: São Sebastião**, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **BRANDÃO - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfomelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODEVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Maribel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS - CHILE: Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973); **BENFICA - BAIRRO DAS PEDRALVAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dt.ª (T. 707500); **CAMINHOS DE FERRO: Vilalobos Santos**, R. Cruz de Santa Apolónia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO: Bastos Andrade**, C. de Santo André, 107 (T. 860450); **LAPA: Neves**, R. da Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **PICHELEIRA: Mar-luz**, C. da Picheleira, 140-B-C, e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SALDA-NHA: Cardeira**, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 543495); **BU-RACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — AL-MADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **Q COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FELJO: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 229119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira & Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Matias Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **ARENTELA: Lusitano**, P. Cân-

didó dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Funeta**. Permanente; **Salão**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHE: Carvalho**, B.º Padre P. Correia, 4 — (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEL-RAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Até às 22 horas; **Clabell**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vitor Mannel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCES: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Rionouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Mirrares**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVEM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Coimbra — PAIVA, P. do Comércio (T. 23231); **MONTES CLAROS**, R. Dr. António José de Almeida, 69 (T. 25904); **LUSITANA**, Corujeira (T. 27420).

TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 5.ª a sábado às 21.45
Domingos às 16.00

«QUASE POR ACASO UMA MULHER», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisset, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro da Cornucópia

Ciclo Strindberg, «A ILHA DOS MORTOS» e «A SONATA DOE ESPECTROS».

Setúbal — Teatro de Bolo

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«JOGO DE LOUCOS», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. TAS.

O 1.º Acto Clube de Teatro

Palácio dos Anjos, Aljez

Às sextas e sábados, às 21.30

«O NOIVADO NO DAFUNDO», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caedós.

«O ILUSTRE CONFERENCIISTA», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caedós.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Assêff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Casa dos Tabuenses

R. Poais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Cascais — Espaço TEC

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«UNE PUCELLE POR UN GORILLE», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Teatro Nacional D. Maria II

Rosário — Tel. 372246

Sala Experimental

De 3.ª a sáb. às 21.45., sáb. e dom. às 16.30

«Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente pela Ass. Cultural Marionetas de Lisboa. Direcção de Carlos Cabral. Manipulação e vozes de Ana Costa, Carlos Varela, David Lopes, Fernanda Teixeira, José Neto e José Ramalho.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS», Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Às 21.30

«VOLPONE», de Ben Jonson pelo Grupo Novo. Encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?», Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigosa, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

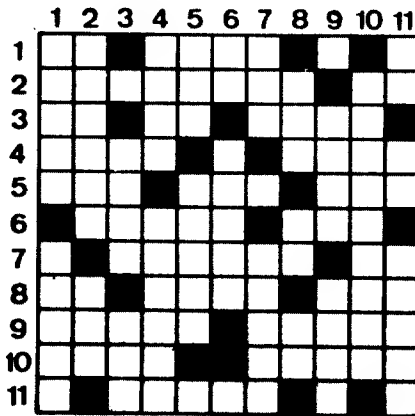
«CALÍGULA», Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 717

HORIZONTAIS:

- Em o. Escárnio. Tempo do verbo ser. Artigo definido.
- O mesmo que amovava. Cobre (s.q.).
- Níquel (s.q.). Cobalto (s.q.). Importante (fig.).
- Imperador romano que casou com Pompeia por ordem de Nero. Rio da Lapónia.
- Consentimento. Emissão de voz. Abraço (pop.).
- Borrifar. Filtre.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Aqui.
- Grande ribeira da Ásia Russa. Aquela que depois de morta foi rainha. Anuência.
- Falsifica. Querida.
- Boa fortuna. Sussurro.
- Cidade do Japão.



VERTICAIS:

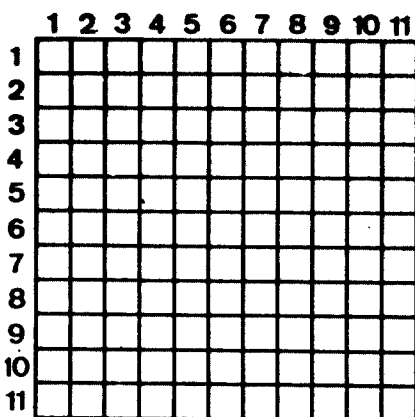
- Serranos de Angola. Louco.
- Olvidar. Dois mil e um em romano.
- Estimem. Sufixo que designa pequenez.
- Opulento. Orifícios por onde a lampreia respira (pl.).
- Enguia. Ronha (no cavalo).
- Apêlido. Frete.
- Ovário dos peixes. Rio de França.
- Altitude (abrev.). Centímetro. Mulo.
- Haste de madeira com que se joga o bilhar. Caruma.
- Ilustre.
- Alternativa. Nesse lugar. Amargo.

Resolva completamente este problema? Próxima, agora em segundo passatempo, o provérbio não inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 554

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho de Viana. Pertences.
- Boi selvagem. Irmã da mãe (inv.). Acredita.
- Reis. Pequeno país na vertente meridional dos Pireneus, entre a França e Espanha.
- Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Doutora. Magnete natural.
- Despacharam.
- Cortam em toros. Excitar.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Mistura.
- Raspadeira. Abreviatura de Santíssimo.
- Código. Mulo. Item.
- Guarnição de asas. Pessoa impenitente, pegadiça.
- Cercar. Viração.



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Cantanhede. Cabelos brancos.
- Homem peludo e feio (fig.). Naípe das cartas de jogar.
- Solitário. Aquele que narra.
- Vaidosos.
- Índigena de Moçambique. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo.
- Serpente com sete cabeças, que foi abatida por Hércules. Medida de líquidos da Holanda.
- Levaram à toa. Emprega.
- Prendes. Viração.
- Pecados.
- Estavam. Toma de assinatura.
- Catedral. Induzir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 716

HORIZONTAIS:

- VA. ANDA. Cás.
- Ilha. O. Goza.
- Nd. Ceres.
- Honrar. Maia.
- Nô. Até. Isto.
- An. Ema. Só.
- Arraste.
- L.V. Sai. Dó.
- Macia. Ssa.
- Ago. V.º Er.
- Samba. Porca.

VERTICAIS:

- VINHO. Almas.
- Aldona. Vaca.
- Na. COM.
- Aa. Rã. Rei.
- Bater. Avá.
- Do. Remas. O.
- 7 Asas.
- Gemi. Tisno.
- Corasse.
- 10 AZEITE. EC.
- 11 Sasão. Sogra.

PROVERBIO: Anda o vinho com a sacia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 553

HORIZONTAIS:

- Cardeal.
- Ado. Ária. Ce.
- Lamas. Tar.
- Omar. Samora.
- Mar. Redomas.
- Cu. Iaras.
- Ocasos. Or.
- Asa. As. Lu.
- IV. Rs. Coral.
- Maças. Ios.
- Aoros. Iroso.

VERTICAIS:

- Salomão. Imã.
- Dama. Cavão.
- Comarcas. Cr.
- Ar. Usarão.
- Ras. SSS.
- Dr. Seis.
- Eirada. Açai.
- Aa. Moroso.
- Tomar. Rio.
- Caras. Laos.
- Peras. Pulso.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estádio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário; 23.30: Último jornal. Notícias de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.35: Pequena selecção da ópera «Otello», de Verdi; 17.00: Integrais; 17.27: A pianista Nella Maissa; 18.00: Sinfonia, n.º 1, de Jolivet; 18.40: Ciclo de canções «A Bela Moleira», de Franz Schubert; 19.50: «Souvenir de Florence», sexteto, em ré menor, op. 70, de Tchaikovsky; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música de câmara; 22.00: Concerto, para violoncelo e orquestra; 22.30: Música portuguesa; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 02.00: Guarda nocturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Quiosque; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Noticiário regional; 18.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30 sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Notícias a todas as horas.

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Arca de Noé» e «Era Uma Vez».

18.45 — País, País

19.15 — Trânsito

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(36.º episódio): Sónia conta a Zoraide que viu Amauri com Alice. Bia, durante um jantar onde toda a família está reunida, tem uma séria discussão com Teresa, que acaba por chorar. Cláudio apoia Teresa e discute com Bia. Rafael consegue emprego. Conversando com Amauri, Rafael diz que está apaixonado por Bia e sente ciúmes quando a vê com o Zeca. Alice forçada pela mãe, liga para Eloísa e combina um banho de piscina na casa dela. Lúcia vai junto, para tentar aproximar Alice e Cláudio. Lúcia obriga Alice a fazer com que Cláudio a convide para sair. Alfredo chega a casa e descobre que Rafael está dando aulas particulares a Heloísa.

21.30 — Apresentação Prévia das Canções Concorrentes ao Festival Eurovisão 1986

21.50 — Programa da Direcção de Informação

22.40 — Ténis

«Ivan Lendl/Kevin Curren»

22.50 — Estranhos Poderes por Arthur C. Clark

(5.º episódio): Do Reino Unido (onde dez por cento da população afirma ter já encontrado um fantasma) aos Estados Unidos da América foi levada a cabo uma minuciosa investigação, sendo relatadas teorias para explicar o fenómeno como a que considera que certos locais «armazenam» imagens do passado como uma «cassete-vídeo»...

Produção: Adam Hart-Davis. Produtor executivo: Simon Welfare. Realização: Charles Flynn.

23.42 — 24 Horas

23.45 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias

19.37 — Desenhos Animados

«Waldo Kitty»

20.00 — Videopólis

20.35 — Falar de Macau

21.00 — História dos Teatros em Portugal

O programa de hoje é dedicado ao Teatro S. Luiz, em Lisboa.

21.55 — Notícias

22.00 — Ténis

Transmissão directa de Cascais do jogo entre Ivan Lendl e Kevin Curren.

23.30 — Últimas Notícias



Na RTP-1 e 2 a transmissão do campeonato de Ténis entre Ivan Lendl e Kevin Curren

«Estranhos Poderes de Arthur C. Clark»: esta noite o 5.º episódio



O Teatro S. Luiz está hoje em foco na rubrica «Histórias do Teatro em Portugal»

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Onde Fica Isto?

11.30 — Espaço 11/13

12.30 — Vereda Tropical

Bina protege Cesco dos irmãos mas mais tarde castiga-o por ter combinado com Miro trazer Silvana para S. Paulo. Vilela pede a demissão quando Oliva sugere que experimente o preparado de Gabi mas é salvo pela chegada de Miro. Este experimenta o preparado no braço e fica com um cheiro nauseabundo. Silvana autoriza Da Paz a levar Zeca ao médico. Bárbara, regressa a casa misteriosamente envolta num véu negro. Oliva fica muito chocada quando é informada por Theda Bara que, a Jamil, resta pouco tempo de vida. Silvana comenta com Germano as consequências para a fábrica da atitude de Jamil.

13.15 — Jornal da Tarde

13.35 — Ciclo Preparatório TV

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

18.45 — País, País

19.15 — Telemundo

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Vamos Jogar no Totobola

20.40 — Corpo a Corpo

21.30 — Noite de Cinema — «Alfie»

23.30 — 24 Horas

23.45 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias

19.37 — Desenhos Animados

20.00 — Pare, Escute e Olhe

20.30 — O Mundo Barroco

21.25 — Notícias

21.30 — Foi Éxito na TV

22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
 GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
 ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
 T. 88 27 86 - 89 98 26
 Av. S. João de Deus, 13 B - R. de Macau, 8-1 - LISBOA

MELO
 MICROCOMPUTADORES
 AMSTRAD — ATARI
 TIMEX — SINCLAIR — Q.I.
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
 Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.
 Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
 Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)
 Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA
 Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

22.40 — Ténis

RTP 2

20.00 — Videopólis

GRUNDIG PORTUGUESA
 comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
 Cruz Quebrada - 1495 LISBOA
 Telef.: 4197570



«Corpo a Corpo»



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.38 3,60 m	
19.00 3,70 m	12.11 1,40 m
Dia 30	
07.43 3,30 m	00.59 1,40 m
20.08 3,50 m	13.20 1,70 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	4°
VIANA DO CASTELO	7°
VILA REAL	6°
PORTO	5°
COIMBRA	6°
CABO CARVOEIRO	12°
CASTELO BRANCO	8°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	11°
ÉVORA	7°
BEJA	5°
FARO	11°
SAGRES	11°
PONTA DELGADA	12°
FUNCHAL	15°

Falsários presos quando acabavam notas de mil e 5 mil escudos

A Inspeção de Setúbal da Polícia Judiciária acaba de dismantlar uma rede de falsários de notas de banco quando ultimavam o fabrico de cédulas de mil e cinco mil escudos numa oficina dissimulada na cave de um barracão em Monchique, Algarve.

Na oportunidade foram apreendidas as notas de mil quase prontas, num total de 150 mil «contos», e, em fase adiantada de fabrico, cerca de 500 mil «contos» em notas de cinco mil «escudos», os respectivos fotolitos, as sofisticadas máquinas de impressão e ainda toda a aparelhagem laboratorial necessária.

As operações policiais, efectuadas em colaboração com a subinspecção de Portimão da PJ e GNR de Monchique, levou a que os investigadores pudessem entrar na oficina depois de atravessarem um verdadeiro labirinto, com várias portas e alçapões encobertos com fardos de palha, utilizando um código com senha e contra-senha fornecido por um dos falsários atraído à rua mercê de um artifício ardiloso dos polícias.

A oficina funcionava numa quinta, propriedade do principal mentor da rede de falsários, Salvador Inácio Guerreiro, natural de Messines e residente em Meia Viana, Monchique. Este indivíduo seria o último a ser preso quando ao entrar na oficina deparou com a Judiciária e os restantes cinco elementos do grupo: estes já sob prisão.

A investigação viria ainda a esclarecer que esta rede estaria também relacionada com outra falsificação, esta de vales postais.

Carlo Bergonzi recebe hoje medalha de mérito cultural

O tenor italiano Carlo Bergonzi recebeu hoje no Teatro de S. Carlos a medalha de mérito cultural, no intervalo de um recital de árias e canções que se realiza 30 anos depois de ter pisado pela primeira vez o palco do teatro lírico nacional.

João de Freitas Branco disse à agência NP que a medalha será entregue por Serra Formigal, presidente do conselho de administração do Teatro Nacional, em representação da secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia.

Bergonzi, 62 anos, esteve no São Carlos pela última vez em 1983, cantando na ópera de Giuseppe Verdi, «O Baile de Máscaras».

Freitas Branco definiu Bergonzi, que pisou o S. Carlos pela primeira vez em 1956, interpretando o «Dom Carlos» de Verdi, como «O mestre da escola de canto italiana e representante máximo da grande tradição do canto italiano».

«Aida» e «A Força do Destino», também de Verdi, foram outras interpretações de Bergonzi em Lisboa que deixaram boa memória, acrescentou.

Hoje à noite, pela primeira vez, Bergonzi pisa o S. Carlos para um recital em que é o único intérprete.

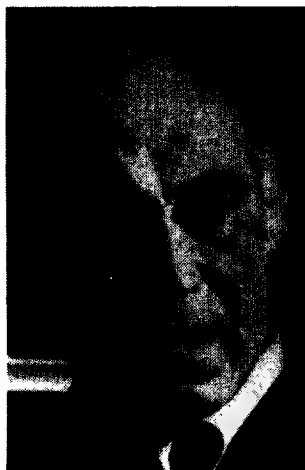
Recitais como este na sala principal do teatro «não são uma raridade absoluta mas são casos excepcionais», disse João de Freitas Branco, da administração do S. Carlos, que acrescentou pretender o teatro «intensificar este tipo de actividades».

Assembleia Municipal analisa saúde em Lisboa

«A Saúde na Cidade de Lisboa» é o ponto único da Ordem de Trabalhos da reunião extraordinária da Assembleia Municipal de Lisboa que tem lugar esta tarde.

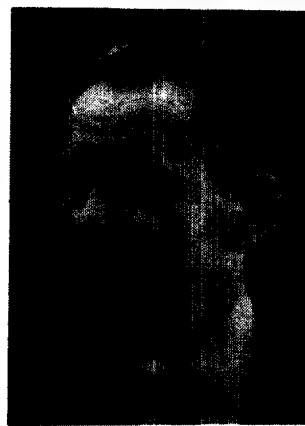
Na reunião da AM deverão ser abordadas as conclusões do II Encontro de Saúde em Lisboa, recentemente realizado, numa organização conjunta da Câmara Municipal, da Santa Casa da Misericórdia e da Administração Regional de Saúde, no qual participaram cerca de 600 técnicos das mais variadas especialidades.

D/E/C/A/R/A/S/



FERNANDO NAMORA publicou a oitava edição do seu romance «O Rio Triste». Com esta edição o número de exemplares editados atinge o 50.º milhar. Sucesso quantitativo, preferência do público leitor que é preciso somar ao favor da crítica. «O Rio Triste» obteve os Prémios D. Dinis, Fialho de Almeida e Fernando Chinaglia, este no Brasil. Roxana Emineanu escreveu que: «O que todavia mais impressiona e surpreende nesta obra **quente** é o processo de dissolução da escrita e da própria narrativa, que se cumpre insensível mas implacavelmente ao longo do livro». Não é apenas o rio Tejo, mas é, também, o Tejo, este **rio triste**. (Edição da Bertrand Editora).

ADOLFO SIMÕES MULLER, que nas décadas de 40 e 50 se notabilizou pela sua vasta obra e estilo inovador nos domínios da literatura infantil e juvenil, vai ser homenageado esta noite pelo Rotary Clube Lisboa-Benfica. Apresentará o homenageado monsenhor Moreira das Neves, contando-se com a pre-



sença de diversas personalidades ligadas à literatura. A reunião terá lugar no Restaurante Califa, em Benfica, com um jantar marcado para as 20.30.

JOSÉ AFONSO vai ser homenageado no dia 7 de Maio com uma festa promovida pela Federação Nacional dos Professores e por grupos culturais da Banca. Na festa, a efectuar no Coliseu dos Recreios participam Vitorino e o Bando da Planície, José Mário Branco, Janita Solomé, Amélia Muge, o cantor catalão Pasenino, Pedro Osório, Kiki Lima (cabo-verdiano), Cantaril, o Grupo de Fados de Coimbra, Maria do Céu Guerra, José Fanha e o Grupo Coral da Banca.

CARLOS DO CARMO, que regressou ao fado puro no seu último álbum «Mais do que Amor é Amar», parte hoje para uma digressão de 24 dias pelo Canadá, que se segue imediatamente às que o cantor fez ao Brasil (22 dias) e à Europa (30 dias). No Canadá, Carlos do Carmo cantará em



várias cidades para a comunidade portuguesa, estando previsto o seu regresso para 14 de Maio.

ANDREI GROMIKO cujo estado de saúde tem sido alvo de especulações entre os diplomatas estrangeiros acreditados em Moscovo, apareceu ontem na Televisão soviética. Com boa aparência, o presidente da URSS surgiu a entregar prémios a trabalhadores. No começo deste mês funcionários soviéticos revelaram a diplomatas ocidentais que Gromiko estava hospitalizado com gripe.

RONALD REAGAN disse, antes de partir para uma viagem à Indonésia, «que os países asiáticos são os donos do seu próprio destino». Durante esta semana, Reagan encontra-se na ilha de Bali com o presidente Suharto, da Indonésia, mas apesar de vários grupos norte-americanos defensores dos Direitos Humanos, o porta-voz da Casa Branca referiu que a situação em Timor-Leste não será abordada.

No âmbito dos contactos partidários PS e CDS reúnem-se hoje em Lisboa

Delegações do PS e CDS reúnem-se hoje em Lisboa, no âmbito dos convites feitos pela Direcção do PS aos restantes partidos parlamentares. Segundo uma fonte socialista, «a reunião não se efectuou há mais tempo porque o CDS se encontrava em pleno período preparatório do seu congresso».

No passado dia 24, delegações dos dois partidos haviam mantido uma reunião, «mas foi apenas de visita de cortesia dos democratas-cristãos aos socialistas que foram transmitir os resultados do seu recente congresso».

Assembleia discute contratos a prazo

A Assembleia da República ocupa a sessão plenária de hoje a apreciar um projecto de lei do MDP/CDE para o decreto-lei que estabelece o regime dos contratos de trabalho a prazo na administração pública.

O projecto de diploma do MDP/CDE contém apenas dois artigos que propõem a revogação deste decreto-lei de Julho de 1985 e, caso seja aprovado, entra em vigor no dia imediato ao da publicação.

O preâmbulo do projecto de diploma do MDP/CDE considera que o decreto-lei que estabelece o regime dos contratos de trabalho a prazo na administração pública «consustancia, no regime que vem inovar, um verdadeiro atentado ao direito ao trabalho e à segurança no emprego».

«Com efeito — prossegue — alegando-se que a contratação a prazo deve ter carácter excepcional, acaba por se permitir tal contratação a prazo por tempo indefinido, através da celebração de sucessivos contratos que não são considerados renovação do contrato anterior».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Entre os 12 anos do 25 de Abril e os 100 do 1.º de Maio

Os 106 anos do «Direito à Preguiça»

QUE panfleto evocar, nestas jornadas que fazem a ponte entre os doze anos do 25 de Abril e os cem anos do Primeiro de Maio? Lafargue sem dúvida e o seu **Direito à Preguiça**, de 1880. Paul Lafargue, genro de Marx, ocupou-se activamente da Internacional em toda a Península Ibérica, a partir de Madrid, e chegou a representar Portugal e a Espanha no Congresso Internacional de Haia de Setembro de 1872, destacando-se pelo seu combate contra os bakuninistas.

Lafargue nasceu em Santiago de Cuba em 1842, de pai francês e de uma mulata, mas a sua avó era caribe, pelo que se diz que, ao assumir a defesa dos trabalhadores ele herdava de uma triplíce opressão... A actividade revolucionária transformou-o num dos principais dirigentes socialistas franceses da segunda metade do século passado. Em Fevereiro de 1865, encontrou-se com Marx em Londres, por causa dos trabalhos da Internacional. Marx aborrecia-se com ele, como ressaltu de uma carta que escreveu a sua filha Laura: «Este safado do Lafargue aborrece-me com o seu proudhonismo e não me deixará sossegado enquanto eu não lhe tiver partido aquela cara de crioulo». Laura: na altura, ninguém imaginava que aquele proudhonista crioulo, candidato a médico mas adiando sistematicamente os seus últimos exames, viria a casar-se com a filha de Marx, tendo Engels como padrinho, e viria a escrever, no tom do **Manifesto Comunista**, um **Elogio da Preguiça** tão celebrado quanto amaldiçoado.

Paul e Laura Lafargue suicidaram-se em Novembro de 1911, num acto longamente premeditado, e que significava a recusa da extrema velhice. Ele injectou em ambos cianuro de potássio depois de terem passado um dia risonho e banal, de tal modo que os amigos, conta um de-

les, não puderam esconder a sua cólera e rancor pelo duplo suicídio. Lénine, falando dos funerais do casal Lafargue em nome do Partido Social-Democrata Operário Russo, citou-o, apesar do seu tradicional desacordo com os dirigentes socialistas franceses, como «um dos mais dotados e mais profundos propagadores do marxismo».

Lénine tinha conhecido Lafargue em 1910, indo visitá-lo a Draveil de bicicleta com Krupskaja (estavam ambos imigrados em Paris desde Dezembro de 1908). Lénine tinha acabado de escrever o seu **Materialismo e Empirio-crítico** e ficou a trocar longas impressões com Paul, enquanto Laura e Krupskaja passeavam. Laura dissera então a Krupskaja, acerca de Paul: «ele provará em breve a coerência do seu pensamento filosófico», mas ninguém, então, percebeu ali uma alusão ao suicídio próximo.

O **Direito à Preguiça**, de que aqui reproduzimos apenas o 1.º capítulo e o Apêndice, baseia-se nos filósofos da Grécia clássica para combater a ideia do trabalho, e desemboca no optimismo maquinista que nunca deixou de marcar a tradição filosófica europeia: Descartes citava os mesmos parágrafos de Aristóteles sobre os teares e a tecelagem automática para prenunciar o fim da sujeição do homem à necessidade, e a sua entrada no reino da liberdade. O optimismo maquinista não era jovem nem original em 1880, nem reside nele a principal força do texto: o **Direito à Preguiça**, apesar de celebrado como um clássico de segundo plano, nunca deixou de incomodar sucessivas gerações de sindicalistas e de representantes dos trabalhadores... até que foi docemente esquecido: deixa de ser incómodo aquilo que não lembramos.

JM

O texto de Lafargue

Um dogma desastroso

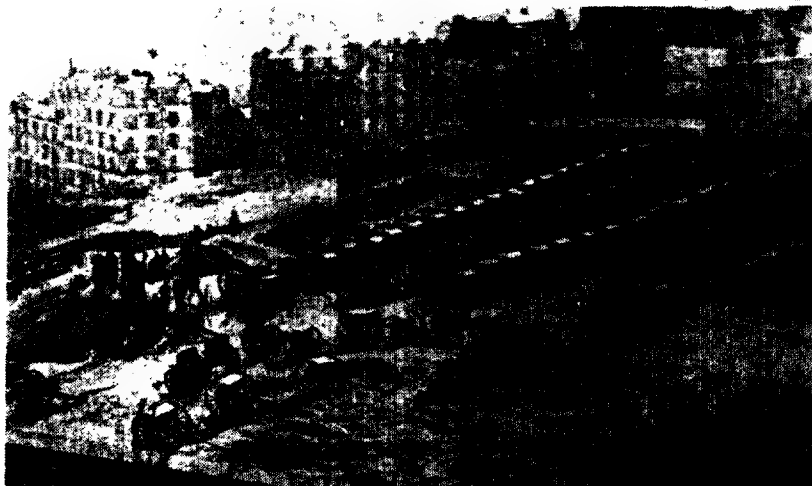
Preguicemos em tudo menos no amar e no beber menos no preguiçar

Lessing

UMA estranha loucura apoderou-se das classes operárias das nações em que reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que, desde há dois séculos, torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor do trabalho, a paixão moribunda pelo trabalho, levada até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua prole. Em vez de reagirem contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho. Homens cegos e limitados, quiseram ser mais sábios que o seu Deus; homens fracos e desprezíveis, quiseram reabilitar o que o seu Deus tinha amaldiçoado. Eu, que não faço profissão de cristão, nem de ecónomo nem moral, faço apelo ao julgamento do Deus deles; das prédicas da sua moral religiosa, económica, livre-pensadora, às terríveis consequências do trabalho na sociedade capitalista.

Na sociedade capitalista, o trabalho é a causa de todas as degenerescências intelectuais, de todas as deformações orgânicas. Comparem o puro-sangue de Rothschild, servido pelos seus bismarques valentes, com o pesado bruto das quintas normandas, que trabalha a terra, puxa o estrume, leva a colheita para a granja. Olhem o nobre selvagem que os missionários do comércio e os comerciantes da religião ainda não corromperam com o cristianismo, com a sífilis e com o dogma do trabalho, e reparem de seguida nos nossos miseráveis serventes de máquinas.

Quando, na nossa Europa civilizada, se quer encontrar um resto de beleza nativa do homem, é preciso ir procurá-



A Comuna: os canhões que Thiers queria arrancar aos parisienses

lo nas nações onde os preconceitos económicos ainda não desenraizaram o ódio ao trabalho. A Espanha que — infelizmente! — degenera, ainda se pode gabar de possuir menos fábricas do que nós prisões e casernas: mas o artista felicita-se ao admirar o arrojo Andaluz, escuro como castanhas, direito e flexível como um caule de aço; e o coração do homem tressalta ao ouvir o mendigo, soberbamente coberto pela sua capa esburacada, tratar por amigo os duques de Ossuna. Para o espanhol, em quem o animal primitivo não está atrofiado, o trabalho é a pior das escravaturas. Os gregos da grande época não tinham, igualmente, senão desprezo pelo trabalho. Só aos escravos era permitido trabalhar. O homem livre não conhecia senão os exercícios do corpo e os jogos da inteligência. Era também o tempo em que se andava e se respirava num povo de Aristóteles, de Fídias, de Aristófanes; era o tempo em que um punhado de bravos esmagava em Maratona as hordas asiáticas que Alexandre iria em breve submeter. Os filósofos da antiguidade ensinavam o desprezo pelo trabalho, essa degrada-

ção do homem livre. Os poetas cantavam a preguiça, esse presente dos deuses:

O Meliboe, Deus nobis hoc otia fecit (Oh Melibé, um Deus deu-nos este ócio: Virgílio, *Bucólicas*).

Cristo, no seu discurso da montanha, pregou a preguiça:

«Contemplai os lírios do campo, eles não trabalham nem fiam, e no entanto digo-vos, nem Salomão em toda a sua glória esteve melhor vestido».

Jeová, o deus barbudo e rebarbativo, deu aos seus adoradores o supremo exemplo da preguiça ideal; após seis dias de trabalho, repousou-se para o resto da eternidade.

Pelo contrário, quais são as raças para quem o trabalho constitui uma necessidade orgânica? Os de Auvergne; os escoceses, esses «auvergnats» das ilhas britânicas; os da Pomerânia; os chineses.

Na nossa sociedade, quais são as classes que amam o trabalho pelo trabalho? Os compositores proprietários, os pequeno-burgueses, uns curvados

para as suas terras, outros acorados nas suas lojas, remexendo-se como toupeiras nas suas galerias subterrâneas e não se erguendo nunca para olharem à vontade a natureza.

No entanto, o proletariado, a grande classe que envolve todos os produtores das nações civilizadas, a classe que, ao emancipar-se, emancipará a humanidade do trabalho servil e transformará o animal humano num ser livre, esse proletariado, traindo os seus instintos, desconhecendo a sua missão histórica, deixou-se perverter pelo dogma do trabalho. Rude e terrível foi o seu castigo. Todas as misérias individuais e sociais nasceram da paixão pelo trabalho.

Apêndice

Os nossos moralistas são gente bem modesta; se inventaram o dogma do trabalho, duvidam da sua eficácia para tranquilizar a alma, dar prazer ao espírito e manter o bem funcionamento dos rins e dos outros órgãos. Eles querem experimentar o seu uso no popular, *in anima vili*, antes de o voltarem contra os capitalistas, porque a missão deles é exactamente desculpar e autorizar os vícios destes.

Mas, oh filósofos a dez reis a dúzia, porquê tanto trabalho das vossas mioleiras para elaborarem uma moral que não ousais propor aos vossos mestres? O vosso dogma do trabalho, motivo, para vós, de tantos orgulhos, quereis vê-lo ultrajado, banido? Abramos a história dos povos antigos e os escritos dos seus filósofos e dos seus legisladores.

«Eu não poderia afirmar, diz o pai da História, Heródoto, se os gregos herdaram dos egípcios o desprezo que votam ao trabalho, porque encontro o mesmo desprezo entre o trácios, os citas, os persas, os lídios. Numa palavra, porque na maioria dos bárbaros, os que aprendem as artes mecânicas e mesmo os seus filhos, são olhados como os últimos dos cidadãos... Todos

os gregos foram educados nestes princípios, especialmente os lacedemónios.»

Os romanos não têm senão dois ofícios nobres e livres, a agricultura e as armas. Todos os cidadãos viviam, de direito, às custas do Tesouro, sem poderem ser obrigados a porvir ao seu sustento através de nenhuma das *sordidae artes* (eles designavam assim os ofícios) que pertenciam, de direito, aos escravos. Brutus, o antigo, para levantar o povo, acusou sobretudo Tarquínio, o tirano, de ter feito artifícios e pedreiros com cidadãos livres.

Os filósofos antigos discutiam sobre a origem das ideias, mas havia acordo entre eles sobre a necessidade de mal-dizer o trabalho.

«A Natureza, diz Platão na sua utopia social, na sua *República* modelo, a Natureza não fez cordeiros nem fogueiros; semelhantes ocupações degradam quem as exerce, vis mercenários, miseráveis sem nome que são excluídos, devido ao seu estado, dos direitos políticos. Quanto aos comerciantes habituados a mentir e a enganar, não os sofreremos na cidade senão como um mal necessário. O cidadão que se tiver avilrado pelo comércio de loja será perseguido por tal delito. Se se provar a sua falta, será condenado a um ano de prisão. E a punição será dupla em caso de reincidência.»

No seu *Económico*, escreve Xenofonte:

«As pessoas que se entregam aos trabalhos manuais nunca são elevadas às responsabilidades, e tem-se razão ao fazê-lo. Na maioria, condenadas a estarem sentadas todo o dia, algumas mesmo a sentirem um fogo perpétuo, não podem deixar de ter o corpo alterado, e é muito difícil que o seu espírito não se ressentia.»

«Que pode sair de honroso de uma loja? Professa Cícero, e que pode o

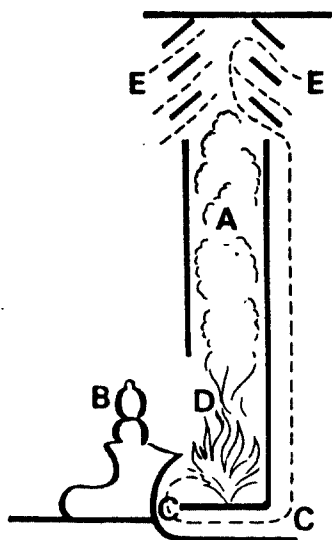
Continua na pag. 5

Paul Lafargue

Décor cartesiano: o aquecedor

DESCARTES, embora falando-nos do ar e das consequências do exterior na saúde e, portanto, no pensamento, não se esquece, no entanto, de nos descrever o interior que convém às produções filosóficas. Do exterior um pouco frio e rude, tranquilo e calmo, Descartes não conserva senão o carácter de isolamento, de «deserto», como ele gostava de dizer. A filosofia exige, pelo seu lado, um ambiente quente, filtrado, provocando a sonolência, levando para perto do sonho. Ficar só consigo próprio para se pensar enquanto pensante, afrontar durante seis dias a dissociação de si consigo, voltar a juntar-se para além do poder enganador das palavras que instalam um outro e nós próprios, perder-se nos meandros do que se impõe como verdade e não se revelaria senão erro, leva Descartes a manter-se entre sono e vigília, sobre o fio cortante do sonho acordado.

Esta atitude, — porque se trata finalmente do resultado da sua vontade: não se está facilmente entre o sono e a vigília — Descartes não a consegue senão num certo **décor**, o de um espaço aquecido por um aparelho. Graças ao aquecedor, o frio do exterior, que convém à saúde do corpo mas não às meditações, é expulso. É possível preservarmos-nos do frio mas não do calor doentio — e é por isso que Des-



cartes tinha preferido a Holanda à Itália.

Ele escreve, com efeito, a Balzac: «Se você teme os invernos do Setentrão, diga-me que sombras, que fontes poderiam tão bem preservar-nos, em Roma, das incomodidades do calor, como um aquecedor e um grande fogo que aqui nos impede de sofrer o frio» (1).

O aquecedor define de imediato a atmosfera das meditações, a dúvida metódica organiza-se no calor dor-

mente que leva o sujeito pensante ao limiar da loucura. Será possível duvidar de que «estou aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um robe de chambre»?

Não me tornarei eu então um desses cujo cérebro está ofuscado «pelos negros vapores da bília», aqueles que «imaginam ter um corpo de vidro»? (Meditatio I). Alguns anos antes, Descartes já nos falara num aquecedor a propósito de uma estadia na Alemanha.

Desse calor bemfazejo nasceram, como ele indica, os pensamentos que formam o **Discurso do Método**: «Eu estava então na Alemanha... o começo do Inverno encontrou-me num bairro em que, não achando conversa que me divertisse... eu permanecia todo o dia fechado, sozinho, junto de um aquecedor, e onde eu tinha todo o tempo para me entregar aos meus pensamentos» (2).

O quarto das meditações aparece portanto como um espaço em que nenhuma janela filtra a luz do dia. Descartes pensa à noite, à luz única de uma chama, em robe de quarto, preparado para se deitar.

A negação da exterioridade é necessária à introspecção; ora, nunca essa negação atinge tanta evidência como quando Descartes descreve a Mersenne

o que é, muito exactamente, um aquecedor.

Ele não se limita a consagrar toda uma carta ao aparelho, acrescentando um desenho (aqui reproduzido), mostrando, desse modo, a importância que atribui ao objecto.

O problema colocado por Mersenne parece simples: como se impedem as chaminés de deitar fumo? A resposta de Descartes ensinar-nos-á a diferença fundamental que existe entre a chaminé e o aquecedor, e a ordem hierárquica existente entre as fórmulas intermediárias.

Trata-se de isolamento para meditar, de encerramento, mas não de sermos fumados. Descartes traz o problema para outro nível: como fazer circular o ar sem o ver. Não basta que nos fechemos, porque «quando um quarto está bem fechado, é inevitável que lá haja fumo, quer dizer, que o fumo que sai do fogo entre no quarto, visto que não há ar do quarto que possa voltar para o fogo». A primeira reacção, a mais corrente, seria a de abrir «alguma porta ou janela», o que, evidentemente, acarreta inconvenientes. Para os evitar, Descartes oferece uma primeira solução: fazer «aberturas atrás da chaminé, que não dêem senão para o fogo». Estas aberturas, como janelas indiscretas, devem estar ocultas

para melhor preservar o isolamento em relação à exterioridade: «pode-se esconder essas aberturas sob os pés desses grandes suportes de cobre». Em seguida, Descartes dá-se ao trabalho de fazer um esboço (o que é raro na sua correspondência). Ainda convém cobrir o cimo da chaminé, não deixar senão aberturas dos lados, para se evitar os efeitos dos ventos e da chuva. E ainda é preciso ter em conta a altura dos edifícios fronteiros à chaminé, o que obriga a elevar esta última, e a que a fechemos inteiramente do lado desses edifícios.

No topo da hierarquia das chaminés surge o aquecedor, definido como uma chaminé inteiramente fechada, ocultada, deixando de fora, para sempre, a exterioridade. «Enfim, baixando muito a coberta da chaminé, ou mesmo fechando-a até quase em baixo, lâminas de cobre ou de outra matéria, aquecidas, dão o mesmo calor que o fogo daria ao quarto. Quer dizer: convertendo as chaminés em aquecedores, há remédio para todos esses inconvenientes» (3).

Chaké Matossian

Notas

- 1) Carta a Balzac, 5 de Maio de 1631
- 2) Discurso do Método, segunda parte
- 3) Carta ao p. Mersenne, 20 de Outubro de 1642

Cores do Nilo

De Assuão a Luxor, a aquarela do Egipto do rio - rei

DA barragem de Assuão às pirâmides, alguns dias de um sumptuoso cruzeiro bastam para reanimar os famosos **quarenta séculos** que incessantemente contemplam os homens, para entrar nas trevas insondáveis de uma civilização adormecida, só ligada ao Egipto actual, cheio de vitalidade, por alguns fios subtils, invisíveis a olho nu.

Do Egipto conhecemos a Esfinge, os obeliscos, Champollion e Mariette, monumentos familiares e descobridores geniais, quase tão presentes no património da nossa escolaridade obrigatória como o Louvre ou Pasteur. O encontro com esses velhos conhecimentos nem por isso é menos emocionante. O choque é primeiro físico; ele eclipsa os velhos sonhos e desencadeia uma intensa sede de saber.

Antes de mais há as cores do Egipto eterno. A doçura de aquarela de uma manhãzinha de Janeiro, sobre o Nilo, surpreendendo para além das grandes vidraças do **Hélio**, um desses majestuosos navios de fundo chato e vários andares que percorrem o rio-rei, para entre barcos frágeis que quase tocam nos bancos de areia. E o espectáculo camafau do sol tocando com os seus raios o templo de Kom Ombo, colorindo as pedras milenárias de amarelo, de ocre, depois de rosa e de escarlate, antes de elas se apagarem na noite fresca e coberta de estrelas. Feerie que termina sob um céu lápis-lazuli, cor que se encontrará, há trinta e cinco séculos intacta, no trono de Tutankamon conservado no museu do Cairo, com a célebre máscara de ouro deste rei morto aos vinte anos, e cujo olhar intenso e sereno continua a fascinar-nos.

Ainda as cores, não longe do vale dos Reis, no imponente circo rochoso de Deir El Bahari, escolhido pela rainha Hatchepsut para acolher o seu

templo funerário. Esmagadas por uma falésia grandiosa, as colunatas reais adoptam-lhes as nuances móveis sob o doce sol de Inverno. Hatchepsut foi sem dúvida a primeira mulher chefe de guerra... mas teve que se tornar homem para ser divinizada.

Outra época, outras impressões. No Cairo as de uma megalopole do Terceiro Mundo (14 milhões de habitantes) tendo, de um lado os seus hotéis de luxo ao assalto das pirâmides, os seus engarrafamentos monstruosos, Mercedes contra BMW, Klaxon contra Klaxon, e do outro os seus trapeiros de oito anos que transportam os detritos em carrinhos puxados por burros, do centro da cidade para as lixeiras da periferia onde as suas famílias vivem num ambiente de putrefacção tórrida.

Mas o turista apressado só vê este espectáculo através dos vidros coloridos de um autocarro climatizado. Será necessária outra viagem para encontrar os homens do Egipto actual, com as consequências de uma demografia galopante (um milhão de habitantes suplementares todos os anos, sem extensão paralela da superfície cultivada) e a agitação causada pelo visível aumento do fundamentalismo muçulmano.

«Se Kahadafi bombardeia a barragem (de Assuão) os egípcios só poderão refugiar-se no alto das pirâmides»: o humor negro da comunidade europeia do Cairo reflecte a incerteza do futuro mas também traduz, uma realidade implacável. A sobrevivência dos quarenta e oito milhões de egípcios repousa, em grande parte, no rio, domesticado desde o acabamento, em 1968, da alta barragem de Assuão, mas cujo papel ainda é agora mais importante. É ainda o Nilo coluna vertebral do país e fonte de vida desde as origens, que, de templo em templo conduz o viajante através das maravilhas

do Egipto antigo.

Assuão, porta da Núbia, a duas horas de voo do Cairo, para o Sul, abre a via do rio. A montante da barragem, a caminho do Sudão fronteiriço, estende-se o lago Nasser, o órgão vital de todo o país. À sua beira o templo miraculado da UNESCO, Abu Simbel.

Menos célebre e mais próximo, o Templo de Philae teve uma salvação igualmente extraordinária. Imerso por alturas da construção da primeira barragem de Assuão, no princípio do século, Philae foi desmontado, pedra a pedra, e reconstruído numa ilha talhada a «bulldozer», para lhe dar a configuração exacta do local primitivo. O conjunto, dedicado à deusa Isis, está esplendidamente conservado... à excepção das cores. Elas

aguentaram-se durante vinte e dois séculos mas não resistiram a algumas décadas de uma estúpida imersão.

A visita à maioria dos templos dá, de resto, outros exemplos desse desprezo ainda recente por aquilo que nós situamos entre as maravilhas do mundo: grafitos e assinaturas de visitantes célebres — Bonaparte em Philae, Rimbaud em Luxor — ou de ilustres desconhecidos que, felizmente, não sujaram muito os túmulos reais. Estas fantásticas catedrais subterrâneas cobertas de hieroglifos e de afrescos coloridos, como intermináveis bandas desenhadas, contam-nos com todos os pormenores a história, os ritos e as crenças dos antigos. Magníficas páginas de escrita cujo génio é, antes de mais, estético. Perto do vale dos Reis a mon-

tanha é um verdadeiro queijo esburcado de sepulturas com milénios. Nem todas descobriram os seus segredos, apesar de séculos de pilhagem organizada e só algumas décadas de investigações metódicas.

Os egípcios, comenta um guia pedagogo e apaixonado, deram a primeira explicação mística do universo, construiram um mundo racional. Eles conheciam os anos bissextos e... jogavam aos dados trinta séculos antes da nossa era. Eles fixavam o montante dos impostos através do nível do Nilo (bom indicador da actividade económica) medido à distância em cubas especiais chamadas «nilómetros», e que ainda hoje são visitadas.

Impressionado pelas colunas de Karnak, valorizadas por um «som e luz», por essas estátuas que espiam todos os seus passos, o viajante encontra o século vinte, todas as noites, não sem desprazer, no ambiente do seu hotel flutuante. Depois de tanta autenticidade, **Hélio**, um dos navios mais confortáveis do Nilo, oferece o contraste de uma atmosfera totalmente artificial e sofisticada, sem nada a ver com o país que desfila pelas suas vigias. Na sumptuosa sala de jantar do navio reina um divertido ambiente de «chalet» suíço «made in Egypt». As traves mestras são de contraplacado e o fogo da lareira é de 220 volts. Mas os empregados movem-se com uma rapidez que nada tem de helvética.

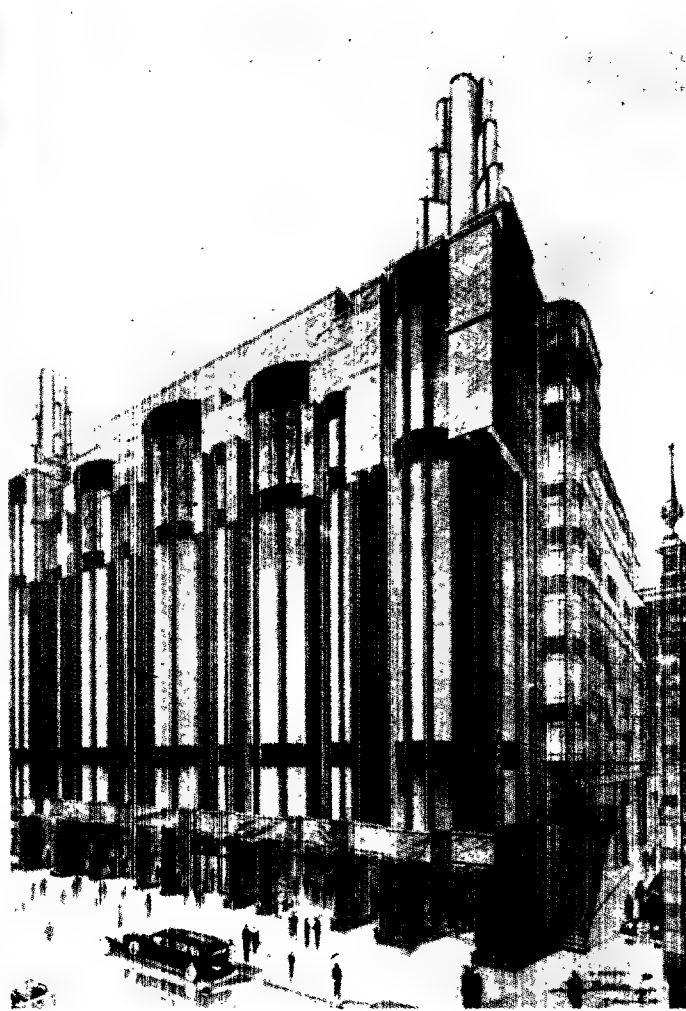
A noite cai cedo no alto Egipto; esta viagem também é um cruzeiro. O navio, deslizando sobre as águas negras do grande rio, evoca incessantemente o enigma e o mistério. Esta noite, depois de o chá ser servido na ponte superior, à beira da piscina, será projectado o filme «Morte no Nilo».

Philippe Bernard





Hotel Vitória, Av. da Liberdade



Projecto para o Eden Teatro



Café Cristal na Av. da Liberdade, 131 (demolido)

Cassiano Branco: uma época de contradições

- *Do Hotel Vitória, hoje centro de trabalho do Partido Comunista, aos «arranha-céus» do Areeiro ele marcou profundamente Lisboa*

A Exposição dedicada à obra de Cassiano Branco que ontem inaugurou na Sociedade Nacional de Belas-Artes não passa apenas por uma homenagem ao arquitecto que, entre os anos 30 e os 60, já se interessava nos seus projectos pelo aspecto composicional, em evidente antecipação a práticas que hoje começam a ser correntes apesar de alguma polémica. É também uma revisitação no tempo, a uma época de contradições: política, económica e socialmente primárias, tivemos então, não obstante, alguma engenhosidade em campo da cultura. E o nome de Cassiano Branco foi sem dúvida exponencial neste domínio em que, sobre um total deserto de ideias e vontades, alguns indivíduos houve que deixaram marca nesses anos cinzentos pelo domínio da literatura e das artes.

Assim como Taveira suscita hoje tanta adversidade, também Cassiano Branco espantou e hostilizou. Ele foi, na arquitectura, a nossa primeira modernidade — e isso tanto nos edifícios que concebeu, assim o demonstram um Hotel Vitória ou um Eden, como na sua formação cultural e inclusive no seu modo de vida, distinguindo-o entre os arquitectos seus contemporâneos. O regime salazarista, claro, não o via com bons olhos. Por isso Cassiano Branco nunca trabalhou por encomenda pública. O que tem um significado profundo de consequências: o que de melhor as ruas de Lisboa nos podem documentar sobre um passado triste fez-se, senão contra a condução do Estado, pelo menos apesar dele. Mas não era fácil trabalhar para um construtor civil e adequar-se ao seu conservadorismo: Cassiano Branco desafiou-os quanto pôde, só que o independentismo e a originalidade não resistem

muito ao cerco de inimigos vários — foram muitos os conflitos em que se viu metido, muitas as pressões e golpes baixos. Chegou a ser preso pela PIDE, ele que era um democrata confesso e teve aliás preponderância quando foi da campanha eleitoral do general Humberto Delgado à Presidência da República. Não estranhou, pois, uma posterior conformação ao estilo académico (1).

Cassiano Branco foi bem um exemplo de uma certa atitude arquitectónica que presentemente continua característica: uma translação do tecnicismo para motivações de âmbito artístico. Ele terá sido, de facto, um dos arquitectos do modernismo português que mais desenhador foi. Não por acaso as grandes influências da arquitectura portuguesa nos anos 30 começaram por ser a «Art Deco» e o expressionismo, linhas fundamentalmente estéticas, fórmulas acima de tudo plásticas.

Talvez por isso mesmo, surge como verdadeira uma acusação feita ao arquitecto — a de que ele foi «conceptualmente maleável». Cassiano Branco procurava, incessantemente. E não é difícil compreendê-lo, já que o isolamento anterior da arquitectura portuguesa levava a esterilidade. Ele procurava o novo, atento ao que lá por fora se fazia de criativo. Visitou as diversas escolas, e foi-as trocando: dispersou-se, necessariamente, mas em todas as experiências um cunho muito pessoal soube aplicar. Lisboa, durante este período e pela mão de Cassiano Branco como de outros, variou-se de estilos urbanísticos, o que, se certamente evidenciou indecisão, por outro lado introduziu a imaginação de soluções. Aconteceu até, por vezes, a simbiose de modelos arquitect-

tónicos: é o caso dos prédios da Calçada do Desterro.

Cassiano Branco cedo se viu copiado, e bastantes são os edifícios que pela cidade têm o seu jeito mas não a assinatura. Mas se tal aconteceu foi objectivamente por se haver imposto uma clara perspectiva de arquitectura — o Eden em Lisboa, como o Coliseu do Porto, definiram toda uma tomada de novas concepções, ainda que muitas delas em mimetismo. O fim destas tendências não tardaria a demorar, porém, com o advento «nacionalista», em conjuntura do regime que já permitia as

formulações ideológicas em volta das artes — nesse sentido precisamente funcionou a Exposição do Mundo Português. É em plena adequação salazarista da arquitectura que Cassiano Branco conhece o declínio, ilustrado por exemplo pelo seu cinema Império.

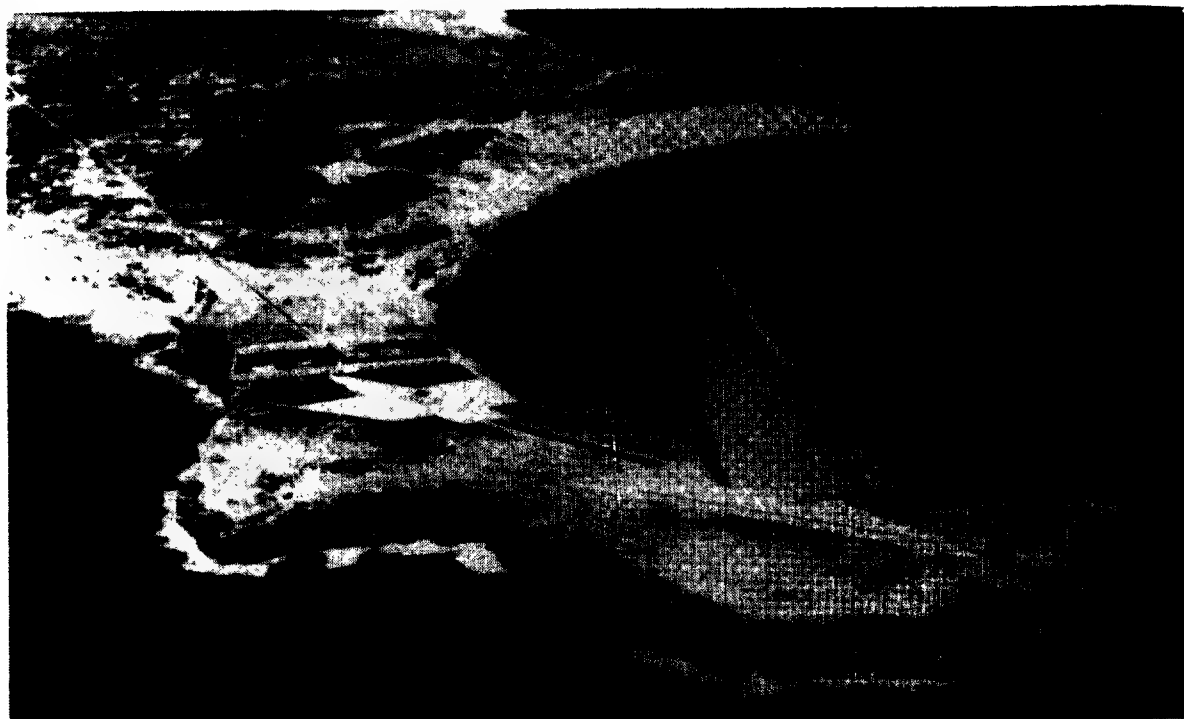
Mas, já que falamos em declínio: se Cassiano Branco esteve, nas décadas de 30 e 40, entre o que de mais aberto e progressivo se realizou no nosso fascismo, porque se insiste em não preservar o pouco de que nos podemos compensar em passado tão inglório? De facto, as casas que o arquitecto

concebeu por aí estão, arruinando-se perante a mais absoluta indiferença. O Estado prossegue, pelo que parece, na sua senda de obscurantismo, 12 anos de democracia feitos

R.E.P.

Notas:

(1) Sem dúvida que esta foi uma determinante para a assunção do tradicionalismo por parte de Cassiano Branco, mas importa aqui salientar o fenómeno geral que sucedeu à estagnação internacional do modernismo na arquitectura — a passagem, exactamente, para um academismo, entre os modelos italiano e alemão.



Proposta de monumento ao Infante D. Henrique, no promontório de Sagres

Apresentação de Lucian Freud

A Inglaterra forneceu à história das artes visuais deste século (até nova ordem) três nomes: Francis Bacon, David Hockney e Henry Moore (mas em matéria de arquitectura, vídeo, música e moda outro leão — britânico — rug).

Enquanto Hockney experimenta com a fotografia (como vimos recentemente) e Bacon pinta cada vez melhor (desde 1980 numa fase excepcionalmente interessante de «paisagens» de areia, água, ferros e corpos), o panorama internacional da pintura baralha-se incarecteristicamente.

E um outro pintor inglês começa (mas apenas começa) a fazer-se notar: Lucian Freud. É um pintor **antigo** em vários sentidos. Um pouco como os seus dois «colegas» (especialmente Bacon), esteve e está à margem das convulsões — mais aparentes que reais — da pintura europeia dos últimos 50 anos. Nasceu em Berlim em Dezembro de 1922, neto do fundador da psicanálise. Foi para Inglaterra aos 11 anos e aí tem vivido desde então. É em geral pouco conhecido, a não ser através de um retrato de Bacon exposto na Tate Gallery em Londres. A maior parte da sua produção pertence a particulares. Lawrence Gowing escreveu há três anos a primeira monografia sobre ele (1).

A pintura de Lucien Freud é excepcionalmente boa (é mais que tempo de esta palavra reentrar na moda). Olha-se para os seus quadros e tem-se de imediato essa sensação um pouco angustiante ou mesmo claramente surpreendente de se estar perante uma devastadora força muito difícil de exprimir em palavras.

É tanto mais assim quanto Freud é essencialmente um **retratista** (2). O termo tornou-se quase depreciativo. Se corresponde a uma tradição setecentista britânica, desvirtuou-se quase por completo no continente e na América desde há cem anos (em Portugal, dizem-se «retratistas» pintores as mais das vezes inclassificáveis).

É também por isso que as telas de L. Freud são tão surpreendentes: pelo contraste entre a «insignificância» do género e a qualidade da pintura.

O retrato não fornece álibis (de «conteúdo», cor, contexto, narração, etc.): ou o rosto se impõe ou não. É alguma coisa que se torna particularmente evidente em certas pinturas do séc. XV e XVI de temas sacros ou profanos em que, no meio de uma série de personagens desconhecidos, queremos reconhecer aqueles rostos que são retratos, isto é, que tiveram obviamente um modelo e disso guardam... o quê? Não se trata de «parecência» porque não conhecemos as pessoas (como não conhecemos os «modelos» de Freud — cujos nomes o pintor esconde sistematicamente, aliás).

Trata-se antes de uma espécie de imposição que nos é feita; ou do que nós impomos às formas, aos traços. Tudo se passa como se a imaginação do pintor não pudesse, por si só, construir um rosto singular. A imaginação é, dizia Novalis, um género de inteligência onde o «pensamento é sentido», uma «tropologia». Imaginamos uma paisagem ou um objecto porque os pensamos sensivelmente produzindo um **múltiplo comum** (uma figura de estilo, um tropo). Mas poderemos imaginar rostos e impô-los enquanto retratos — rostos que se distingam absolutamente de qualquer tropo? Quando, num quadro, somos confrontados com rostos deste tipo, suspeitamos imediatamente de que se trata de

um retrato. Foi a **fotografia** que nos «treinou» para isso — ao habituar-nos a ver milhares de rostos em imagem que sabemos singulares. Mas trata-se também do facto de o rosto ser um operador de sentido, talvez mesmo o operador de sentido por excelência como sugerem E. Levinas e G. Deleuze. E mais: é no rosto e pelo rosto que emerge a nossa distinção em relação a Outrém, é no rosto que a linguagem se projecta como num écran. O retrato pintado é, na arte ocidental, a imagem do Sujeito — a representação da sua **diferença**.

A representação de um rosto enquanto retrato é sempre uma **operação de singularização deictica**: Lucian Freud diz que pintar é mais apontar («to aim», que significa também fazer pontaria — já lá iremos) do que copiar («to copy») (3); é alguma coisa que tem que ver simultaneamente com a voz de Cristo («Este é o Meu Corpo», o Meu, não Outro e Outro para vós, este Singular irredutível que Designo) e com a Verónica (o verdadeiro ícone) que é presença da matéria na tela em forma de imagem Única de que todas as outras são, agora sim, meras cópias.

Este último aspecto coloca-nos à beira de um discurso de cariz fenomenológico (que Bacon e L. Freud cortejam sistematicamente, aliás). Freud diz: «I want paint to **work as flesh**... I would wish my portraits to be **of the people, not like them**... As far as I am concerned, the paint **is the person**, I want it to work for me just as flesh does» (4).

A pintura de L. Freud integra-se numa velha «escola»: a de **Rembrandt** (que tem outras derivações inglesas: Hogarth e Bacon, por exemplo). Com ele, Freud aprendeu a violência inevitável da emersão dos corpos; aprendeu a «construir» volumes aparentes que parecem possuídos de uma força interior, através do trabalho do pincel e do vazio: uma espécie de neutralidade da cor (a zona dos castanhos e dos verdes, isto é, da cor que em tempos defini como «não rostual» (5), imprecisa) e do esvaziamento do espaço em volta dos corpos. Rembrandt e Freud pintam hologramas com substância, em duas palavras (6). Não se trata do velho «modelado» da pintura clássica que se dava desde logo como ilusão de volume, questão de «técnica» ou, nos melhores casos (estou a lembrar-me de Rafael, do Rosso), enquanto emanção da forma pintada, recurso de **composição**, isto é, da relação/assimilação equilibrada das formas entre elas e com o plano da tela. Nos casos de Rembrandt («A mulher que se banha», por exemplo), de Hogarth (o espantoso autorretrato da Tate) e de Lucien Freud (veja-se a primeira ilustração deste texto), os limites entre as formas provêm de um esforço do olhar do pintor para **decompor** a superfície e dela **destacar** a forma; provêm de um trabalho de singularização (na tradição da pintura alemã de Quatrocentos e Quinhentos — Grünewald ou Dürer — que procedia à mesma operação mas **pela linha**). Trata-se do objectivo perseguido por **Cézanne**, evidentemente; tanto no que respeita à figura (compare-se a ilustração 1 com a testa da «Mulher com cafeteira» de Cézanne), como no caso da paisagem (as «Montagne Saint Victoire»), como ainda na natureza morta (as famosas maçãs). Tudo isso se costuma dizer (na tradição filosófica que culminou em Merleau-Ponty) como a tinta enquanto expressão da «carne do Mundo».

E a verdade é que as ideias de «cô-



Cabeça de rapaz, 1952, óleo sobre Tela

pia», de «figurativo», de «a partir do natural!» não se aplicam ao caso de L. Freud sem grandes cuidados. Quando o pintor diz «to aim» pensa em termos de **mira e violência**. A mira destaca um objecto, transforma-o em alvo, singulariza-o em absoluto. Fazer pontaria é exercer uma obsessão violenta que coloca entre parêntesis toda a distância, arreda todo o tempo, encobre todo o lugar; é mergulhar no objecto. Ou fazê-lo romper-nos os olhos numa **ipseidade** agressiva que nunca é tão violenta e irrecusável como à beira da morte. Cézanne fartou-se de falar disso, do seu olhar fixo, obcecado.

Lucien Freud distingue-se de Bacon neste aspecto (7) porque este último é ainda um pintor da composição e do acaso, um pintor de enquadramentos e explicitação de «aparelhos» deicticos (as suas telas **designam**, pelos objectos que expõem as figuras, pelos palcos que para elas exibem) e do recurso ao gesto casual (o pano ou esponja que retorça a cor, por exemplo). Freud é mais rembrandtiano ou cézanniano. L. Gowing escreve que «a economia da representação foi o objectivo» do pin-

tor (8). Freud é, de facto, um pintor do **rigor clássico** que se tem exprimido desde sempre pela «via del levare» de Miguel Ângelo: uma pintura feita mais de vazio que de cheio, mais de retirar coisas do que de colocá-las na tela. A protuberância dos ossos e das pregas de carne dos retratos de Freud é o produto do vazio que o pintor produz à volta delas.

Mas tal protuberância só se dá a ver — e por aqui me afasto do discurso da «presença» do Mundo — através de um **rigor de decomposição** (um rigor de Representação) que é particularmente apropriado à análise do retrato (especialmente dos pintados por Freud que são, não tenho disso qualquer dúvida, os melhores da pintura ocidental de há 50 anos para cá). Porque, ao pintar um retrato, o pintor deve **remover** da tela todos os outros rostos e retratos, evacuar da representação as imagens que mais se fixam no nosso cérebro: as dos rostos, justamente. É necessário que isole o irredutível e indefinível «quid» do único (não é por acaso que Freud — que vê mal — se recusa a pintar com óculos, como se fosse preciso reduzir a

vista de modo a controlar-lhe os «vícios»; ou é incapaz de fazer auto-retratos precisos; porque o espelho ou a foto transformam o rosto em imagem, isto é, num **tropo**, num «lugar comum»).

Só é possível proceder a esta «cirurgia» realista (não verosímil mas verdadeira, naquilo que na verdade é sempre singular) de dois modos: através da percepção e produção de que o avô do pintor chamava uma **inquietação estranheza** («Unheimlich»); e pelo **sentimento**.

Repare-se: há algo de profundamente inquietante em qualquer rosto, algo que não tem nada que ver com a expressão e por isso não salta de imediato à vista. Tudo na natureza é copiável ou reproduzível. Menos os rostos, a «impressão digital» do sentido.

O retrato **redobra** o rosto e, ao fazê-lo, dá a ver a inquietação da **diferença** (9). Deparamos com essa diferença de um outro modo, ainda mais inquietante: quando somos confrontados com gémeos iguais. Os gémeos alarmam-nos, fixamo-nos neles envergonhadamente, porque redobram a unicidade

Continua na pag. 5



Frank Averbach, óleo sobre tela

de cada rosto recusando a sua dissolução num outro Todo (o da generalidade dessa diferença) e mostram a totalidade do singular. Os bons retratos representam essa singularidade, são sempre o que nós não somos, Outros. Debaixo da mais banal aparência de um rosto algo labora vertiginosamente (o «trabalho da carne» de que fala alusivamente L. Freud), algo se **decompõe** (Freud pinta o sangue, a podridão, um efeito de holograma mais uma vez), algo se afasta irremediavelmente de qualquer Síntese. A representação é necessária para que isso se veja: a que a Natureza leva a cabo (ao «fazer» os gémeos, ao **desdobrar** a unidade toda a representação é desdobramento em vários sentidos), a da pintura (e por isso são as fotografias em que não há representação tão inocuas e banais deste ponto de vista). O trabalho de Cézanne com as maçãs é o de Freud com os rostos: dar à percepção, oferecer à vista, meter pelos olhos dentro a diferença. Como escreveu Deleuze sobre Bacon, «o realismo da deformação destrói todo o idealismo da transfiguração»; é que a pincelada de Lucien Freud é **deformante** enquanto deictica: não constrói, designa. Repare-se mais uma vez na ilustração 1: é o retrato de uma **testa**; é isso que sentimos como força ou protuberância — a representação forçada do que não se vê, um apelo ao **tacto**, sentido que usamos quando queremos de facto **distinguir**.

A terceira ilustração que escolhi é um dos mais perturbadores desenhos que conheço.

Mal abri a página do livro de Gowing onde vem reproduzido senti uma pena imensa de não ter estado nesse quarto em Paris a olhar para a rapariga doente.

Félibien dizia, no séc. XVII, que a «graça» é um «nó secreto» entre o «corpo e o espírito». Eu digo que o sentimento é aquilo que nos foca o espírito sobre as coisas, os corpos. E pelo sentimento que percebemos as singularidades e nelas nos fixamos; é ainda pelo sentimento que uma coisa é representada como única na nossa consciência; pelo sentimento torna-nos **mira** e **alvo**, vulneráveis e

implacáveis numa reversibilidade sobre-determinada pelo objecto. O sentimento é a ferida provocada pelo objecto. Sem ele não vemos, limitamo-nos a olhar.

Penso nisso, vejo a rapariga doente que olha a flor e ouço Lawrence Gowing dizer: «o amor é a condição de estar à mercê do outro».

Notas:

1. «Lucien Freud», Thames and Hudson, Londres 1982, 232 páginas, 180 gravuras.
2. A sua pintura só tem quatro «temas»: retratos (individuais ou de grupo), nus, pátiotras e de prédios, plantas (estas muito na tradição alemã do **detalhe** — e também inglesa se nos lembrarmos de Richard Dadd (1819-1887).
3. in L. Gowing, op. cit., pág. 60.
4. Idem, pág. 190.
5. Cf. «Ascensão e morte da Paisagem» in «JL» de Julho de 1984.
6. Vejam-se os hologramas-retratos de Margaret Benyon expostos o ano passado na Gulbenkian.
7. A não ser numa fase curta da sua pintura correspondente mais ou menos aos anos 60 e onde avulta o espantoso «Reflection with two childrens (self-portrait)» de 1965.
8. Idem, pág. 81.
9. Uma das referências constantes de Freud é **Ingres**; nele encontramos também rigor e «inquietante estranheza» necessariamente articulados; distorções de propor-



Doente em Paris



Grande interior segundo Wateau

ção, perspectiva de cor e enquadramentos que fazem entrever, em cada retrato ou corpo, um outro ser, um animal ou um fantasma.

Ora Ingres foi contemporâneo do aparecimento da fotografia que se popularizou de imediato na esfera do **retrato**. As primeiras fotografias baseavam-se, como se sabe, nos pontos de vista e enquadramentos da pintura clássica (e até nos seus dispositivos perspectivísticos — a câmara foi «inventada» no séc. XV...).

Mas o retrato permitiu desde logo à fotografia distinguir-se da pintura por essa capacidade «miraculosa» de captar o único em si, o rosto enquanto **prova dos nove do real**. O que Freud faz nos seus retratos é **inverter** a operação fotográfica primitiva fazendo do **tempo de pose** (longuíssimo e doloroso no início do séc. XIX) uma **pose do tempo**. Freud «rouba» à fotografia a **garantia de realidade** para a transformar num **processo de realização** como fazia Ingres mas de outros modos: pela cor, os enquadramentos, as deformações). O fascínio dos rostos nas fotografias, que provém de se saber que é o rosto, **aquele rosto singular, resulta do próprio rosto, do referente. Mas, na pintura de Freud, o que me fixa é a irreversibilidade do «significante» — o seu processo de produção de um referente**. Os retratos de Freud matam lentamente, laboriosamente, os seus «motivos» ao darem a ver a **pose** da carne e dos ossos no tempo.

Paulo Varela Gomes

O direito à preguiça de Paul Lafargue

Continuação da pág. 1

comércio produzir de honesto? Tudo aquilo a que chamamos **loja** é indigno de um homem honesto (...) os comerciantes, não podem ganhar sem mentirem, e que há de mais vergonhoso do que a mentira! Portanto, deve olhar-se como algo de baixo e de vil o ofício de tantos quantos vendem os seus esforços e a sua indústria; porque quem entrega o seu trabalho por dinheiro vende-se a si próprio e põe-se ao nível dos escravos.»

Proletários embrutecidos pelo dogma do trabalho, ouvi a linguagem dos filósofos, que escondem de vós com um zelo ciumento: — Um cidadão que entrega o seu trabalho por dinheiro degrada-se ao nível de um escravo, comete um crime que merece anos de prisão.

Os tartufos cristãos e o utilitarismo capitalista não tinham pervertido estes filósofos das Repúblicas antigas. Professando para homens livres, eles comunicavam ingenuamente as suas ideias. Platão, Aristóteles, esses pensadores gigantes em relação a quem os nossos Cousins, Caro, Simon nada são senão pondo-se em bicos de pés, queriam que os cidadãos das suas Repúblicas ideais vivessem no maior dos ócios, porque, acrescentava Xenofonte, «o trabalho consome todo o tempo e, por causa dele, acaba por não se dispor de nenhum tempo para a República e para os amigos». Segundo Plutarco, a grande proposta de Licurgo, «o mais sábio dos homens», no que toca à admiração que há a esperar da posteridade, seria ter concedido o ócio aos cidadãos da República, proibindo-lhes todo e qualquer ofício.

Mas, responderão os Bastiat, Dupamloup, Beaulieu & Cia da moral, cristã e capitalista, estes pensadores, estes filósofos preconizavam a escravidão. Perfeito, mas haveria outra solução, dadas as condições políticas e económicas da sua época? A guerra era

o estado normal das sociedades antigas. O homem livre deveria consagrar o seu tempo a discutir as questões de Estado e a tratar da sua defesa. Os ofícios eram, então, demasiado primitivos e grosseiros para que, praticando-os, se pudesse exercer a actividade de soldado ou de cidadão. A fim de preservar os guerreiros e os cidadãos, os filósofos e os legisladores deviam tolerar os escravos nas Repúblicas heróicas. Ora, não preconizam os moralistas e os economistas do capitalismo o salariado, a escravatura moderna? E a que homens é que a escravatura capitalista permite ócios? Aos Rothschild, aos Schneider, às sr.^{as} Boucicaut, inúteis e nocivos, escravos dos seus próprios vícios e dos seus criados.

«O preconceito da escravatura dominava o espírito de Pitágoras e de Aristóteles», foi já desdenhosamente escrito. E no entanto Aristóteles previa que «se cada utensílio pudesse executar sem ordens, ou melhor, por si próprio, a sua função, como os mestres de obras de Délalo se moviam a si mesmos, ou como os sapês de Vulcano se davam espontaneamente ao seu trabalho sagrado; se, por exemplo, os teares dos tecelões tecessem por si próprios, o chefe da oficina não precisaria mais de abundantes, nem o mestre de escravos».

O sonho de Aristóteles é a nossa realidade. As nossas máquinas e o seu sopro de fogo, os seus membros de aço, infatigáveis, as nossas máquinas maravilhosamente fecundas, inesgotáveis, realizam docilmente e por si próprias o seu sagrado trabalho. No entanto, o génio dos grandes filósofos do capitalismo mantém-se dominado pelo preconceito do salariado, a pior das escravaturas. Eles ainda não compreendem que a máquina é o redentor da Humanidade, o Deus que resgatará o homem das **sórdidas artes** e do trabalho assalariado, o Deus que dará o ócio e a liberdade.

Paul Lafargue 1880

Três mulheres em busca do diabo

— ou John Updike, o feiticeiro

As mulheres nunca foram as musas de John Updike, e as que surgiram junto de Rabbit nos últimos vinte anos, foram essencialmente, para o romancista, instrumentos para melhor explorar o seu precioso eu confrontado com Deus, com a morte e com o omnipresente remorso do pecador que nunca encontra a sabedoria.

Egocêntrico militante, antifeminista por natureza, Updike decidiu, nas *Fasticeiras de Eastwick* — seu décimo primeiro romance que acaba de ser publicado na Galimard —, colocar-se por uma vez no lugar das suas personagens femininas e assumir a linguagem do outro sexo. Identificando-se com mulheres: Jane, Sukie e Alexandra, ele previne-nos logo no título: são «fasticeiras» como em Shakespeare, que gritam a sua angústia e as suas ameaças perante a natureza que as mata. Elas têm aparentemente da feiticeira todos os dons e praticam quotidianamente os feitiços, a levitação, fabricam encantamentos. Sem grande melhoria da sua situação pessoal...

As feiticeiras são mulheres sós, divorciadas, com filhos, que vivem de pensões alimentares, e que moram à beira mar, numa estação balnear de Rhode Island, pequena cidade de férias deserta entre Outubro e Maio, meses em que só lá vive — um punhado de autoctones: uma encantadora com-

munity, como dizem os americanos, situada num cenário de sonho. As outras mães de família vêm com maus olhos essas mulheres de má vida, sem marido, alegres, decididas a lutar apesar dos quarenta anos que se aproximam, vivendo como homens: fazem desporto, aprendem escultura, música ou jornalismo e armam em tentadoras junto dos homens casados ou não. Livres de corpo e de espírito, volumtuosas, caçam o homem mas fazem tudo para que os casamentos deles se aguentem e que não casem com elas.

Experimentam e trocam entre si os espécimes que as tentam: o pastor unitarista, o canalizador católico que todos os anos faz um filho à mulher, o chefe de redacção do jornal local, todos esses homens cheios de desgostos e de dúvidas que têm relações com elas, tristemente, em casa ou no motel.

Sabbat e jacuzzi

A pequena cidade murmura e murmurará muito mais quando chegar de Nova Iorque um desconhecido, Van Horne — sozinho, sem mulher, sem filhos, — que comprou a casa que foi a mais bela da cidade, há muito desabitada. Dá início a trabalhos gigantesco: um ténis conquistado ao pântano, uma casa de banho — living-room com som estéreo, tudo ao ar livre e, tentação suprema, um «jacuzzi», essa espécie

de banheira de água móvel, enorme e circular, que os importadores franceses propõem há pouco na Europa sob a designação pudica de «banho californiano para famílias».

O recém-chegado, que fez sonhar as feiticeiras porque tem «as costas das mãos negras de pelos» e parece rico, atrai as três. Ele não é particularmente sedutor, nem muito atraído pelo sexo: é de crer que o «jacuzzi» seja o instrumento do maligno durante o banho colectivo e semanal — à quinta-feira — acrescido de haxixe e do *Summer-Time* de Janis Joplin. As três fazem pois um pacto com Van Horne Diabo para beneficiar do banho ritual e do sabbat, e tudo corre bem até ao dia em que se enamoram de Jenny, anjo enigmático de vinte e dois anos, jovem pura e orfã que será sua rival e as trairá. Tal como nos contos de fadas, Jenny dominará o Diabo, casará com ele, mas não terá filhos, e será levada por um cancro enviado pelas feiticeiras. Quanto a estas engordarão, ficarão engravidas e amargas.

Há em Updike uma felicidade na ironia, um virtuosismo na construção, uma faculdade de jogar com as palavras, de criar as imagens, que mesmo quando se quer moralista, arrastam o leitor para caminhos escabrosos ou obscenos, que também são os caminhos do Senhor. É certo que esta cidade

imaginária, Eastwick, não está muito longe de Salem. Nem da casa familiar de John Updike no Massachusetts. Ele não precisou de ir muito longe para evocar a histórica caça às bruxas, os romances sulfurosos de Nathaniel Hawthorne ou ainda a intransigência dos puritanos. Eastwick, arquétipo de uma pequena cidade de província americana, com as suas igrejas rivais, as suas lojas de artesanato para turistas, as suas casas de madeira pintadas de branco e escondidas nas dunas, os seus supermercados, os seus ricos e os seus pobres. O seu aborrecimento.

Tudo é dito à partida, o autor não procura seduzir-nos ou surpreender-nos com as situações que descreve, mas sim com a sua capacidade de entrar dentro das personagens, homens ou mulheres, anjos ou demónios, com o seu realismo diabólico. Ele toma todas as vozes, sabe tudo de tudo: dos tocadores de alaúde de Gremona, da pop art e dos corais que envelhecem («O casamento é parecido com dois seres, ambos fechados e condenados a ler e reler a mesma sempiterna lição, até que por fim as palavras se transformem em loucura»), das frustrações que engendram crimes, das potencialidades científicas da energia solar, da sensação de queimadura incandescente produzida pela corda no pescoço do enforcado, ou ainda do racismo que

leva uma boa cidadã americana a recusar que se dê a uma praça da sua cidade o nome de um «herói» do Vietname chamado Kazmierczak...

Updike nunca fala directamente de política nos seus livros, sem se mostrar empenhado. E, no entanto, cada um dos seus romances situa-se num momento preciso da história dos Estados Unidos: o *Centauro* durante a presidência de Truman, *coração de lebre*, durante a de Eisenhower, *casais trocados* durante a de Kennedy. Quanto às *Feiticeiras de Eastwick*, trata-se dos anos Nixon, e reconhecem-se facilmente as alusões ao movimento de emancipação das mulheres, ao regresso à natureza e à ecologia, à ratoeira vietnamita, ao terrorismo dos esquerdistas dos anos 60. Este não é o seu assunto. Mas, na verdade, qual é o seu assunto? Onde quer ele chegar com essas «feiticeiras» que têm afinal mais poder do que se pensa, mas que são incessantemente confrontadas com diabos invertidos e efeminados? John Updike, o feiticeiro, apanhou-nos. Mas que ideia tinha ele das suas leitoras e dos seus leitores arrastando-os assim com ele no seu «jacuzzi»? A resposta não é límpida.

N.Z.

Nota:

* *Les sorcières d'Eastwick*, de John Updike, Galimard.

Como se podem detectar os «temperamentos fascistas»

- O psiquiatra inglês R. E. Money-Kyrle passou a livro uma experiência de 1946: ele foi encarregado de seleccionar os alemães que iriam ocupar os postos-chave da nova Alemanha do pós-guerra...

O psicanalista inglês R. E. Money-Kyrle viveu em 1946 uma experiência singular que ele relata e comenta em livro. Ele foi encarregado, sob a direcção do professor Henry Dicks, de seleccionar os alemães a quem seriam confiados os lugares-chave da nova Alemanha. Era preciso não só eliminar todos os candidatos susceptíveis de terem tido simpatias nazis, mas também, através de conversas psiquiátricas aprofundadas, «separar as pessoas de temperamento democrático das de temperamento fascista».

Perante as atrocidades que lhes eram reveladas pela primeira vez em todo o seu horror, os «candidatos» reagiam diferentemente. «Lembro-me muito claramente, conta Money-Kyrle, de um homem idoso que ocupara um posto oficial importante durante a República de Weimar. Enquanto falávamos de campos de concentração, ele foi-se abaixo e chorou, porque quando da chegada dos nazis, não atacara abertamente o regime, limitando-se a sacrificar a sua situação e os seus rendimentos.» Tal como outros alemães, esse homem via na tirania o pior dos males. E não estava só envergonhado e chocado por o que o

seu país tinha feito, mas também profundamente penalizado e com um sentimento de responsabilidade e de culpabilidade pessoal — mesmo por ter sido impotente para resistir. Ele tinha aquilo a que Money-Kyrle chama uma «consciência humanista».

No entanto, a maior parte das vezes, mal os campos de concentração eram nomeados, os candidatos negavam ansiosamente ter sabido o que lá se passava, e exigiam depois que os culpados fossem severamente punidos.

Paradoxalmente, estas pessoas, que eram tão desprovidas de consciência «humanista», eram quase sempre hiperconscienciosas e obsessivamente submissas a toda e qualquer autoridade. Elas tinham um profundo sentido do dever e obedeciam escrupulosamente a quem quer que lhe fosse hierarquicamente superior. Exigiam, naturalmente, dos subordinados uma atitude idêntica perante eles. Numa palavra, a sua personalidade era «autoritária» e não «humanista».

R. E. Money-Kyrle estabelece depois as correlações entre estas duas categorias de pessoas, a educação que tinham recebido e a profissão que exerciam. Quase todos os «humanistas» provinham de famílias nas quais o

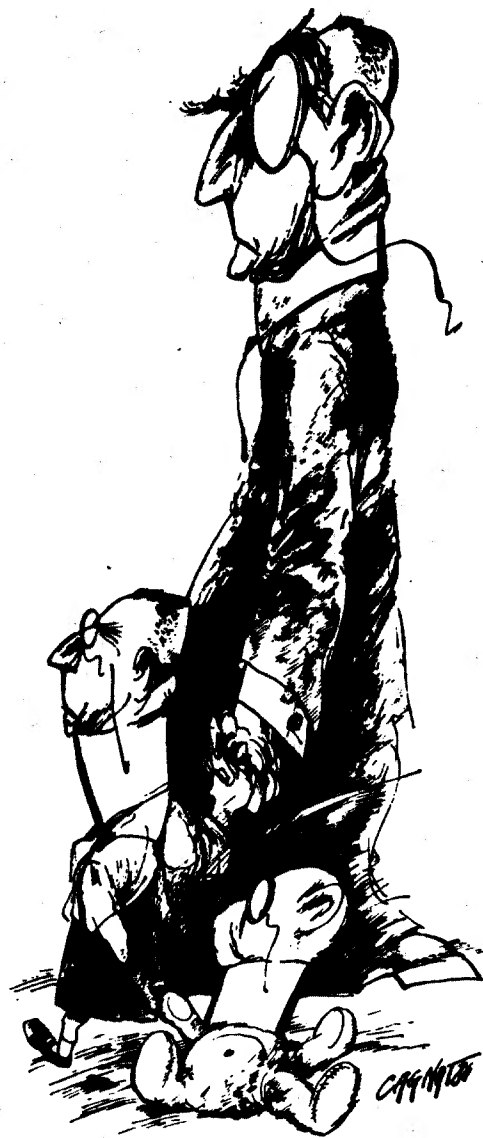
afecto e a liberdade tinham um lugar primordial. Encontravam-se mais frequentemente nas carreiras científicas ou artísticas do que na administração. Pelo contrário, os «autoritários» falavam com uma regularidade quase monótona do quadro estritamente patriarcal em que tinham sido criados, e atribuíam-lhe com reconhecimento o seu próprio sentido da disciplina.

«Estou convencido, diz ainda Money-Kyrle, que aqueles em quem a influência precoce de um ambiente humanista fora suplantado pela influência de uma profissão autoritária tinham tendência para criar lares ainda mais autoritários do que aqueles em que tinham sido criados.» Se isto se mostrar exacto, o facto de ter havido na classe dirigente alemã, e, em menor grau em todo o povo, uma consciência «autoritária» tão desenvolvida, é fácil de explicar: é o efeito cumulativo, sobre várias gerações, da impressionante hierarquia oficial criada para servir a religião alemã do Estado.

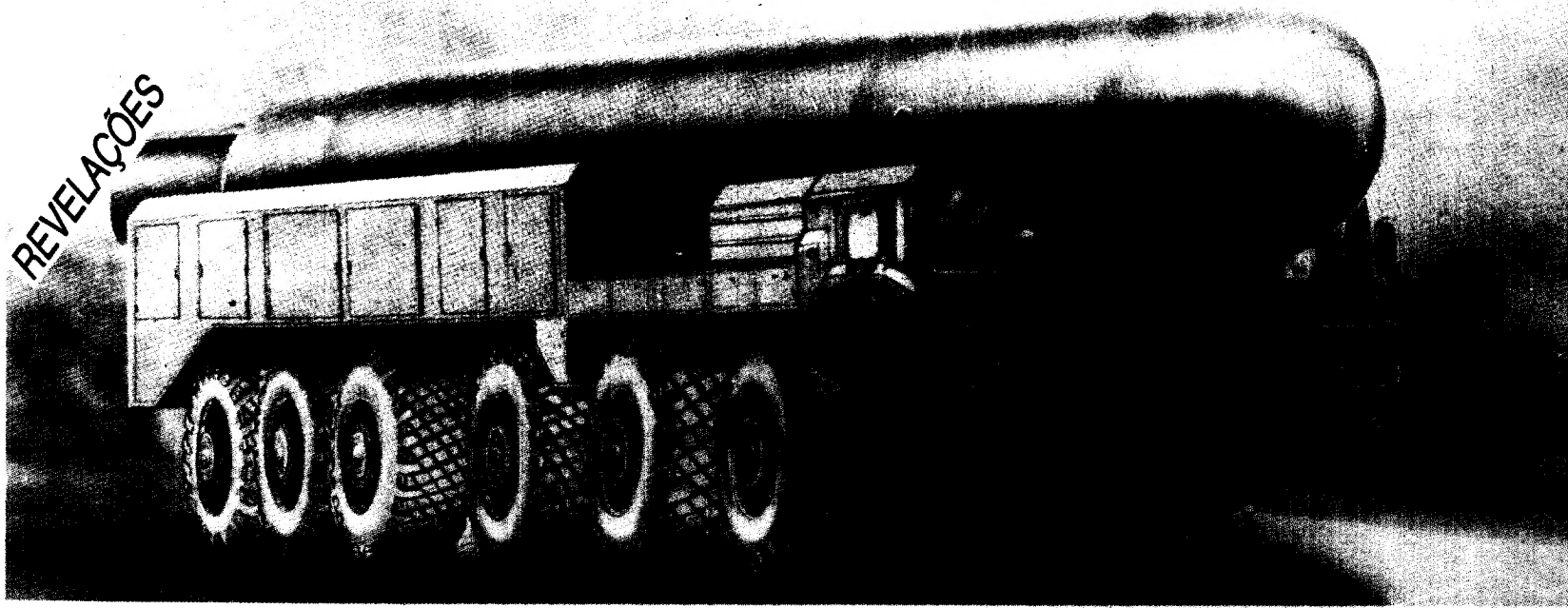
R. J.

Nota:

* *Psychanalyse et horizons politiques*, de R. E. Money-Kyrle. Privat.

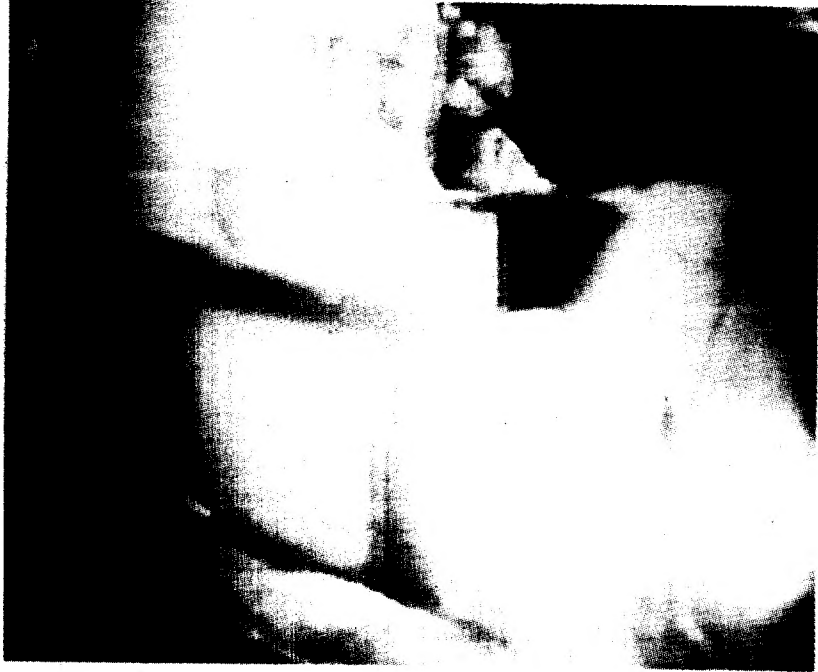


REVELAÇÕES



Desenho a partir de fotografias: o SS-20 sobre o seu transporte, que funciona simultaneamente como catapulta

Primeiras fotos de um SS-20 soviético



As fotos de «Soviet Military Power, 1986», editado pelo Departamento da Defesa dos EUA

A edição deste ano da publicação do Departamento de Estado dos E.U.A. sobre o poderio militar soviético no mundo publica o que se supõe serem as primeiras fotografias conhecidas de um míssil SS-20 em trânsito, algures em território de um dos países do Pacto de Varsóvia, sobre a sua rampa móvel de lançamento. Reproduzimos aqui essas fotografias, bem como o desenho-reconstituição feito por es-

pecialistas do Pentágono com base nas fotos. Como se sabe, foi a instalação, em grande escala, destes SS-20 que «induziu» a resposta de Reagan: acordo de alguns países europeus com vista à instalação, em bases nos seus territórios, de mísseis «Pershing» e «de cruzeiro». A «crise dos mísseis» saldou-se, tanto quanto se sabe, num resultado favorável aos EUA, que acabaram por obter sucessivas

autorizações de «Pershing» e de mísseis «de cruzeiro» apesar de um enorme e multifacetado movimento de opinião pública nos países-base, nomeadamente na Bélgica, Inglaterra, Alemanha Federal e Itália.

Mal foi conhecida a publicação, pelo Departamento de Estado, do seu **memorandum** deste ano sobre o poderio militar soviético, o Kremlin desmentiu oficialmente a

maioria das informações nele contidas, e pôs em causa a autenticidade das fotografias do SS-20. Muitas das «novidades» da edição 86 do «Álbum» do Departamento de Estado respeitam a armamentos convencionais, e sabe-se que a direcção do partido e do Estado soviéticos está presentemente envolvida numa grande ofensiva visando sobretudo a redução dos armamentos nucleares de ambas as superpotências.

A polícia no «Libé»

O «Libération», dirigido por Serge July, viveu na quarta-feira 24 de Abril horas que lhe fizeram lembrar a turbulência dos seus primeiros anos: polícias da secção antiterrorista da brigada criminal, munidas de um mandato de busca assinado por um juiz de instrução de Paris, entraram na redacção para levar o chefe-adjunto da secção **Sociedade**, Gilles Millet. À tarde, voltaram para rebuscar nos seus papéis e gavetas. Argumentos da polícia para justificar a detenção e a busca: Gilles Millet seria um dos jornalistas recentemente fotografados por agentes, na companhia de Hamid Lallaoui, preso por presumível implicação nas actividades do movimento extremista **Action Directe**, que tem reivindicado actos terroristas em França.

A redacção reagiu com alguma lentidão e prudência, o que não torna senão mais evidente o facto de que o «Libération» está, desde há cinco anos, muito longe dos tempos de 1973.

Millet acabaria por ser libertado no dia seguinte, mas a polícia pretende agora contrapor ao seu depoimento o de Marc Francelet, também jornalista, que trabalha no semanário VSD (Vendredi Samedi Dimanche) e que a polícia foi deter ao domicílio na mesma altura, com base em fotografias semelhantes.

Millet, que trabalha no «Libération» desde a sua fundação, é um jornalista que, trabalhando sozinho, tem por vezes oferecido enormes **scoops** ao jornal: em 1979, ele publicou uma longa entrevista com o gangster Jacques Mesrine, inimigo público n.º 1 e procurado por todas as polícias do Exágono.

Também em Agosto de 1982, ele entrevistou Jean-Marc Rouillan, um dos fundadores de **Action Directe**, que tinha acabado de ser ouvido e libertado, por falta de provas, pela brigada criminal.

Serge July, director do jornal, hesitou, na própria quarta-feira, sobre que imagem dar, na edição do dia, sobre o que se passava: as páginas de **Acontecimento** estiveram por fechar até fora de horas, hesitando-se no jornal sobre se seriam dedicadas à morte de Mircea Eliade ou a um «dossier» sobre «terrorismo». Finalmente, o «Libé» publicou nelas um outro «dossier», sobre os projectos de segurança do governo, dedicando ao «caso Gilles Millet» uma página inteira, a pedido de parte da Redacção.

Curiosamente, o muito musculado ministro do Interior de Chirac é Charles Pasqua, que em Janeiro de 1984, sendo chefe de Redacção do Paris-Match, foi também preso pela polícia sob a acusação de falsificação de fotografias. Na altura, a oposição, agora no poder, não calou os seus protestos contra a esquerda «liberticida».

Mas, cioso da credibilidade que conquistou nos últimos anos, o «Libé», apesar de uma tomada de posição forte contra a entrada da polícia na sua redacção, não exacerbou a importância do incidente: na noite de quarta-feira, Serge July, que se tinha zangado durante o dia, exigindo aos redactores que ninguém falasse em seu nome sobre o assunto, fez à «Antenne 2» uma declaração dizendo que «se um mau génio tivesse querido estragar o dia de Chirac, não teria feito melhor» — alusão ao juiz de instrução que ordenou a detenção e a busca.



A pele, a máscara, o espectáculo

A pele. Escreveu Maria Velho da Costa — **Eu falo da devassidão da pérola / pelo lado de fora. Quão pura / é a sua precisão de pele, o sul, / o oriente.** Pela pele, pelos poros da pele é que o corpo realiza as suas osmose e respira. Porque o corpo não é apenas as formas mas também a sua linha-limite, a sua linha-começo. Como um exame termográfico comprova de imediato, o nosso corpo dispõe de uma aura, feita de temperatura e energia. O nosso corpo é vibrátil, magnetiza. Eu e o exterior de mim encontramos-nos nesse dúbio território.

O que introduz desde logo uma concreta situação: a pele é a configuração terminal do corpo, apresenta-o ao olhar. Os corpos fruem(-se) depois de dados a ver — o glóbulo ocular é assim um elemento iniciático de ligação. Porém, se a fruição atravessa o corpo e cai fundo, não há olhar que possa chegar à sua consistência íntima. Fica parado no seu limite perspectivo, à flor da pele: o corpo está por dentro, só começa a seguir (mais tarde).

Mas sem dúvida que o olhar é devassante — ele intende a forma, a carne, questiona o interior. Logo, a pele, invólucro e precisão do todo, aplica as suas perícias. O ser lisa e suave ilude qualquer ameaça, mas é na verdade incorrecto tomá-la como neutra, mera superfície passiva de inscrição. É que a pele, sendo fundamentalmente denotativa, por isso mesmo é que se permite conotações. No princípio não fala, está aquietada e inoperante — digamos que é esse o seu estado abstracto, arquetípico. Mas depressa escolhe as suas linguagens e as suas estratégias em se defendendo do olhar ou potenciando a fruição. As poses e as roupas vêm no prosseguimento desta função prática.

E prática porque a pele se activa como significante e significado estando o corpo em movimento, e exprimindo-se como tal. Inevitavelmente, toda a passagem de expressão

se faz pela pele, na pele. Só assim, aliás, se mantém integralmente pura, ou quanto muito alheada dos usos do corpo interior. A pele é angelicamente cínica. Pela sua alterabilidade própria é impossível falar-se em enimesmaimento no sentido heideggeriano, assim como à escola do materialismo se tem de consciencializar um distanciamento por se tratar já de uma metafísica do corpo. Não são asserções levianas, estas: o corpo transfigura-se, manipula-se, joga-se em signos paradoxais. O corpo é de uma mutabilidade aparente (e a pele é a aparência do corpo) que não cessa nunca de espantar mais e mais. Há dois textos literários que são bem a metáfora do nosso tempo — «A Metamorfose», Kafka, e «O Seio», Philip Roth.

A máscara. «Ah, mas não te digo que tudo é tudo, porque é da tua existência real que se me travam os territórios até à sua desesperante pequenez de gota sanguínea, a surpresa do que há por sob a pele, concisa, repesa, este invólucro mutável, mesmo.» — Maria Velho da Costa. Intensificando o sinal e o efeito conotativo de um corpo, os povos inventaram as máscaras, primeiro as rituais, depois as de representação profana, máscaras de teatro.

Se o corpo como que se prolongava e investia por meio da sua pele, com a máscara a extrapolação intencionada é muito maior. E o termo extrapolação não é aqui excessivo, já que a utilização de máscaras foi durante bastante tempo exclusiva da devoção religiosa. Uma máscara concede poder, é objecto de participação num poder que vem de Alguém.

Beneficia de um factor determinante, a máscara: dilui o último reduto da inércia — a identidade. Eu posso ser, no mesmo instante, um outro. Posso passar por. A invenção das máscaras ter-se-á dado por compensação, à

pequenez e fragilidade individual de um corpo em meio a um mundo inóspito.

Curioso é que tal compensação formadora da pessoa humana se tenha feito em termos extra-individualizantes, para fora, assim se mutando co corpo.

Em que é que um corpo mutante reserva surpresa? É que o que em baixo se encontra frível foi deixado em recato, ainda não se viu, não se sabe o que é. Falar hoje em pudor é obviamente atender a esta problemática — o pudor de facto não desapareceu, antes se deslocou. Para que o Outro nos não invada, não ouse território nosso que nos enfraqueça, o fulcro de nós terá de estar conciso. Isso permite, o uso das máscaras, e preocupação actual: João Vieira anda a pintar caretos, figuras mascaradas. E ele próprio diz que a sua pintura, enquanto acto criativo, é erótica.

A máscara entrou no quotidiano, quase. Aquilo que decidimos vestir, quando realmente ponderado, é já um pouco máscara — no caso de socialidade. No entanto, a máscara funciona aqui como segunda pele, podendo ser muito mais. A roupa é somente, na maioria das vezes, complemento das linguagens epidérmicas pretendidas — acerta os seus sentidos, define-as melhor, talvez porque a pele é por si mesma, subtil no que expõe e propõe. Sendo assim, o lugar verdadeiro da máscara é o espectáculo, espelho contemporâneo dos nossos modos.

O espectáculo. Ainda Maria Velho da Costa — **Arredondada a rosa diz, considerai a similitude da minha robustez à do músculo tenro que os habita, alado de clavículas, espinhos.**

O espectáculo de travesti é um espectáculo de máscaras por excelência. Mas é também, em simultâneo, o que

demonstra mais caracteristicamente a densa expressividade que um corpo tem na sua pele.

O espectáculo de travesti junta os adereços, as roupas de fantasia, os véus, os corpetes (máscara) à nudez da pele. O corpo não é alusivamente mutante, muda. Um travesti não fica apenas pelo uso de acessórios específicos do outro sexo, reveste-se a si mesmo, para além disso, da sua semiologia particular. Um braço, uma coxa, uma nádega, um seio, encontram-se em metassignificação. São algo, sendo outro algo. O que implica que o espectáculo de travesti seja o grande espectáculo da ilusão. Porquê? Porque a ambiguidade (homens a passarem por mulheres) não está exposta visualmente — pelo menos no bom espectáculo de travesti. Ela é apenas recordada verbalmente (como no que Lydia Barloff mantém no Finalmente Bar há uma dezena de meses: a canção «I am what I am», eu sou o que sou, uma coisa e outra). Etologicamente, antropológicamente, como resolver em tempo de alterâncias corporais a questão dos sinais distintivos? O que é que distingue o quê?

No espectáculo de Lydia Barloff referido, um dos travestis surge em palco vestido de bailarina e executa uma dança de pontas. É uma mulher. Mas, em certo momento, quando se inclina o esforço faz com que um músculo do braço reaja como homem. Um pequeníssimo gesto, desconcertante no todo.

Depois, no camarim, aparece um jovem por baixo da maquilhagem, mantendo agora gestos femininos. Assim todas as noites, entre uma postura e outra. E u não sou o que sou, eu sou o que não sou. **Arredondada a rosa diz, considerai a similitude da minha robustez...**

(Citações de Maria Velho da Costa retiradas do Volume de poesia «Da Rosa Fixa»)

Rui Eduardo Paes

Mensagens Pessoais

Ama

Precisa-se pessoa competente, jovial e terna, para tratar de bebé, em part-time, na zona de Carcavelos-Parede, com experiência. Contactar tel. 2476345, depois das 17 h.

Revista soviética

Revista soviética desde primeiro número três anos encadernadas, máquina fotográfica Kodakveste Pocker 4x6 1/2 com 59 anos (coleccionador)

Estirador 1.50x100 e três peças de vegetal com 20 m. Contactar das 14 às 19 h tel. 664508

António Martins. Rua da Costa 61-1.º D.º 1300 LISBOA

Fontanelas

Campo/mar a 7 quilómetros de Sintra. Vende-se terreno com localização privilegiada em Fontanelas/Gouveia. 3500 m² com projecto de moradia aprovado. 6000 contos. Tel. 54 59 55 ou 31 22 57.

Andar

Vende-se andar de 4 assoalhadas perto da Baixa. Tel. 82 06 64. Depois das 18,30 m.

Máquina fotográfica

Vendo por 65 000\$00 Ashai Pentax SP 1:1.4/50. Flash National Pe 2002. Takumar 3.5/135 e 3.5/28. Para sol Takumar, filtros. Mala Ashai Pentax. Telf. 4193560.

Suporte articulado para leitura

Agora já pode ler deitado (de costas) apenas com a cabeça apoiada na almofada. Não segura o livro-/revista/jornal. Pode ler noutras posições comodamente e sem cansaço físico. Peça informações indesmentíveis para: Rua Carolina Michaélis DE Vasconcelos, 16-7.º, Dt.º 1500 Lisboa.

Vendo roupeiro-cama

Também um guarda-fato de casais, com espelho de boa qualidade, uma cómoda, uma mesa de cabeceira, e duas camas iguais de pessoa só, ou apenas uma. Um candeeiro de pé vulgar. Tudo com dezoito meses de uso. Telefonar à tarde 898336.

Viagem a Tours

O Grupo Coral de Queluz vai a Tours (França) de 15 de Maio a 21 de Maio. Por 10 contos podes aproveitar a viagem em autocarro (ida e volta) com início e fim naquelas datas. Escreve para -Grupo Coral de Queluz, a/c Bombeiros Voluntários de Queluz, R.D. Pedro IV, 2745 Queluz, indicando idade, profissão e telefone.

Andar

O Edifício Portugal do Banco de Portugal fica a dois minutos do andar à venda na Rua Zaire, 38, especialmente indicado para os bancários que trabalham no novo edifício da Rua Febo Moniz. A porteira mostra da 9 às 11 e das 14 às 16 horas. Informações pelo telefone 2432782.

Tavira — Algarve

Alugo casa na 2.ª quinzena de Junho e 1.ª quinzena de Julho, está bem equipada. Telef. 605669, a partir das 19h.

Ligação

Cavalheiro livre, 43 anos, boa apresentação deseja travar conhecimento com senhora de 28 a 40 anos, sem filhos, que queira um compromisso sério e respeitável. Respostas a Daniel Pereira. Apartado, 432 — 8005 Faro Codex.